

# SERÕES

REVISTA MENSAL  
ILLUSTRADA



## SUMMARIO

SANTA FAMILIA.—AS ESTRADAS DO MUNDO.—UMA VISITA Á BEIRA — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL—O ANIL.—VISÕES D'UM CRENTE.—A FOME EM CABO VERDE.—MINUETE.—UM ESCANDALO PARLAMENTAR.—O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ.—JOLI CŒUR — MODAS.— VARIÉDADES.

VOL. III

DE NOV. A DEZ.—1902

NUM. 16

# SUMMARIO

	Pag.
<b>Santa Familia.</b> — <i>Quadro de B.-E MURILLO</i> .....	194
<b>AS ESTRADAS DO MUNDO.</b> — <i>Por SILVA TELLES.</i> — <i>Com o mappa do Mediterraneo e mais 3 illustrações</i> .....	195
<b>UMA VISITA Á BEIRA.</b> — <i>Por ANTONIO ENNES.</i> — <i>Com 3 illustrações</i> .....	203
<b>A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL.</b> — <i>(Continuação)</i> — <i>Por ALBRECHT HAUPT.</i> — <i>Com 17 illustrações</i> .....	211
<b>O ANIL, sua introducção pelos portuguezes na tinturaria europea.</b> — <i>Por SOUZA VITERBO</i> .....	225
<b>A Mocidade de Jesus.</b> — <i>Quadro de HERBERT</i> .....	227
<b>Adoração dos pastores.</b> — <i>Quadro de RIBEIRA</i> .....	228
<b>VISÕES D'UM CRENTE.</b> — <i>Versos por AFFONSO VARGAS.</i> — <i>Com 4 illustrações</i> .....	229
<b>A FOME EM CABO VERDE.</b> — <i>Por RUY DINIZ.</i> — <i>Com 1 illustração</i> .....	233
<b>MINUETE.</b> — <i>Allegretto.</i> — <i>Por J. P. RAMEAU</i> .....	236
<b>No Jardim de Epicuro.</b> — <i>Reproducção d'um quadro</i> .....	238
<b>UM ESCANDALO PARLAMENTAR.</b> — <i>Por Barbosa Colen</i> .....	239
<b>Mulher egypcia</b> .....	244
<b>O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ.</b> — ROMANCE. — <i>Com 2 illustrações</i> .....	245
<b>Joli Cœur.</b> — <i>Quadro de DANTE GABRIEL ROSSETTI</i> .....	256
<b>MODAS.</b> — <i>Com 3 gravuras</i> .....	254
<b>VARIEDADES.</b> — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — CONHECIMENTOS UTEIS. — POBLEMAS. — XADREZ.....	28

## 40 GRAVURAS

**AVISO.** — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I e ao II volumes da Revista. Por cada encadernação, de que tambem se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

<b>Series de</b> {	<b>3 numeros</b> .....	<b>600</b>
	<b>6 numeros</b> .....	<b>1\$200</b>
	<b>12 numeros</b> .....	<b>2\$200</b>

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio ; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**

# LOPES, LOURENÇO & C.<sup>TA</sup>

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções  
para  
homem  
e  
senhoras



Sortimento  
completo  
de  
tecidos  
de  
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.<sup>o</sup>

Os **SERÕES** teem publicado os seguintes

## MYSTERIOS DA HISTORIA

*Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.*

**Tragedia em Napoles** (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

**O collar da Rainha** (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

**Tragicos destinos** (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

**Predicção historica** (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

**O cabaz de pecegos** (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

**Vingança de Rival** (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

**A torre de Londres** (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

**Tragica historia d'um csar** (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

**Romance d'um principe** (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

**Curiosa confissão d'um rei** (Carlos IX e o assassinio de Coigny). — **Num. 11.**

**Fatal outrevista** (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

**O serralheiro do rei** (Luiz XVI e Gamain) — **Num. 14.**



**O Gato**

Unica casa creada em Lisboa para a venda de Louca das Caldas.

Premiada nas principaes exposições da Europa e da America. Rua da Victoria LISBOA

**Preto**

ASPHALTO NACIONAL

DE

**MARQUES & DOMINGUES**

Encarrega-se de trabalhos em Lisboa e provincias

TRABALHOS GARANTIDOS

LISBOA

POÇO DO BORRATEM, 33

**M. A. BRANCO & C.<sup>a</sup>**

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-cha — Typographia e lithographia — Bilhetes de visita.

Medalha de ouro, Paris, 1900.

Diploma de honra, Exposição de pomologia, Lisboa, 1900

CASA FUNDADA EM 1792

**JERONIMO MARTINS & FILHO**

FORNECEDORES DA CASA REAL

LOJA DE CHÁ

CHIADO, 17 E 19

**ARMAZEM DE VIVERES**

CHIADO, 13 E 15

Fornecedores de mantimentos para navios

Deposito de latas, caixas com fructas para exportação

Numero telephonic 221

Endereço telegraphico Viveres LISBOA



**DAVID FONSECA & FONSECA**

SUCCESSORES DE

**A. C. ENCARNAÇÃO & C.<sup>a</sup>**

Premiados em diversas exposições

25. 27. Rua da Victoria, 29, 31 — Rua dos Correeiros (Vulgo T. da Palha), 74 a 96

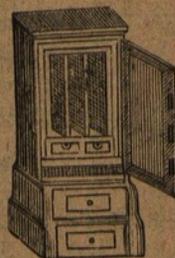
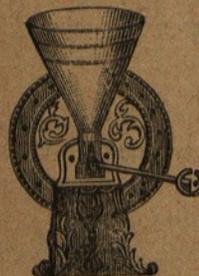
Enorme sortimento de balanças de todos os systemas, pesos de ferro e de latão, medidas de capacidade para seccos e para liquidos, craveiras para medir recrutas e todos os outros artigos de pesar e medir. Moinhos para café, pimenta, trigo, linhaca, cochonilha, alvaiade, etc. Torraadores francezes a vapor para café, ditos nacionaes de diferentes tamanhos. Fogões para sala, ditos fogo circular e central para cozinha e accessorios para os mesmos.



**Cofres fortes de diferentes dimensões e Caixas para joias**

Grande quantidade de prensas e seus accessorios para copiar

Abundante sortimento de louças esmaltada, estanhada e polida de ferro forjado e fundido para mesa e cozinha. Machinas para picar carne e para encher chouricos, ditas para extracto de carne e vegetaes. Talheres. Machinas francezas para assados, ditas para lavar, encher, rolar e capsular garrafas. Lavatorios, tinas e seus accessorios. Variado sortimento de objectos para escriptorio e para todo o genero de estabelecimentos commerciaes e repartições do estado. Ponsões e mais artigos para afferições municipaes. Prensas de socco e de alavanca, timbres rapidos e sinetes, etc., etc.



Officina de serralheria para construcções e reparações

74, Rua dos Correeiros, 96 (Vulgo T. da Palha)

CASA FILIAL — Rua 24 de Julho, 538

N. B. — Não se responsabilisam pelos concertos depositados mais de 30 dias

**MOBILIAS** Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

**PREÇO BARATO**

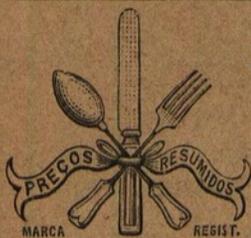
82, Rua Nova da Trindade, 82

**LOJA**

**«UTILIDADES»**

180, RUA DO OURO, 182

LISBOA



Convém a todos examinar o especial sortimento e a modicidade dos preços d'esta casa.

**T**YPOGRAPHIA →  
**EDUARDO ROZA**

29, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rápida e nitida.

**CENTRO MODERNO**

**ALFAIATERIA**

**FERREIRA BRITO & C.<sup>a</sup>**

Fazendas Nacionaes e Estrangeiras

Rua da Prata, 174-176

LISBOA



**PASTILHAS PERFUMADAS**

MARCA «**SANO**»

FABRÍCO APERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

À VENDA SÓ NA

**ANTIGA DROGARIA BARREIRA**

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

**E. E. DE SOUSA**

SUCCESSOR DE FIGUEIREDO

GRAVADOR DA CASA REAL



CASA FUNDADA EM 1819

Gravura em todos os generos e carimbos de borracha os mais aperfeçoados.—Variedade em prensas, sinetes, timbres, tintas de côres para carimbos e para marcar roupa.—Especialidade em bilhetes de visita impressos, lithographados e de chapa.

157, Rua Aurea, 159—98, Rua da victoria, 100, Lisboa

**Carlos Corrêa da Silva**

**RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA**

**DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES**

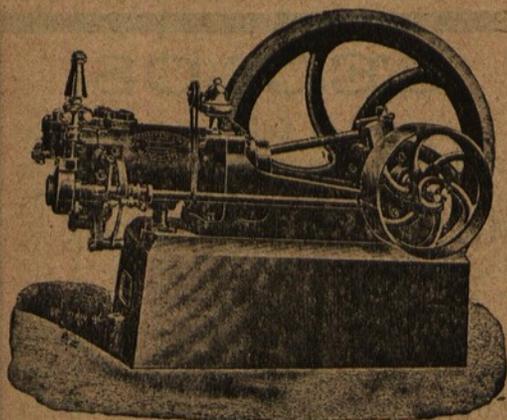
**MOTORES A GAZ**

**CROSSLEY**

**TINTAS DE IMPRENSA**

DE

**CH. LORILLEUX & C.<sup>a</sup>**



**Materiaes para typographia e lithographia**

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes

# MUSICAS PARA PIANO

**Gavota**, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**

**A Resurreição de Christo**, *Oratoria*, por D. LORENZO PEROSI. — **Num. 2.**

**Rachel**, *Valsa*, por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**

**Folha d'Album**, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**

**Feiticeira**, *Valsa*, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — **Num. 5.**

**O que dizem as ondas**, *Valsa*, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**

**Meditação**, *Mazurka*, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**

**Romanza**, por A. BRINITA, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**

**O Tição Negro**, *Serenada do 1.º acto*, por AUGUSTO MACHADO. — **Mum. 10.**

**Dansons!** *Pas-de-quatre*, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**

**Rapsodia d'Agueda**, (*Musica popular*) — **Num. 12.**

**Le Ballet du Roy**, *Gavota*, por LULLY. — **Num. 13.**

**Gipsy**, *Valsa*, por C. L. — **Num. 14.**

**Maria da Gloria**, *Valsa*, por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**

**Colchoaria e moveis de ferro**

10, Largo do Rato, 11  
ESTEVÃO DA SILVA

“A MODA”

João José Martins

MODAS E CONFECÇÕES

172, Rua do Ouro, 174  
LISBOA



**SATURIO PAIVA** Cirurgião dentista, pela Escola de Paris. Doenças da bocca. Collocação de dentes.

**Rua de Santa Justa, 60, 2.º**

(Esquina da rua Augusta)

**João Nunes de Carvalho**  
COLCHOARIA  
E MOVEIS DE FERRO

62, Rua do Loreto, 64 — Lisboa  
(Esquina da Rua da Atalaya)

**Livraria do Telegrapho**

Unica no districto da Horta

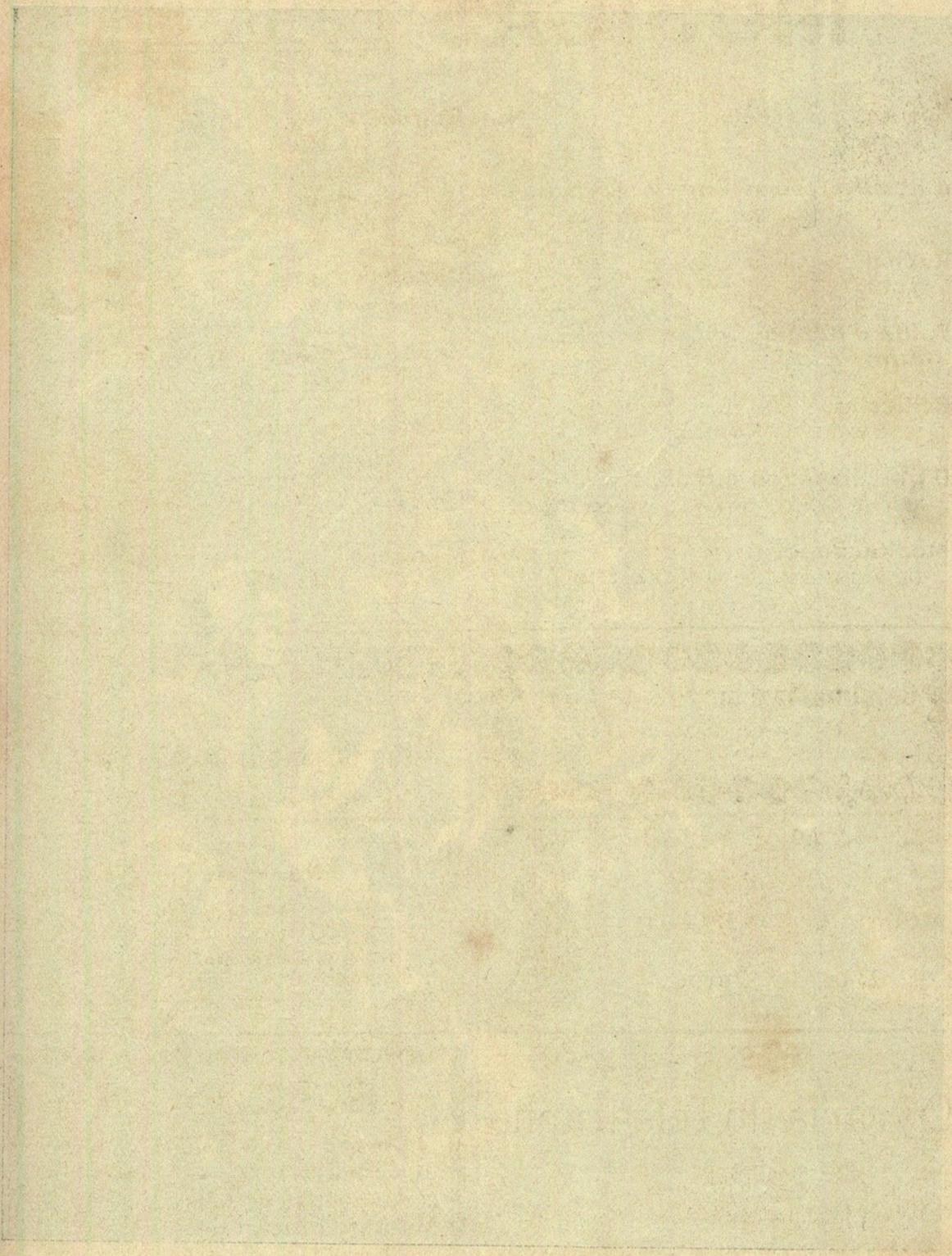
Recebe publicações á consignação.  
Faz propaganda de livros offercidos,  
pois é editora do unico jornal diario do  
districto com larga circulação.

**Dão-se referencias**

**SELLAS**

De todas as colonias, antigos e modernos, pagam-se por altos preços na antiga casa de Faustino A. Martins, Praça Luiz de Camões, 35, Lisboa.

N'esta mesma casa ha a collecção mais importante de bilhetes postaes illustrados, de Portugal, ao preço de 200 réis a duzia ou 17500 réis o cento.



ANNALS

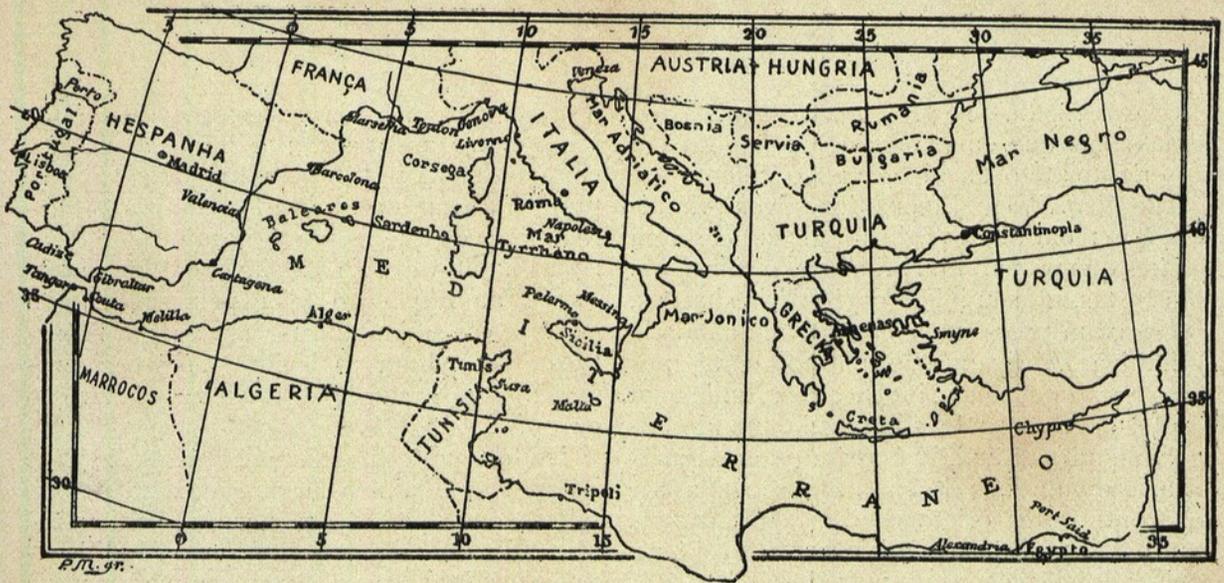
OF THE

ROYAL SOCIETY



SANTA FAMILIA

QUADRO DE B.-E. MURILLO — MUSEU DO LOUVRE



MAPPA DO MEDITERRANEO

## As Estradas do Mundo

Com a publicação do artigo, que segue, encetam os SERÕES uma serie de estudos, devidos á penna scintillante d'uma competencia indiscutivel, o dr. Silva Telles, secretario geral da Sociedade de Geographia, em successão a Luciano Cordeiro, e nos quaes, em synthese, se apresenta na actual luta das ambições e dos interesses das mais poderosas nações contemporaneas a influencia decisiva que as **grandes estradas do mundo**, scientifica e historicamente consideradas, exercem, em todas as suas relações, no desenvolvimento commercial, expansão industrial e preponderancia politica que caracterisam a nossa época de febre invencivel do poder e da riqueza.

A MORPHOLOGIA dos continentes, nas suas relações com a hydrosphera e interpretada pelo moderno criterio das sciencias geographicas, revela que tanto o *Velho* como o *Novo Mundo* soffreram como uma deslocação para o oriente e d'essa deslocação dos eixos lithosphericos resultou uma grande depressão transversal, central, estendendo-se do mar das Caraibas e golfo Mexico até a Malasia, colhendo na sua passagem a zona do Mediterraneo, dos golfos Persico e Arabico e o norte da peninsula industanica. Os continentes, durante a torsão soffrida, promoveram a formação de tres *mediterraneos* com caracteres analogos, com significação geographica similhante, mas de categorias diversas pela sua situação. A depressão inter-americana, em plena zona tropical; a malasica, cortada pelo equador, e a mediterranea propriamente dita, na transição dos climas sub-tropicaes para os temperados.

Este facto, de se encontrar na parte mais septentrional da curva formada pela depressão transversal da morphologia da terra, con-

stituiu a condição geographica primordial que fez do Mediterraneo o mais apto dos tres mares para a evolução civilizadora da humanidade. Colocado no meio do caminho, entre o extremo-oriente e o continente americano; não tendo a contrariar a passagem dos povos, vastos oceanos, como o Pacifico e o Atlantico; livre da influencia subjugante da hyperthermia tropical, o Mediterraneo, com uma linha de costas como nenhum outro mar, offerecia as mais favoraveis condições ao desenvolvimento cultural das raças humanas. E como á superficie da terra os phenomenos se mostram e se succedem syntheticamente, em plena harmonia dinamica, os povos de maior capacidade intellectual surgiram para o progresso em volta e nos flancos orographicos d'esse mar. A civilização fixou-se melhor onde melhor lhe offereciam vantagens para se estender e profundar.

De tres grandes espinhas dorsaes partem, á superficie da terra, as variações lithosphericas: a americana, a euro-africana e a asio-australiana. A primeira, ladeada por vastos oceanos, espalha-se, em dois terços da sua su-

perficie, pelas regiões frias e regiões intertropicais. A segunda e a terceira, separadas, talvez, em edades geologicas, pelo valle do Obi e do Caspio, ligam-se e prolongam-se em vastissimas zonas que, em planos inclinados, descem ao oriente até o Pacifico, e ao occidente até o Atlantico. São passagens dos povos primitivos que tem direito á historia, planicies sem limites que prepararam brilhantes civilizações. Mas estas, no seu inicio cheio de hesitações, precisavam precaver-se contra a animalidade primitiva. Abrigaram-se naturalmente, por uma acção collectiva, inconsciente, onde uma protecção natural lhes permittiu um desenvolvimento gradual. E é assim que o Hymalaia, as montanhas do Pamir, prolongadas até os contrafortes orientaes do Mediterraneo, que o Atlas e a vasta planicie que se prolonga, pelo alto Egypto, até o mar Vermelho, e os relevos orographicos da Europa central e occidental, formaram os limites das grandes civilizações do mundo, creando barreiras e permittindo que uma ebullicão intellectual de milhares de seculos se fizesse, protegida e auxiliada pela natureza.

De toda essa immensa facha onde a civilização se formou e d'onde se espalhou para outras regiões, é a bacia do Mediterraneo a mais estrategicamente completa, a mais rica pelas vantagens que offerece, a mais opulentamente dotada dos elementos necessarios para o avanço intellectual e moral das sociedades humanas. Porém, á sua extensão actual, aos limites que ás suas aguas marca a geographia commercial, estão subordinadas vastas regiões que, mais ou menos regularmente, descem até a depressão transversal entre as tres partes do Velho Mundo. Os valles do Ebro e do Rhône são planos inclinados que vão morrer nos abysmos do mar das Gallias e no mar das Baleares. O Archipelago, o Marmara, o Negro e o Azoff, com as chanfraduras abertas no solo pelos rios Dnieper, Dniester e o Don são ainda naturaes dependencias do Mediterraneo. E nos tempos geologicos, muito alem dos periodos primitivos das civilizações prehistoricas, tambem a Lybia, uma parte do Sahara e do valle do Nilo concorriam para a formação da bacia mais importante da terra. Milhares de rios, caminhando em declives successivos, levam as suas aguas aos differentes mares secundarios da grande depressão e constituem outros tantos caminhos de passagem aos povos, nas suas migrações. E a sua função historica foi tão notavel, que as civilizações mediterraneas, creadas nas margens d'esse mar, seriam inexplicaveis sem as estradas secundarias por onde se fez o transporte, em todas as edades, do que os centros principaes da activi-

dade iam successivamente produzindo ao oriente e ao occidente. A depressão euro-africana, como um immenso valle, é ladeada e protegida por corôas successivas de montanhas, entre as quaes, por largas aberturas, como tentaculos de polvo, se praticava, e se pratica, a osmose civilizadora entre os differentes povos que as percorriam ou que essas zonas habitavam. E só assim se comprehende como, na inspecção feita pela prehistoria, esses povos se juntam, trocam as suas industrias e preparam as civilizações grega e romana, donde surgiu a moderna civilização europeia.

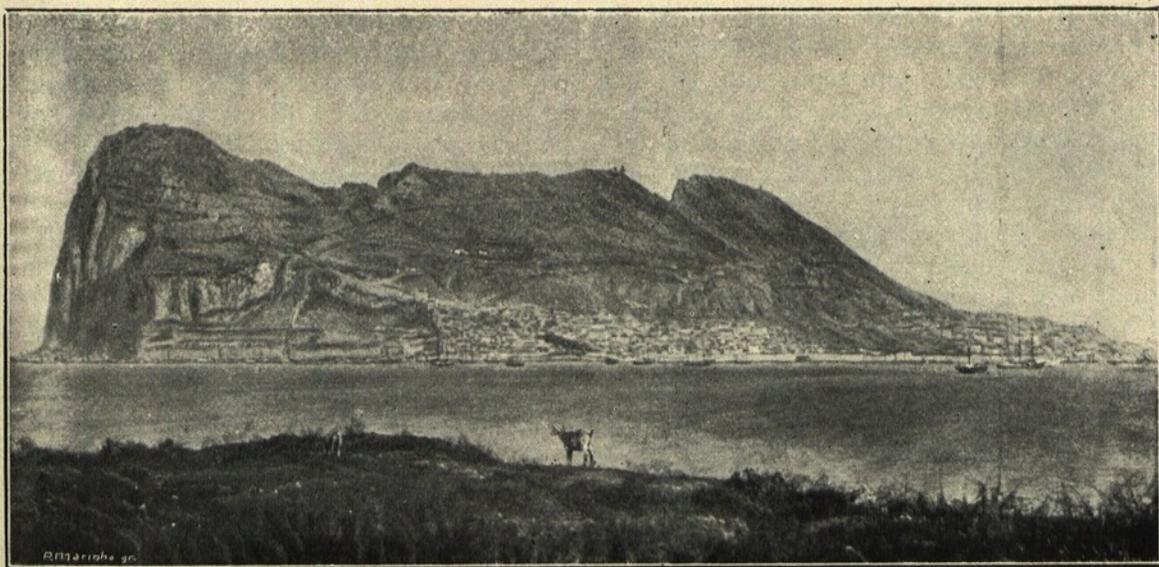
De leste ao oeste, n'uma extensão de 3750 kilometros e n'uma largura maxima de 800 kilometros, apertado por varias peninsulas, semeado de milhares de ilhas, o Mediterraneo, devido ás causas que promoveram a sua formação, apresenta tres profundos abysmos, tres fundões, que são os centros respectivos dos tres segmentos em que se pode dividir a grande depressão euro-africana: o *valle* do mar da Sardenha, o do Jonico e o do Mediterraneo oriental entre o Egypto e a ilha de Creta. Estes tres valles são cercados por altos rebordos montanhosos: o primeiro fechado pelo Atlas e pelo enorme dorso montanhoso que percorre a Sicilia, a peninsula italiana, até se engrenar com o systema pyrenaico; o segundo protegido pelo Sahara ao sul e envolvido ao norte e leste pelas altas regiões montanhosas da Grecia, Albania e Italia meridional; o ultimo, ladeado pelo Libano, os montes Taurus com todos os seus contrafortes ao sul e ao oeste.

A cada um d'estes tres segmentos pertence, na historia do mundo, uma época especial. Ao valle oriental ou mar Levantino se prende a primitiva civilização *mediterranea*; ao valle central ou mar Jonico, a civilização grega, e á bacia occidental do Mediterraneo e, successivamente, nos segmentos de que se compõe, na direcção geographica L.-O., a hegemonia romana. Estes factos confirmam a absoluta dependencia em que se encontra o espirito humano, na sua progressão gradual e ininterrompida, das condições geographicas do meio, quer se trate do desenvolvimento economico dos povos, quer da sua evolução intellectual ou da sua superioridade politica. Foi assim no tempo em que os gregos dominaram no Mediterraneo e o mesmo se tem observado desde essas épocas primitivas até os tempos modernos. E, como meio geographico civilizador ou cultural, nenhum favoreceu melhor as raças humanas do que a grande depressão euro-africana.

De nivel inferior ao Atlantico e ao mar Ver-

melho, pouco influenciado pelas marés, sem grandes correntes a precipitar as suas aguas em direcções desencontradas, sacudido e refrescado pelos ventos do norte e do nordeste, aquecido ao sul pela respiração do Sahara, — o Mediterraneo, com as suas ondas curtas, batidas em varias direcções, quebradas e contrariadas pelas numerosas ilhas e peninsulas, que ora apertam, ora alargam os valles maritimos, foi sempre uma escola de navegação e d'esta saíram os mais audazes marinheiros do mundo. Energicos lutadores, promptos a receberem o ataque dos phenomenos mais inesperados, dos assaltos mais violentos do mar, os povos que bordavam os contornos do Mediterraneo

pouco e pouco, mas tambem, gradualmente, ir sobrepondo camada sobre camada, a diminuir a profundidade dos seus abysmos. E assim como o meio geographico veio soffrendo, desde os periodos geologicos mais remotos, oscillações que, embora não alterassem profundamente e nas suas linhas mais largas a grande depressão transversal, lhe imprimiram modificações sensiveis, assim, tambem, as civilizações que floriram no Mediterraneo, embora fôsem diversas desde as épocas mais remotas da prehistoria, firmaram estadios sociaes cujas mutuas dependencias dão direito a consideral-as como evoluções successivas de um mesmo corpo. E' que no Mediterraneo, pela sua morphologia especial,



GIBALTAR E O SEU PORTO

crearam, na dureza e difficuldades das suas empresas, uma tempera de aço, vigor sem igual, vigor que fez imperios e dominou em todo o mundo. Ensina-nos a phisica do globo que pouquissimas zonas possui, de maior instabilidade, a superficie da terra. E', geologicamente, um desencontrado de falhas profundas que se traduzem em oscillações frequentes do solo, em erupções vulcanicas e alterações sismologicas em todas as suas margens. Foi essa a sua feição primitiva e, pelas mesmas causas se modificou com frequencia o seu aspecto geral. As costas que hoje se deprimem elevaram-se outr'ora; as que hoje se elevam submergiram-se, a pouco e pouco, em tempos geologicos. E, d'essa instabilidade, surgiram phenomenos como os de rasgamentos de estreitos, formação de umas ilhas e desaparecimento de outras. Zonas ha no Mediterraneo, no Adriatico por exemplo, em que o mar se encarrega de ir roendo a

as populações e as condições geographicas do meio se encontraram perfeitamente identificadas como factores necessarios de um producto. E', por isso, licito suppôr que a Europa e a Africa se encontrassem em comunicação nas edades primitivas, por tres relevos que separariam, então, os tres grandes valles actuaes do Mediterraneo: a Creta ligada ao grande morro saliente da Cyrenaica e fechando, ao occidente, o mar Levantino; a Sicilia, presa a Tunis, comprimindo ao nordeste o valle central ou mar Jonico; a Iberia, prolongando a Serra Nevada, para o sul, até se encontrar com os desfilad:iros do Atlas e conservando cerradas as portas que communicam hoje o Atlantico com o mais historico e o mais importante dos segmentos do Mediterraneo. Se cada um d'estes teve na historia o seu papel e manifestou-se com feição sua; se nos estadios das differentes civilizações que occuparam o mar euro-afri-

cano, passando do oriente para o occidente, o typo cultural ganhou um aspecto peculiar, ainda hoje, apesar do cosmopolitismo social que pretende unificar, pelos interesses economicos, as nacionalidades que cercam o Mediterraneo, estas conservam, com as tradições ethnicas primitivas, um cunho de individualidade que permite considerar como relativamente autonomos os tres sectores da grande estrada maritima para o oriente.

A *bacia occidental* é neo-romana. Na Hespanha, no sul da França e na Italia, embora se encontrem dois typos ethnicos, o *ibero* e o *ligure*, levemente mestiçados com os elementos *louros*, a tradição cultural é latina: é o imperio romano do occidente transmittido pelas linguas, costumes, leis, até nós. Foi n'esta parte do Mediterraneo que mais intensamente se manifestou a civilização romana e foi n'ella, justamente, que os seus moldes se conservaram, modificando-se levemente consoante condições especiaes a cada povo. E', por herança historica, um *mar latino*; é, por tradição pre-historica o centro de expansão de uma raça que tem hegemonia ethnica nas duas peninsulas e em todo o sul da França. Quaesquer que sejam as oscillações que na politica mundial soffra a metade occidental do Mediterraneo, é incontestavel, perante todas as afirmações das sciencias anthropo-sociaes, que aos povos, que herdaram de Roma a lingua, a religião, os codigos e os costumes, pertence o privilegio do mando, — por direito ethnico, — no mar que se estende do estreito de Gibraltar ao estreito da Sicilia.

A *bacia central*, cujo valle mais profundo é o mar Jonico, traduz o encontro de raças diversas e estabelece a passagem entre a civilização do oriente e o antigo mundo romano. Prolongando-se ao norte até a mais funda reintrancia do Adriatico e ao sul até ás planicies desertas que bordam a Grande Syrta, põe-se em contacto com povos os mais diversos, representantes de ramos ethnicos antagonicos. O *ibero*, o *ligure*, o *slavo*, o *hungaro*, o *turco*, e ao sul o *arabe* em vez do *berbere*, significam o encontro de dois grandes typos da civilização, um accentuadamente romano, outro com ramificações orientaes, vindas dos confins extremos da Asia, d'onde partiram os *turanianos*. A parte occidental da península dos Balkans exprime melhor, nas tendencias dos seus estados actuaes, essa mestiçagem da Europa occidental com as idéas e raças do oriente. Albanêses, croatas, montenegrinos, gregos modernos, embora ethnicamente se possam filiar nos elementos slavo e ibero-ligure, constituem, pela sua cultura, a herança, mais ou menos disfarçada,

dos povos que fizeram a hegemonia de Constantinopla. Graças a esta diversidade anthropologica, não poude a civilização grega unificar-os pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas tendencias culturaes. Religiões, leis, linguas e tradições encontram-se engrenadas sem se fundirem; não se justapõem nem se estratificam: são agrupamentos sem as affinidades que ligam os povos que cercam o *mar latino*. Assim se conservam, por emquanto, tornando difficil, se não impossivel, o sonho de uma grande Croacia que se prolongasse do Danubio até os limites da Albania.

O mar Bysantino é todo *oriental*. A sua forma caracteristica provem, pelas suas adherencias culturaes com a Asia, de uma fusão *hamito-semita* fortemente infiltrada pelas invasões *turanianas* de elementos muito diversos dos que predominam nos outros segmentos do Mediterraneo. As civilizações do Egypto, da Judéa e dos valles do Tigre e do Euphrates conservam nos povos levantinos uma significação de herança que exprime, — na sua diversidade, reconhecida na Anatolia, em Creta, no Egypto e na Palestina, — um typo inconfundivel e que ainda hoje, depois de milhares de seculos, traduz, deformado, a civilização prehistorica pelagica, que preparou a cultura grega. Que sejam diversos os caracteres pelos quaes se distinguiram a civilização egypcia e as dos valles do Tigre e Euphrates; que a hegemonia turaniana em Constantinopla, vencendo o poder romano, esmagasse as pretensões dos povos europeus, succedeu na antiguidade, e observa-se ainda hoje, que o mar Levantino, pelos paizes que o cercam, revelou-se, por todas as manifestações que exprimem uma civilização, uma dependencia do oriente. E ainda hoje deve assim ser considerado.

Quer geographicamente, quer ethnicamente, desde os tempos mais remotos até hoje, a começar das épocas prehistoricas até os nossos dias, os tres segmentos do Mediterraneo tiveram uma *personalidade* especial, foram entre si differentes, embora, do oriente para o occidente e vice-versa, a passagem se faça sem fortes obstaculos. E os que se encontram na marcha das civilizações proveem de causas dependentes justamente dos factores humanos e geographicos, o que mais uma vez justifica esta intima correlação em que sempre se encontram os dois elementos da civilização, meio e raça.

Dos typos ethnicos dominantes na Europa, é o *ibero*, de proveniencia igual á dos *numidas*, que domina no *mar latino*. O *ligure*, preponderante em pequenas regiões do norte da Italia e na Saboia, tende a fundir-se com o

ramo iberico dando cruzamentos em grande numero entre o Rhône e o Pó. Foi pelos valles do Garonne e do Rhône que os primeiros habitantes da bacia occidental do Mediterraneo se adiantaram para o norte das Gallias. Em toda a Italia meridional, da Toscana até a Sicilia, o typo *mediterraneo* conserva a sua superioridade numerica. Foram tambem os numidas, berberes de raça, que se espalharam até os confins da Lybia e, na sua expansão, fecharam a outras raças o dominio ethnico no occidente do Mediterraneo. Desde os tempos primitivos, da mais remota prehistoria até hoje, a sua dominação pelo numero conservou-se intacta, exclusivamente sua.

Nenhuma raça creou mais fundas raizes. Raças louras do norte, ligures, semitas, cortaram o Mediterraneo nas suas successivas invasões e da sua passagem só restaram fragmentos dispersos de povos cruzados, que não alteram profundamente a homogeneidade ethnica da bacia occidental. Esta foi no passado como é hoje: a habitação de uma raça, que, apesar de se espalhar em varios sentidos, conserva a sua maior força nas terras que cercam os fundos valles entre a Iberia e a Sicilia e entre a Aquitania e a Mauritania.

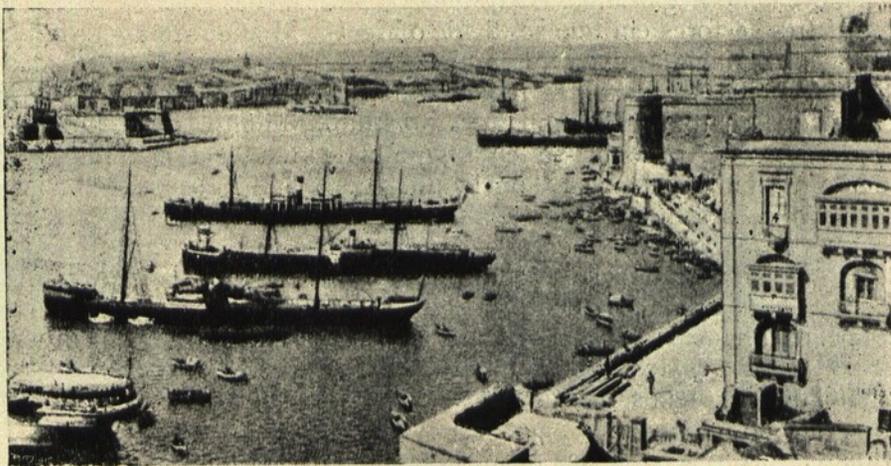
Mas esta afirmação não importa a confissão tacita de que a civilização latina proviesse d'esse ramo da especie humana. Que fôsem os *celtas louros* a camada superior que fez a Roma intellectual e militar; que os *celto-ligures* tivessem auxiliado a civilização latina, o que é indubitavel é que esta civilização foi recebida, foi adaptada pelos iberos que povoaram as duas peninsulas e a Aquitania, modificando-se consoante o genio especial de cada povo.

A hegemonia romana não significa a existencia de uma raça latina, que é, para os competentes, uma simples heresia scientifica. O polymorphismo ethnico na Italia e a supremacia *umbrica* deram, talvez, á civilização romana a sua feição caracteristica. É provavel que, nos primeiros tempos de Roma, o elemento ibero não influísse no seu progresso militar; porém, mais tarde, com a invasão da Iberia e da Aquitania, os povos mediter-

reaneos são já um factor importante na marcha da civilização que se firmou no sudoeste da Europa.

Successivas investigações archeologicas e de prehistoria confirmam a mais authentica das afirmações feitas pelas sciencias anthropologicas: que a bacia occidental do Mediterraneo, desde os primeiros tempos do aparecimento do homem, — a julgar pelos factos registados, — foi *habitat* original, exclusivo, de um typo ethnico, ao qual se filiam os povos que cercam actualmente essa zona hydrographica.

Na bacia central, em volta da expansão do mar Jonico, não se observa actualmente, como dissemos, nem existiu nos tempos primitivos, a mesma homogeneidade ethnica. Povos do oriente, chegados em migrações lentas, ahi se encontraram com os iberos e



MALTA — O GRANDE PORTO

outros povos, porém com menor frequencia, oriundos da Europa. É assim que, durante os periodos mais brilhantes da civilização grega, ao lado do bysantino encontra-se o celta louro — dos *round-barrows* — que se espalhou, em épocas prehistoricas, por toda a Europa central e n'uma grande parte da meridional, e a quem se deve, talvez, a mais bella floração do movimento intellectual da Grecia antiga. O slavo não é oriundo da região jonica; o ligure veio do oriente e os *celtas da historia* pertencem, como os slavos verdadeiros, a um grupo humano cuja origem se discute ainda na sciencia moderna. De sorte que a *bacia central*, percorrendo-se toda a historia do passado, não traduz uma individualidade anthropologica caracteristica. E' o encontro fortuito de povos que, pelos caminhos naturaes que vão dar á depressão do Mediterraneo, se confluíram, resultando da sua aproximação o aspecto heterogeneo

que sempre caracterizou esse segmento central e cuja falta de uniformidade se manifestou na politica, nas religiões e na arte.

Ainda hoje, depois de milhares de seculos, quando seria licito suppôr que as facilidades de communicacão tornariam rapidos os phenomenos de osmose ethnica entre os povos de um e de outro lado da bacia central, a heterogeneidade persiste e a diversidade ethnica é uma verdade reconhecida.

O mar Levantino tem, pelo contrario, a sua individualidade propria. Os *hamitas* e os *semitas*, desde os tempos immemoriaes; tiveram n'elle os seus mais rijos combates. E qualquer que seja a influencia que as raças propriamente europêas tivessem na marcha dos acontecimentos no Mediterraneo oriental, é incontestavel que a civilizaçãõ d'este creou-se, para se sumir mais tarde, pelo esforço quasi exclusivo dos povos orientaes.

Não é licito negar largas dependencias entre os tres sectores em que se divide o Mediterraneo. Seria infundada a hypothese de se suppôr que cada uma das regiões traz um desenvolvimento completamente autonomo. O encontro das raças faz-se lenta e gradualmente e é tambem com a mesma lentidãõ que as idéas e os sentimentos se manifestam, se trocam, embora cada povo, cada agrupamento natural, conserve os seus predicados tradicionaes, a sua feiçãõ typica peculiar. Vão já longe na sciencia os *movimentos bruscos*, as *grandes catastrophes*. E da somma dos infinitamente pequenos que a vida se compõe. E a vida humana na sua mais vasta collectividade, que é a vida das raças, tambem se organizou gradualmente, o que permite que encontremos, á parte feições especiaes em cada agrupamento, caracteres affins que exprimem uma approximaçãõ natural entre as tendencias intellectuaes e moraes de todos esses povos.

Este criterio em materia anthrop-social esclarece-nos sobre as apparentes anomalias registadas em todas as manifestações das civilizações do Mediterraneo. Mas uma critica imparcial poderá verificar que não ha soluçãõ de continuidade sensivel entre o espirito levantino e o jonico e que este prepara a passagem da civilizaçãõ oriental para o espirito romano, que conserva os seus mais fortes baluartes na bacia occidental, entre os povos que a cercam desde os tempos mais remotos. A' significacão geographica do Mediterraneo correspondem os agrupamentos humanos e estes traduzem as tres grandes etapas porque a civilizaçãõ passou em torno da grande depressãõ euro-africana. Meio geographico, povo, e cultura, n'uma synthese de phenomenos admiravel, traduzem, nos destinos do Medi-

terraneo, um finalismo anthrop-social, que mereceria um detido exame, porque n'elle encontramos a explicacão dos phenomenos politicos da actualidade.

A civilizaçãõ não veio trazida como um bloco por uma raça asiatica. A *miragem oriental* é uma phantasia creada pelos philologos e que tanto os prehistoricos como os archeologos rejeitam. A civilizaçãõ, como um immenso corpo de idéas, sentimentos e tendencias, formou-se, gradual e constantemente, dentro dos limites naturaes, geographicos, que indicámos, e essa infiltraçãõ lenta, entre todas as camadas contiguas, fixou os caracteres culturaes de tal modo, que qualquer interferencia dos povos do norte da Europa será, no Mediterraneo, uma fixaçãõ exotica, sem viabilidade ethnica, de pouca resistencia nativa. Pelos seus caracteres geographicos, pela sua constituiçãõ geologica e as suas relações com os paizes africanos e asiaticos, o Mediterraneo era o meio mais propicio para o desenvolvimento dos povos que n'essa depressãõ se teem encontrado desde as edades primitivas até hoje. Esses povos, pelas suas tendencias, e influenciadas pelas condições ambientes, tinham de se exteriorizar, traduzindo, pela civilizaçãõ, o conjuncto que differencia entre si os tres segmentos. Assim succedeu durante as épocas prehistoricas e é hoje ainda a feiçãõ caracteristica que se observa na cultura das nações que cercam a depressãõ transversal entre a Europa e a Africa.



Conhecida, nos seus traços geraes, a significacão geographica do Mediterraneo; interpretada, n'um rapido e summario esboço, os delineamentos do seu povoamento humano; indicadas, de passagem, as suas principaes phases culturaes que se manifestaram em todas as edades da humanidade, vejamos qual a significacão politica e economica d'esse mar e assim teremos comprehendido muitos dos phenomenos da historia e muitas das ambições politicas dos tempos modernos.

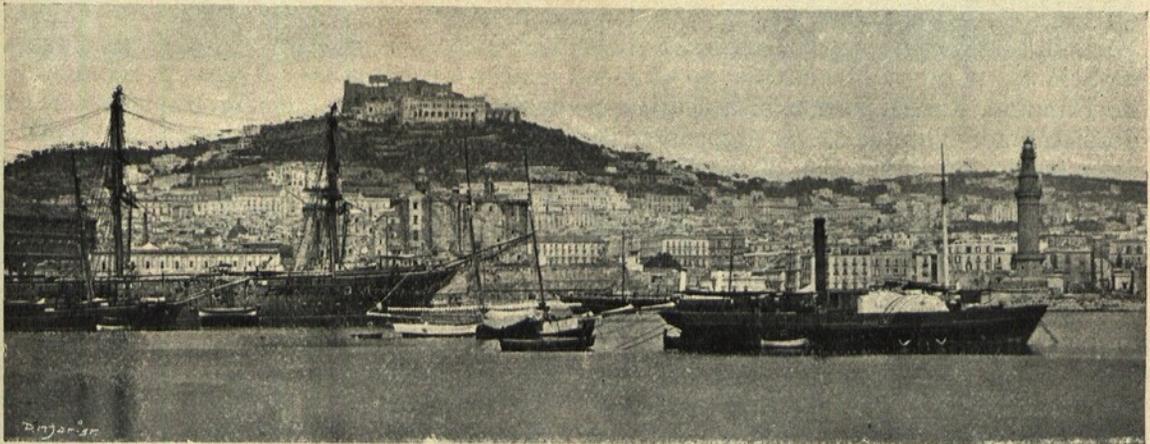
A funcção politica e a funcção economica do Mediterraneo são aspectos do mesmo problema. Nenhuma nação póde adquirir a supremacia economica sem que a preponderancia politica se não manifeste conjunctamente. Não ha hegemonia politica no Mediterraneo que a historia não mostre ter sido acompanhada, para a nação que a adquiriu, de uma igual força na distribuicão da riqueza. No tempo em que Veneza tinha o monopolio do commercio com o oriente já se previa como o mando nos destinos do Mediterraneo era o segundo aspecto da supremacia commercial. Com os phenicios, com os carthaginezes, com

a Grecia e, posteriormente, com o imperio romano, nunca a depressão euro-africana falhou na confirmação da grande verdade historica que, para mandar com soberania reconhecida na politica do Mediterraneo, torna-se indispensavel que os elementos da força militar e estrategica andem harmonicos com os elementos que facilitam os interesses economicos. Esta duplicidade social foi, mais ou menos accentuada, a principal caracteristica de todas as dependencias do grande mar em volta do qual se firmaram os grandes principios do saber humano e d'onde saíram as tradições que deram origem aos maiores Estados do mundo moderno.

O Mediterraneo é a estrada mais curta que liga o Atlantico ao Extremo-Oriente. Este e as terras da Asia occidental, com a Austra-

mercio drena a producção dos paizes mais avançados e são tambem os caes onde embarcam as materias primas que as industrias europeas não encontram nos paizes intensamente aproveitados da velha Europa.

Para que essas materias primas sejam conduzidas aos nossos centros industriaes, de onde hão de ser devolvidas para os paizes da sua producção, sob a fórma de productos manufacturados, é indispensavel a estrada do Mediterraneo. Alexandria é o *terminus* de todo o valle do Nilo. A sua dominação importa á supremacia politica desde o delta até as regiões dos lagos da Africa central. E' pelo rio que desce todo o commercio que se faz do Cairo a Khartum e d'esta cidade ao lago Victoria. E' uma estrada subsidiaria do Mediterraneo, um dos grandes tentaculos



NAPLES E O SEU PORTO

lia e com a Africa oriental, são os paizes que indicam o caminho que os povos europeus, que mais teem progredido na producção da riqueza, devem percorrer, com o genio natural que leva esses povos vigorosos a derramarem a sua influencia para alem dos limites geographicos do occidente. Oitocentos milhões de consumidores são servidos pela estrada do Mediterraneo. A nação que mais alto levantar n'este mar a sua bandeira será tambem a mesma que ha-de assistir, como melhor lhe convier, á passagem das correntes do commercio. As maiores agglomerações que bordam o Pacifico e o Indico estão situadas á porta dos caminhos que põem os dois oceanos em communicação com as regiões interiores do velho mundo. Alexandria, Bassora, Calcutá, Bangkok, Cantão, Shanghai, Tsin-Tsin, e dezenas de outras cidades que teem os seus interesses ligados ás vastas regiões da Africa, da Arabia, Persia, India, Indo-China, Mongolia e do imperio chinês, são as entradas naturaes por onde o com-

do polvo que absorve a maior parte das riquezas do mundo. Bassora, a poucas horas de Koweit, é a saída dos fertilissimos valles do Chattel-Arab. Os productos da Anatolia descem com mais facilidade por successivos planos inclinados, que formam o leito do Tigre e do Euphrates, até ao Golfo Persico. Carachee e Calcutá, pelo Indus e pelo Ganges, arrastam as riquezas que as planicies do norte da India e as florestas dos flancos do Hymalaia criam ininterrompidamente. A sua influencia transpõe as regiões montanhosas e vae pedir aos afghans o melhor que a terra lhes offerece. Ragoon, com as chaves do Irauadi; Saigon, guardando o Mekong; Bangkok dominando o Meinam, são, com os outros centros indicados, os entrepostos do commercio internacional na sua expansão pelas vastissimas regiões da Asia e da Africa. E, se juntarmos ás necessidades economicas do velho continente as da Australia e das vastas e riquissimas ilhas da Malasia e da Polynesia, comprehende-se

bem o que representa, na historia e nos destinos do progresso humano, a immensa estrada do Mediterraneo. O Oriente inteiro, a Oceania e uma grande parte da Africa vassam no Mediterraneo as suas melhores riquezas, que vão depois, por caminhos diversos, para todos os centros principaes da Europa. São as raças superiores, collocadas no extremo occidental do Velho Mundo, as que consomem ou transformam o que os povos mais diversos, por todas as estradas naturaes, vão vendendo aos importadores do occidente.

Pertence ao Mediterraneo a funcção de distribuir por todos os valles do norte, pelos mares que concorrem para a depressão euro-africana, pelas rêdes hydrographicas em cujas margens florescem as cidades mais populosas do mundo, toda a riqueza trazida do oriente e do sul. A primeira etape é no mar Levantino: é o caminho da Grecia, é a porta de Salonica pondo a Macedonia ao alcance do Danubio. Russia, Romania, Bulgaria e a desmembrada Turquia são as dependencias naturaes do Levantino. São os povos slavos, que recebem a senha do Czar da Russia, os que mais proximo se encontram das portas do oriente e são elles tambem que, pela voz do mesmo imperio, julgam fazer pesar um dia, nos destinos do Mediterraneo, o seu grande vigor nascente.

Pelo valle Jonico, que teve, nos brilhantes fastos de Veneza um papel proeminente, vae-se ao fundo do golfo Adriatico, braço do Mediterraneo que poderá, um dia, se vingarem as ambições, por emquanto nebulosas, da Allemanha, representar uma funcção de immenso alcance na politica mundial. Pela Austria, a Hungria, o valle do Pó e por toda a larga facha cerrada pelos Alpes, os productos do oriente tem um caminho rapido e seguro de se espalharem para o norte da Europa.

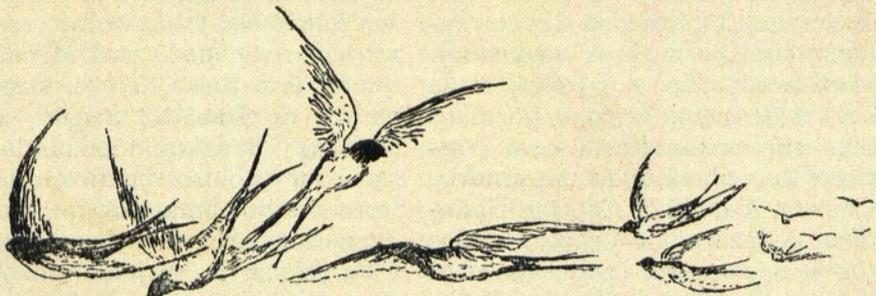
O mar latino, onde a civilização é abso-

lutamente europêa, occidental, é a ultima das etapes, para alem da qual o Atlantico recebe as linhas do commercio e dirige-as para os principaes centros industriaes e consumidores do norte da Europa.

Se outros argumentos não tivessemos indicado a favor da personalidade que distingue cada um dos segmentos do Mediterraneo, bastaria o estudo da funcção commercial e economica que pertence a cada um d'elles, para que se possa concluir que, no oriente, pretende por emquanto, dirruindo os vestigios das civilizações antigas, impôr-se o elemento slavo, a quem só falta investir com o estreito de Constantinopla. O mar Jonico, que a Italia, com a posse da Tripolitana, quereria transformar em seu proveito, é uma interrogação nos futuros destinos do Mediterraneo. Ha que contar com as ambições da Allemanha, com a provavel desaggregação do imperio austriaco e, alem dos intentos da Italia em relação á Albania, com o vigor, por emquanto mal orientado, que deixam transparecer os povos occidentaes da peninsula balkanica.

Até nas suas relações com as zonas centraes e septentrionaes da Europa, o Mediterraneo como que se triparte, pertencendo a cada segmento uma missão especial. Porém, essa divisão, que facilita ou contraria ambições particulares, se politicamente ha de um dia manifestar-se soberanamente, não diminue de modo algum a influencia civilizadora da primeira estrada que faz communicar o oriente com o centro da civilização universal. Porém, as chaves do Mediterraneo, ao oriente e ao occidente, precisam estar guardadas de modo que de Gibraltar a Alexandria fique sempre livre o caminho e não se repita no futuro o que tem sido uma verdade registada pela historia, de que sempre dominou no Mediterraneo a nação de maior poder maritimo e a que mais forte se mostrou pela sua riqueza e commercio.

SILVA TELLES.





CASA DO GOVERNADOR DA COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE EM 1891

# Uma visita à Beira

POR ANTONIO ENNES

**E**STAMOS na Beira!—vem dizer-me o tenente Leotte do Rego, depois de ter sondado longamente o oceano com o binoculo.

Estavamos na ponte do *Euxène*, um veterano marsehez, alcachinado mas solido, que a Mala Real portugueza tinha assalariado para fazer o serviço da costa, enquanto o *Tungue* se concertava.

Olhei attentamente em derredor, olhei na direcção que me apontava a mão do meu secretario, e só vi mar e céu cinzentos, unidos lá ao longe por uma sutura mais sombria. Apesar de correr o mez de julho, o tempo estava chorão. Distinguiam-se aguaceiros distantes, que pareciam marcados a traços obliquos de lapis sobre a vellatura triste do panorama.

— Já se avista a primeira boia ; proseguiu o meu interlocutor, entregando-me o binoculo.

De feito, apontando-se o olhar pela amura de estibordo divisava-se, a vacillar na agua, um ponto negro, que a carreira do paquete depressa desenvolveu em bojuda boia, sobrepujada por uma haste de ferro. Fômos para ella ; mas, quando já se reconheciam os limos verdenegros que a franjavam ao rez da agua, ainda se não enxergava uma sombra de terra. Distava d'ali umas doze milhas para oeste, e é tão rasteira que se some por detrás dos mais espalmados seios do mar. Aquella boia é o unico signal exterior do porto da Beira. Se desapparecesse, os navios que demandassem o apregoado caes de Manica gastariam dias e semanas a procurar com a sonda o canal

---

<sup>1</sup> O artigo, que n'este lugar se publica, era destinado a ser o primeiro capitulo da quarta parte do livro de **Lisboa a Moçambique**, conforme delineara a obra o primoroso escriptor, tão permaturamente fallecido. O seu assumpto tem n'este momento uma actualidade palpitante. As grandes companhias coloniaes, administradoras de vastos territorios da nossa Africa, chamam cada vez mais a attenção geral. O artigo occupa-se das primeiras épocas do estabelecimento da **Companhia de Moçambique**; ao cabo da publicação d'este estudo, os SERÕES darão uma nota complementar sobre a situação actual d'esta e seu progressivo desenvolvimento, realizado n'estes ultimos dez annos.

que ella marca, e antes de o descobrir talvez se desfizessem no immenso banco de Sofala. Esse banco defende de approximação, e defendeu por muito tempo das investigações dos mareantes, a costa baixa em que o Busi e o Pungue se derramam no oceano. Todas as derrotas passam muito ao largo d'ella, e só se pode visital-a seguindo a estreita vereda quebrada, que as correntes dos rios traçaram em vasta planicie de areia e lodo, sobre a qual o mar borbulha como se fervesse. Custou a descobrir essa vereda, e ainda custa a encontrar-lhe a primeira marca exterior. Equivale a achar um feijão no caldeiro do rancho! dizia-me um marinheiro. Actualmente já a terra se denuncia mais, porque nas suas orlas foram erigidos um mastro semaphorico e uma torre phantasiosa destinada a observatorio meteorologico; mas estas mesmas culminancias só se revelam a quem se deixa descair para o banco fiado na sua basilegem.

Da boia grande avista-se outra, que em 1892, ainda era um modesto barril pintado de preto, d'essa uma terceira, e o navio vae descrevendo angulos em agua barrenta, malhada aqui e acolá de rebentações alvacentas. Por algum tempo ainda, só se acredita na proximidade da terra, porque o affiançam as cartas. Navega-se cautelosamente, oculos sempre fitos nos enfiamentos das marcas, marinheiros a contarem numeros de braças de fundo. A agua é cada vez mais espessa; carregada de turbilhões de sedimentos em suspensão. Afinal, sim, afinal lá estão umas barras amarelladas ou escuras, que devem de ser areia e vegetação, estendidas através da prôa e prolongadas por ambos os bordos. A de bombordo é a primeira a engrossar, a retingir-se, a esboçar contornos d'um arvoredos; do outro lado accentua-se, perpendicularmente ao rumo do navio, a linha do littoral, arenoso, chato, mosqueado de verduras sombrias, mettendo pelo mar pontas debruadas de espuma. Passam-se mais boias. Se a maré está baixa e o navio é de muito calado, a quilha roça no fundo, sulca-o estremecendo levemente, e pela pôpa fóra desenrola-se uma esteira de lodo revolto, tão grossa que dá a impressão de que se vae lavrando um chão de barro. O *Euxène* chegou a estacar atafalhado, vomitando vasa das caldeiras. Com aguas altas, porém, os mais mergulhados Levithans entram impavidos no porto sem quasi attentarem nas marcas, e o mar da Beira ainda não teria historia tragica, se as ondas e as correntes não houvessem engulido ou arrojado á praia descozidos pangaios e mesquinhas lanchas de Sofala. Embarcações d'alto bordo, ainda que encalhem, ficam descançando em

fôfo colchão até que a enchente lhes pegue ao collo.

Quando já se comprehende o desenho da costa, a principio confuso, e se percebe que o navio vae entrar na dilatada bocca d'um grande rio, o Pungue, cujo leito se prolonga na direitura da prôa até curvar-se para a esquerda, passa-se por diante da foz d'outro rio, o Busi, de menor volume d'agua escavada pela parte de bombordo entre vastos baixios de corôas descobertas, por cima das quaes se avistam terras longinquas, e um cotovêlo de chão firme coberto de alto e compacto mangue. Esse mangal é a guarnição d'uma das margens do porto; caminha-se por algum tempo no seu prolongamento, distinguindo na margem fronteira grupos de casas de côres vivas, que semelham abarracamentos de estação balnear, entresachados por tufos de verdura poeirenta. E' ali a Beira. Obliqua-se para lá, e cêrca de duas horas depois de ter passado a boia exterior da barra, fundeia-se de frente d'uma praia em rampa, entalhada por um valle, cheio d'aguas se a maré está alta, e de negro fundo lodoso na baixamar, sobre cujas ribas se amontoam telheiros e tapumes a cuja entrada estão atracadas ou varadas pequenas embarcações de carga.

Quando pela primeira vez, em julho de 1891, observei este scenario todo obscurecido então por uma atmosphaera de atomos de chumbo, recebi uma impressão tão viva de desalento e tristeza, que nunca poderam obliterar-a depois os fulgores risonhos do sol, os progressos e engalamentos da villa e a confiança e industria dos seus habitantes. Pareceu-me que aquillo não era tal um porto aberto em terra firme para um caudaloso rio, mas sim um mar, que aqui se deixára obstruir pelas alluviões arrastadas pelas suas proprias correntes, além descobrira o leito por o ter empobrecido a estiagem. As aguas imperavam soberanas, tudo era d'ellas, vinha d'ellas ou para ellas voltava, estava tanto á mercê das suas furias caprichosas como das suas caricias erosivas. Cheguei a receiar que n'uma noite tempestuosa de inverno, desaparecesse a Beira, e os navios que a demandassem na manhã seguinte fossem encalhar em Neves Ferreira ou no Jobo. Por mais que olhasse, não via um palmo de chão sensivelmente levantado acima do nivel mudavel do oceano e do rio. As barreiras de mangal que só detinham a vista, tinham as raizes debaixo d'agua, e as enchentes alagavam-n'as até as ramadas. Por detrás d'essas fachas de vegetação salgadiça alteava-se o terreno; mas, se o não galgavam as marés, submergiram-n'as as inundações do Pungue ou do Busi. A areia, montava-se, realmente na orla do lit-

toral, e começavam a prendel-a raizaimes de matto; mas os vagalhões d'um temporal podiam espalhal-as, e a propria configuração das praias mostrava que as ia lambendo mansamente a resaca. Os rios que se lançavam no porto, mesmo na quadra secca, traziam frangalhos das margens, diluidas nas correntes turbulentas; depois das grandes chuvas, nem quasi conheciam margens, e apenas respeitavam ilhas.

No proprio ar pesava a agua. Tanto era da agua aquelle pedaço do mundo, que em toda a superficie immensa que se avistava da fóz do Pungue, e ainda em muitas milhas medidas em todas as direcções, o homem só encontrára para se firmar, umas dunas mal consolidadas que a agua lhe havia deixado, e que a agua lhe podia tirar. O contraste da vastidão do porto com o acanhado e precario aspecto da villa da Beira, denotava a impotencia humana para se apropriar d'aquelle paiz, para o qual não tinha ainda passado a idade geologica da formação e enxugamento dos continentes.

Esta impressão pessimista não era inteiramente falsa. Os terrenos marginaes da fóz do Pungue são formações recentes e incompletas, que ainda têm escassas condições de habitabilidade, e estão sujeitas a profundas variações senão a destruições. Não são hoje certamente, o que foram ha um seculo, e não serão amanhã como hoje, se o trabalho dos seus habitantes os não fixar artificialmente. Por isso só desde poucos annos se conhecem, e parece que só desde poucos annos tem habitantes. A genealogia da Beira não é uma arvore, é uma herva. Ha dez annos apenas havia na margem esquerda do Chivur, na estreita facha areiênta limitada por esse rio, o Pungue e o seu mar, uma aldeia chamada Bangué, composta de palhotas de negros e quitandas de monhés, que traficavam com os incolas do prazo Cheringoma, estendido desde ali até o delta do Zambeze. Mais para noroeste, n'uma elevação que as cheias não cobriam, tinha um antigo arrendatario do mussoco do prazo Barata, assentado habitação, — uma grande barraca de *motaca* e colmo, guardada das feras e dos vagabundos por um cerco de palos-palos. O local não tinha nem promettia ter importancia alguma. O chão nada produzia. As raras communicações com o interior eram mantidas só pelas almaidias indigenas. No porto, não balisado nem assignalado, apenas entravam, a largos intervallos, algum pangaio, alguma lancha de Sofala que levava braçadas de algodão e punhados de contaria aos mercadores baneanes. As regiões internadas de Manica, do Barué, de Gorongoza não se serviam por ali,

senão occasionalmente; serviam-se pela margem direita do Zambeze. D'essas regiões até o littoral, estendia-se um paiz pobrissimo, quasi ermo. As margens do Busi, relativamente mais populosas e productivas, era com Sofala que estavam relacionadas. Poucos europeus tinham noticia do grande rio e das miseras terras que, curtos tempos volvidos, tanto haviam de ser apregoadas na Europa, como via e caes d'um novo El-Dorado, a que as proprias tradições biblicas faziam *reclame*.

Foi depois de 1884 que a humilde Bangué principiou a ter historia. Quando se decretou a organização do districto de Manica, mandou-se crear um *commando militar do Aruan-gua*, — pois assim se chama tambem o Pungue — destinado a representar a soberania portugueza nos territorios que mediavam entre Manica e o littoral, dizendo-se que a séde d'esse commando seria opportunamente determinada. Ainda então se não comprehendia bem a importancia topographica do Bangué e do porto em que se assentára essa aldeola, que só posteriormente veio a ter a fortuna de alojar o novo commandante, — um subalterno do exercito da provincia, — e a honra de se appellidar *Beira*, em memoria do nascimento do herdeiro da corôa de Portugal.

O commando installou-se entre a margem esquerda do Chiveve e a praia do oceano, cêrca d'um kilometro do Pungue, n'um barracão de palha, que depois se foi melhorando. Quando comecei a conhecê-lo, em agosto de 1891, tinha encoberto a terra amassada das paredes com um reboco bem caiado, abrigara-se com uma cobertura de telha, forrara de madeira os tectos e de argamassa o chão dos seus quatro ou cinco compartimentos, em que o commandante militar estava alojado com a sua secretaria; as janellas tinham vidros, e a porta principal afidalgára-se com um alpendre. A esta edificação, fazia fundo um terreiro, que se denominava orgulhosamente *praça d'armas*, porque jaziam n'elle estiradas na areia ou firmadas em reparos, algumas peças de artilharia, e a praça e.a limitada, dos dois lados, por extensos barracões de *mataca* cobertos de colmo em que funcionavam as repartições de fazenda e do correio e se armazenara material do Estado. Por fóra de todas estas toscas installações corria uma estacada, de mais de altura d'homem, que abria para a parte do mar uma larga cancella, e nos quatro vertices d'essa estacada pompeavam uns arremedos de baluartes, com suas explanadas para as quaes se subia por pranchões, e que embora não tivessem espaço para n'ellas se jogar o peão, aguentavam umas peçitas sobre as paredes fendidas e esbarrigadas. O vão terreiro d'um d'esses baluartes prestava-se a

servir de calabouço, uma vez que o preso fosse um só e magro; outro fazia as vezes de paiol. Junto da cancella vigiava um soldado preto. A bandeira portugueza tremulava sobre aquella caricatura de fortificação desnecessaria para rebater ataques de indigenas e offerecida á mófa dos europeus. Os muros eram de terra a esboroar-se, a paliçada mal se sustinha de pé na areia, o melhor da artilharia não podia fazer fogo, as sentinellas pegavam nas espingardas como se fossem cacetes, e quem encostasse o ouvido á cêrca por detrás da casa do commandante, ouviria, em vez de clangores de trombetas, e vozes de manobras, gargalhadas frescas de moçoilas negras e chape-chapes de ensaboados.

A mais d'esta séde do commando militar com os seus annexos, o Estado tinha então na Beira, a alfandega e o quartel do destacamento. A alfandega tinha sido localizada á entrada do Chiveve, n'um sitio relativamente bom para embarques e desembarques, porque a bocca do rio forma uma especie de doca natural, mas distanciada da praça por cêrca de kilometro e meio de areia solta. Compunha-se de barracões mal alinhavados, os melhores de taipa, outros de palha, que serviam de repartição, alojamento de guardas e armazem de mercadorias, e de um vasto terreiro vedado por chapas de zinco. Ponte, caes, rampa ou qualquer outro desembarcadouro artificial, era apenas uma esperanza a bruxulear n'um futuro indefinido. As embarcações atracavam cravando a prôa no talude de areia, se a maré estava alta; nas aguas baixas encostavam-se apenas á orla d'um extenso banco por sobre o qual os passageiros eram transportados ás costas de negros. As mercadorias soffriam na descarga tractos de polé, porque nem um guindaste ou guincho havia para as içar, e não raro tombavam no charco.

O destacamento, umas vinte e tantas praças de caçadores 3, de Inhambane, aquartelava-se n'um enorme barracão tecido de canniço capim e varas de mangue. Ao tempo, commandava-o um benemerito official da guarnição da provincia, que sobre velar pela segurança dos habitantes da Beira, encarregava-se de os alimentar. Tinha uma padaria. Por detrás e para o norte da praça, n'um dorso do areial, onde bracejavam arbustos silvestres e palmeiras bravas tinham cravado raizes, espalhava-se a povoação indigeña, a antiga Bangue, composta de poucas dezenas de palhotas, quasi todas circulares, de tectos pyramidaes, baixas, ennegrecidas pelas humidades e pelas fumaradas. Viviam para ali uns tantos emigrantes de terras vizinhas, nomeadamente de Sofala e do interior de Cherinugonze, carregadores, barqueiros, domesticos,

pescadores, vadios, gente tão boçal como inoffensiva, que a miseria, os acasos da vida do matto, haviam agglomerado á sombra e na dependencia da occupação europêa. Apesar d'essa dependencia, a aldeola era puramente cafreal, no aspecto e nos costumes. Os seus habitantes só se distinguiriam dos semelhantes sertanejos por possuirem mais algumas braças de panno crú, e conhecerem mais variedades de bebidas alcoolicas. Rarissimos entendiam portuguez. As ranchadas de creanças nuas, que se retoçavam nas dunas, ainda fugiam dos *brancos*; as mulheres é que já se interrompiam na faina de pilar arroz para dizerem coisas galantes a algum soldado, que passava, do corpo expedicionario. Tudo aquillo era primitivo, excepto nos vicios, se é que certos vicios não são innatos no negro.

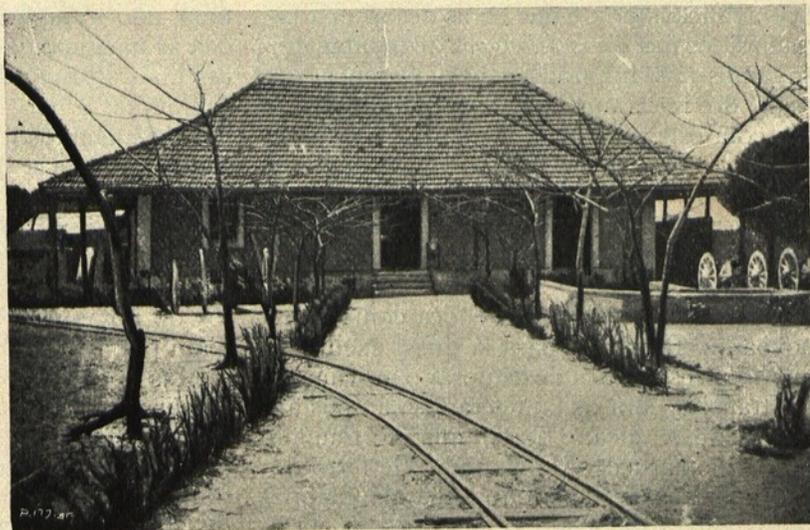
No meio d'este povoado tinham alguns asiaticos armado lojas de mercadorias vis, e um que outro portuguez, colono, propagava as zurrapas nacionaes, adelgaçadas com agua do Chiveve, porque estava prohibida a importação do alcool. Não era, porém, ali que se pronunciava a nascença e o crescimento d'uma povoação mercantil e europêa; era para a parte da fóz do Pungue, á beira do mar e do porto, nas proximidades dos desembarcadouros. Nas duas orlas d'um largo arruamento traçado parallelamente á linha da praia tinham-se armado casas de madeira e metal, telheiros, tendas de lona e de encerado, palhoças; os terrenos marginaes, ainda devolutos, estavam marcados por fieiras de estacas, ou vedados por arames, e pejavam-n'os pilhas de materiaes de construcção; por toda a parte jaziam a céu aberto fardos, malas, moveis domesticos, tanques de ferro, uma tralhoda indescriptivel de installações. As melhores edificações tinham vindo desarmadas do Natal ou do Cabo; eram todas d'um só pavimento, todas oppunham apenas delgado taboado e chapas de zinco canelado, ás solheiras e aos aguaceiros; eram mesquinhas e incommodas, mas as pinturas frescas e vivas davam-lhes um aspecto garrido, e algumas deixavam entrever interiores limpos. De quando em quando abriam estabelecimentos, com nomes estrangeiros nas taboetas e, lá dentro, latarias luzentes e garrafaria de rotulos coloridos. N'este scenario moviam-se homens louros em mangas de camisa, atarefados a cravar estacas ou a pregar taboas, e perpassavam negros com cargas, sempre a fallar alto. O chão estava juncado até o lado de Chiveve, até a espuma das ondas, de latas arrombadas, botijas vasiaas, frascos quebrados. Grandes cães magros ladravam disputando ossos, ou perseguiam bandos de gallinhas enfezadas, que fugiam, a cacarejar e com as

azas levantadas; nos lixos, amontoados á borda do rio, fossavam a grunhirem porcos collossaes malhados de branco.

As casas commerciaes montadas ainda eram poucas e modestas; mas já havia tanta procura de chão para construcções, que a auctoridade, prevendo que o espaço, comprehendido entre a foz do Pungue e a praça, não bastaria para assento da nova povoação, déra traça para que elle se estendesse ao longo do mar, em direcção á ponte Géa. Ahi, o areial banhado no inverno pelas inundações do Chiveve, tinha-se coberto de matto; n'esse matto abriu-se uma larga avenida de muitos kilometros de extensão, e os terrenos que a debruavam foram divididos em talhões, offerecidos como os demais, a quem quizesse occupal-os provisoriamente, mediante certa quantia, com a clausula de n'elles edificar dentro d'um anno e de, querendo conserval-os, pagar o fôro que se arbitrasse. O local não era agitado para commercio, porque ficava arredado dos portos de desembarque; todavia, muitos talhões foram tomados em curto prazo, embora não aproveitados immediatamente. Até o fim de 1891, nem uma só edificação regular se levantou n'aquella zona; fui eu o seu prim eiro habitante *branco*.

Tendo de me demorar na Beira, por tempo indefinido, para organizar os estudos do caminho de ferro cuja construcção fôra preceituada no convenio de 11 de junho, achei-me sem alojamento em terra. Na casa do commando não cabia um hospede; um barracão que se denominava *Beira Hotel*, sobre ser inhospito, estava saturado de malta ingleza. Conservei-me a bordo do *Euxène*, emquanto elle estacionou no porto para tomar lastro; mas as humidades do navio e a falta de exercicio iam-me tolhendo as pernas, e os medicos mandaram-me desembarcar. Felizmente em Africa improvisa-se facilmente uma habitação onde haja arvoredos e matto. Duzentos carregadores, negros da Zambezia, que tinham sido contractados para serviço da expedição, armaram-me em dois dias, á margem do Oceano, quasi a meio caminho entre a praça e a ponte Géa, uma *palhota* fidalga, uma *palhota* civilizada, como nunca se vira

outra tão luxuosa n'aquellas redondezas. Eram de ramaria e folha secca as paredes e o tecto, mas com esses mesmos materiaes se teceram os tabiques de cinco compartimentos interiores, e no material do corpo expedicionario encontraram taboas para simular um soalho, e portas e vidraças que vedassem as aberturas exteriores. Ficou a fabrica desalinhada e cambada; mas os seus caprichosos obreiros alindaram-n'a com um alpendre, annexaram-lhe uma *marchese*, um caramanchão, destinada a casa de jantar, e tiveram a obsequiosa phantasia de plantar um jardim na areia, cravando n'elle ramos cortados de arvores e arbustos, dispostos como se guar-



CASA DO COMMANDO MILITAR NA BEIRA

nesses e enchessem canteiros. Todas estas maravilhas da arte cafreal de construcção, custaram um desembolso de cêrca de 200\$000 réis!

Inaugurei a minha nova residencia com um *batuque* em honra e proveito dos diligentes operarios, e dormi n'ella pela primeira vez, — tão rendido andava pelo canção, — em pleno tumulto infernal dos tambores, das buzinas, dos descantes, da grita de centenas de negros avinhados, ao clarão rubro de fogueiras espalhadas na praia. Vivi ali, com os meus secretarios perto de mez e meio, e não vivi mal. Quando soprava vento rijo, apagava-me a luz á cabeceira da cama; mas a briza do mar é sã e tónica. De manhã se passava a mão pelas roupas que me tinham abrigado o somno, encharcava-a uma cimba tamsada pelo tecto; todavia curei-me dos achaques rheumatismaes sem drogas therapeuticas. De noite sentia debaixo do sobrado, rastejarem cobras, que tambem iam semceremoniosamente á *marchese* jantar conmigo; mas convenci-me de que era calumnia

a má fama dos reptis d'Africa. Estavamos em plena solidão; se pedissemos socorros a tiros de artilharia não seríamos ouvidos; só nos defendiam da malvadez humana paredes por onde se mettia o braço, e a vigilancia d'um criado que se embriagava pontualmente cada noite; não obstante ninguem nos fez mal, e se duas vezes ouvimos sibilarem rentes da palhota balas perdidas ou mal apontadas, não as tinham disparado selvagens caçadores de negros, mas civilizadas Kropatcheks.

O nosso unico receio era o dos incendios pois que habitavamos dentro d'uma meda de combustivel. Emquanto não ardiamos, trabalhavamos, exercitavamos os musculos a passeios na areia, recuando um passo por dois que avançavamos, e nas horas desoccupadas, estendidos nas *chaises-longues* de bambu, deixavamos-nos hypnotisar pela cadencia dos rolos do mar, que ora nos rebentavam aos pés com estampidos de canhão, ora rumorejavam longe, desfazendo-se em espuma na fimbria d'um extenso banco escuro sulcado de veios d'agua azul. Muito pensei eu ali, face a face com as immensidades do oceano e do céu!

A gente que n'aquella época começava a povoar a Beira, ia para lá quasi exclusivamente na esperanza de explorar o movimento de transito para os famigerados campos auriferos de Manica, e o ajuntamento humano que a construcção do caminho de ferro devia determinar. Havia entre ella alguns operarios que esperavam obter trabalho na linha ou que o procuravam nas construcções do novo povoado, mas a sua maioria compunha-se de commerciantes, que se destinavam, não a comprar e vender á população indigena, mas tão só a fornecer os europeus adventicios, e levavam pacotilhas adequadas a esta especulação. Os estabelecimentos que se iam montando eram casas de venda de bebidas alcoolicas, principalmente de conservas alimenticias, de artigos de vestuario usados por brancos, de armas e polvora, e d'aquellas fazendas e bugigangas que servem de moeda nos sertões. Uma ou outra casa, attendendo ás necessidades locais, negociava tambem em materiaes de construcção, ou estava habilitada para abastecer as expedições que demandasse o interior de viveres para os carregadores. O commercio que se iniciava era, pois, especialmente de retalhos de feira; iniciava-se, porém, com uma largueza, não proporcionada á possibilidade do consumo presente, mas sim á exaggerada esperanza de consumo futuro. Nas colonias inglezas do Sul, os pregões da companhia *South Africa* e dos seus agentes tinham espalhado idéas optimistas ácerca dos progressos das colonias

em Manica e no paiz dos Matabelles, e feito acreditar que se dirigia já para essas regiões uma impetuosa corrente de immigração. Nos jornaes de Cape-Town e do Natal appareciam annuncios de linhas regulares de navegação pelo Pungue, de carreiras de wagons puxados a bois para Massikessi e para o forte Salisbury, de hospedarias escalonadas no sertão, de empresas mineiras constituidas para explorarem infinitos jazigos de ouro, e estes annuncios, e os *reclamcs* de toda a especie feitos á biblica terra do Ophir incitavam cobijas mercantis a irem a toda a pressa, em porfia, explorar os exploradores d'essa terra de promessa, que encontrára em Cecil Rhodes o seu Moysés. Lá iam, pois, tentar fortuna, não só inglezes, mas estrangeiros de todas as nacionalidades e até alguns portuguezes mais afortunados n'outras zonas de Moçambique, e não iam, os estrangeiros, como nós costumamos ir para a emigração, com as algibeiras cheias de cotão e o espirito cheio de fé de que esse cotão se transmudará em ouro: levavam capital ou credito, representado em cargas de fazenda. N'um curto prazo entraram e dispenderam-se na Beira milhares de libras esterlinas, resignadas a esperar d'um porvir incerto um ganho problematico.

Mas — cousa notavel! — se principiavam a acudir vendedores, não acudiam compradores. A offerta organizou-se muito antes da procura. Vinha gente para a Beira esperar o transito para o interior; mas não passava quasi ninguem. Não se tinha conseguido organizar as faccis communicações com o paiz mineiro que os annuncios inculcavam; parte d'esses annuncios eram meras imposturas. Na realidade, dois pequenos vapores, o *Agnes* e o *Countess of Carnernon*, tinham estabelecido carreiras pelo Pungue até Mapanda, e n'esta localidade, os passageiros encontravam um hotel; mas não encontravam meios de transporte d'ali para deante, a não serem os botes. O serviço de diligencias para Massikessi não se podia montar. Tinham ido pelo rio acima bellos carros parecidos com os *mail-coaches*, e formidaveis carretas, á moda dos boers e manadas de bois para a tracção; mas a *tse-tse*, o clima, as feras, a sêde, os máus tractos haviam dado cabo dos animaes, e os vehiculos não tinham chegado a rodar. Empreender a jornada a pé era façanha para poucos pés, e quem se afoutava a ella não encontrava carregadores, para as fazendas e bagagens, senão a peso de ouro. A colonização em Manica e nas regiões vizinhas esteve, pois, reduzida ao pessoal do serviço da *South-Africa*, e a alguns grupos de homens que tinham feito parte das primeiras expedições d'essa aventureira companhia, ou as haviam seguido pelo

caminho do sul, e aos aventureiros que, nos primeiros entusiasmos da descoberta de ouro, se haviam arrojado, através de todos os obstaculos pelos valles do Pungue e do Busi. D'estes mesmos já retiravam muitos. Havia maior movimento do interior para o littoral do que do littoral para o interior, e aquelle movimento espalhava descrenças e desalentos.

Na Beira pouco se sabia do que se passava em Manica e no territorio britannico adjacente. Só havia communicações regulares officiaes com Massikessi, e essas apenas bisemanas servidas por escoteiros que levavam doze a quinze dias na jornada. Mas as informações, que de lá vinham, não eram animadoras, nem lisongeiras.

Comquanto a imprensa do Cabo annunciasse quotidianamente a descoberta de novos filões auríferos, o qual mais opulento, na Beira ninguem podia gabar-se de ter visto já um bloco, uma pepita, um grão, uma poeira de ouro authenticamente extrahido de taes jazigos. Apareciam, é certo, pedaços d'um quartzo acinzentado, trazidos como amostras, em que se percebiam, com bôa luz, uns laivos, umas pintas, do cubizado metal; mas tanto era elle que nenhuma avidéz se tentara ainda a moer a rocha para o extrahir, e os praguentos calculavam que seria necessario pulverizar uma montanha para fazer um alfinete de gravata. Um ou outro fura-vidas regressado de Manica, jurára que aquillo era optimo, que tudo ia bem, que vira o ouro a pedir que o desenterrassem; mas esses optimistas traziam quasi sempre as algibeiras cheias de prospectos ou acções d'alguma empresa mineira, e emquanto não logravam collocar o papel d'essa empresa mirabolante pediam emprestados uns schillings para comer. Tal *prospector* encontrára um filão inexgotavel e ia a Cape-Town organizar uma companhia para o explorar; entretanto, para não ter o incommodo da viagem, offerecia o achado por 100 libras. As vozes d'estes pregoeiros de riquezas, eram, porém, abafadas pelo côro dos descridos, que, tendo andado no interior a furar e a remexer terras, declaravam a quem queria ouvil-os que, certo, certo, o que por lá havia era negra miseria. Passava-se litteralmente, fome. O paiz nada produzia; os abastecimentos tão pouco se podiam realizar pelo caminho do sul como pelo do oriente. Alguns generos que lá chegavam, arrastados por cima das montanhas e dos charcos, chegavam sobrecarregados com o preço das centenas de bois que morriam, na faina de os transportar, a ferro-das da *tse-tse*; por cada kilogramma de farinha, e cada garrafa de *brandy* poder-se-hia contar um ruminante martyr. Á propria *South-*

*Africa*, apesar dos seus milhões que estava malbaratando, não podia sustentar os seus empregados. Em certas quadras, vendiam-se armas, fatos, cavallos, quinhões mineiros por punhados de milho ou raizes de mandioca. Depois a salubridade do clima, no planalto, era tão mentirosa como era problematica a riqueza do solo. Os colonos europeus caiam como tordos. Os lugares elevados, sendo em regra cercados de pantanos, recebiam as infecções palustres dos ventos que os refrescavam. E que frio exacerbava os enregelamentos da febre! A dias tropicaes succediam noites polares. Nas barracas de lona ou de palha tiritavam sob o esmagamento das mantas e dos cobertores. Declarára-se já a retirada. Abandonavam-se installações e trabalhos feitos, com grave dispendio, nos primeiros dias da cega confiança. Alguns miserros mettiam-se ao matto a pé, sós, desarmados, e, a beberem agua podre das poças em que se dessedentavam feras, a roerem cascas de arvores e fructos silvestres, arrastavam-se até a Beira, medonhos de esqualidez, nauseantes de immundice, praguejando contra Rhodes e a propria credulidade. Muitos acabavam no caminho, e só davam noticia d'elles os ossos descarnados que as quizumbas rejeitavam. Contavam inglezes insuspeitos que esses foragidos, seus patricios, iam esperar a passagem de expedições e viajantes portuguezes para serem soccorridos pela nossa philantropia, e de feito, os destacamentos do corpo expedicionario, os seus officiaes e facultativos, a força do major Caldas Xavier, os funcionarios do governo de Portugal e da Companhia de Moçambique, que por aquellas paragens transitaram entre o littoral e Massikessi, muitas vezes sustentaram, agasalharam, curaram, transportaram, salvaram aventureiros britannicos que dias antes haviam arrancado da haste alguma bandeira azul e branca. Sabiam-se historias de infortunios pavorosos. Certo dia apparecêra em Mapanda uma almadia abandonada contendo um cadaver e um moribundo; era o que restava d'uma expedição de reconhecimento emprehendida por dois inglezes, um d'elles official do exercito. Os medicos portuguezes da Cruz Vermelha tomaram conta do moribundo, tractaram-n'o com um disvelo paternal, lutaram com a morte á sua cabeceira, e salvaram-n'o talvez para nos ir diffamar na imprensa de Londres ou de Cape-Town!

Estas informações e estes factos haviam espalhado — estou-me referindo sempre a meiado de 1891 — um certo desalento na *feira* que se ia estabelecendo na foz do Pungue; todavia, continuavam a chegar novos feirantes, e se, entre os novos e os antigos,

alguns descreiam já do ouro, todos esperavam no caminho de ferro. Estava provado que a colonização não se poderia desenvolver no interior sem se resolver o problema das comunicações com o littoral, mas desde que se começasse a estender rails pelo sertão dentro, a demorada construcção da linha, quando não a exploração d'ella, fariam viver o commercio. A minha chegada, sabendo-se que levava commissão para n'um curto periodo fazer completar os estudos da tracção d'essa linha, firmou confianças e reanimou esperanças; beberam-se nas locandas muitos *gallons* de *brandy* e de *whisky*, e occuparam-se mais talhões de terreno, estendendo-se as occupações até meio caminho da ponte Géa. Fui importunado com perguntas anciosas: quando começavam os trabalhos? é certo começarem? onde será a testa de linha? empregar-se-ha muita gente? já se encomendou material? Todos queriam revelações para si e segredo para os vizinhos. Os meus passos e os dos engenheiros eram expiados,

principalmente para se advinhar o local onde principiaria a construcção. Pediram-se terrenos em Jobo, na margem esquerda do Busi, por se suspeitar que ficaria lá a *testa*, a ditosa testa em que cada qual queia, e primeiro que o proximo, armar barraca. Entretanto — é claro, — não se fazia negocio algum; aguardava-se o futuro, com os armazens abarrotados de fazendas. Quando muito os commerciantes commerciavam uns com os outros, entre-devorando-se. Só havia alguma animação nas vendas de bebidas alcoolicas, afinal admittidas á importação, porque com ellas consolavam-se os desesperados, exaltavam-se os crentes, animavam-se os receiosos, curavam-se os doentes, preservavam-se os sãos, entretinha-se a ociosidade, festejavam-se as boas noticias, olvidavam-se as más, e saudava-se o porvir! Não se fazia outra coisa na Beira senão beber, beber, beber. A povoação era uma grande taberna, tendo por taboleta *Esperança!*



CASA DO AUTOR NA BEIRA (1891)

# A Architectura

## da Renascença

### em Portugal POR ALBRECHT HAUPT

*Os monumentos. Lisboa. A cidade antes do terremoto de 1755. Paços da Ribeira. Igreja da Conceição Velha. A Casa dos Bicos. A architectura de Lisboa antiga. As ruínas. O palacio do conde de S. Vicente. Igreja do convento da Madre de Deus. Sua fundadora D. Leonor, viuva de D. João II. Capella da rua da Regueira. Construções de Terzi. Sua escola. Igreja de Santo Antão no hospital de S. José. Santa Maria do Desterro.*

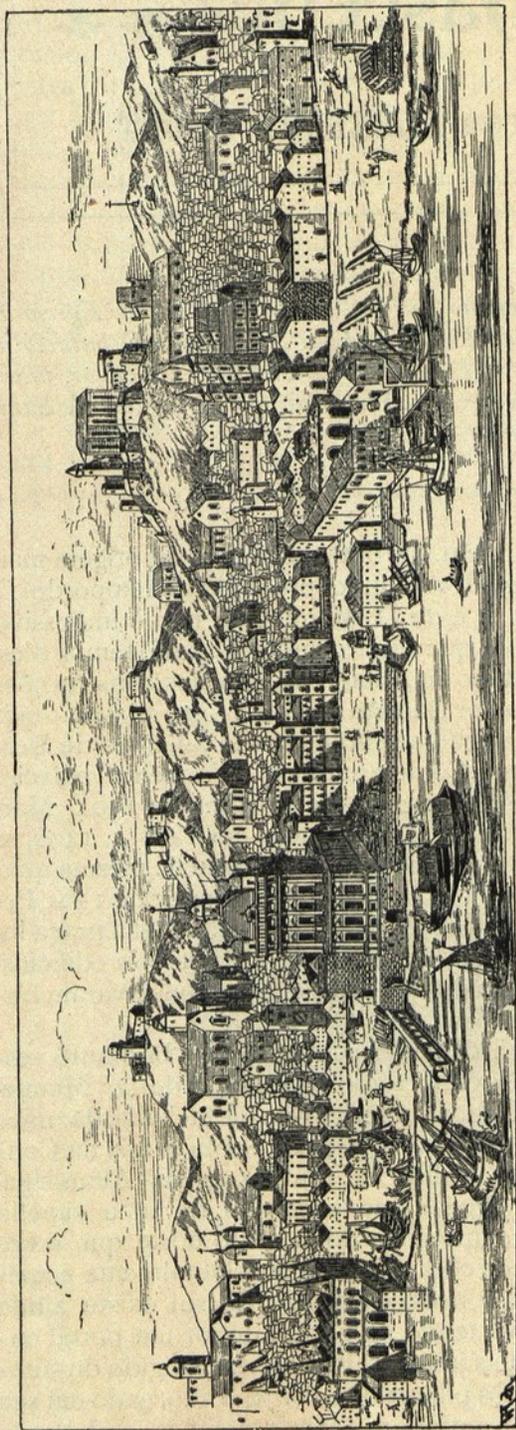
**D**ADA a sua grande importancia, Lisboa como é natural constitue ponto central de toda a vida politica do paiz; porém, e apesar da cidade de Evora ter sido muitas vezes preferida para residencia regia, bem como Setubal e Santarem, ella constitue ao mesmo tempo o ponto central artistico. Infelizmente, o terrivel terremoto de 1755 destruiu quasi por completo a velha cidade, de maneira que dos seus magnificos monumentos de outras éras apenas existem poucos restos esparços. Quasi sem excepção deruiram-se as antigas egrejas parte das quaes assim ficaram, porque em Portugal não se propende em regra á reconstrucção e remoção de ruínas. Assim succedeu com o edificio gothico da igreja de Nossa Senhora do Carmo em cujas ruínas está hoje estabelecido o Museu Archeologico. Deram, é certo, á Sé uma outra abobada, mas sómente de madeira e estuque; e refizeram no estylo da época a sua architectura, de sorte que nenhum interesse especial apresenta agora. Os palacios reaes situados na margem do Tejo foram levados pelas aguas invasoras de 1755, e com elles desapareceram os mais importantes monumentos da architectura de palacios portuguezes.

Este centro da cidade junto do porto deveria ter offerecido antes do tremor de terra um deslustrante aspecto. As vistas antigas de Lisboa assim o confirmam. Uma extensa ala de palacios, construidos uns juntos aos outros e por maneira diversa, terminava com o magnifico torreão do paço da Ribeira, uma das mais brilhantes edificações de Terzi para

Fillippe II. Os outros edificios de origem mais antiga deveriam ter provindo do tempo de D. João II e de D. Manuel; e não é impossivel suppôr que a parte pertencente ao tempo d'este ultimo rei, citada na lista das construcções dada por Damião de Goes, fosse o palacio cuja descripção se citou quando fallamos de Sansovino. Como architecto d'aquelles palacios reaes se designa, até proximo de 1504, Martin Annes, o qual antes, em 1477 e 1496, se encontra em Santarem n'aquella mesma qualidade. Foi seu successor a partir de 1504 Pedro Nunes. Na vizinhança d'aquella praça levantavam-se numerosos e notaveis edificios, de dois dos quaes apenas se conservaram fragmentos.

Um d'elles constitue o mais brilhante vestigio architectonico do tempo de D. Manuel em Lisboa; referimo-nos á fachada da nave transversal da igreja de Santa Maria da Conceição Velha na rua Nova da Alfandega. Esta igreja, com excepção de uma capella contemporanea do lado do norte que serve hoje de côro, desabou quasi totalmente e apenas um pedaço do lado do sul existe ainda em pé, tendo na parte inferior um portal entre duas janellas. Este portal, cingido de sumptuosos pilares de reforço, é adornado em seu vão e intradorso por magnifica e delicada decoraçáo da Renascença, com frisos verticaes; o arco do portal coroado de grandes cogulhos e de florões está ligado com os pilares de reforço por meio de uma rica cornija horizontal toda rendilhada. Os vãos das grandes janellas lateraes de volta inteira teem, como o portal, sumptuosa ornamenta-

ção, entre a qual se destacam, em saliente relevo, nichos com estatuas debaixo de baldaquinos. As cornijas e as molduras são formadas de bastões, torcidos á guisa de cabos, guarnecidos de escamas, os quaes, erguen-



Lisbôa antes do terremoto de 1775 (Terreiro do Paço)

tambem característicos os variados entrelaçamentos e penetrações dos membros horizontaes e verticaes dos pedestaes, em gothico das ultimas épocas, então egualmente preferidos na Allemanha, degenerando por vezes aqui em accumulações exaggeradas. A igreja da Conceição Velha deve ter sido construida proximo do anno de 1520, no reinado de D. Manuel. Foi seu architecto, sem duvida, algum dos artistas que trabalharam na igreja de Santa Maria de Belem (talvez João de Castilho), como se verifica por comparação. Quanto á belleza dos *detalhes*, como tambem ao seu effeito total, este fragmento de construcção é superior aos trabalhos de Belem, cuja extensão consideravel não permittia tão delicado acabamento. Com effeito, a ornamentação é d'uma grande delicadeza e d'uma concepção que faz lembrar muito a maneira nordica, talvez a de Holbein, como em geral todo este mesclado estylo muito de commum offerece com a Renascença primeva allemã. Segundo a tradição, este edificio foi construido no sitio d'uma synagoga judaica. Foi capricho do destino que sob o governo liberal do marquez de Pombal o monumento da expulsão dos judeus em Portugal fosse quasi por inteiro destruido pelo tremor de terra. Em contraste com o esmero septentrional, o caracter meridional claramente se distingue pela maneira como o portal, de excessivo adorno, e as luxuosas janellas se encrustam n'uma superficie plana em enxilharia. Para completar o effeito impressivo falta apenas o conjuncto do entabellamento e da galeria, indispensaveis n'estes monumentos, em que costuma ser um dos ornatos dominantes, como se vê em Belem. Causa pena que d'elle nenhum vestigio haja, porque por sua falta a impressão é incompleta. Todavia, o fragmento, que existe, pela belleza tratada dos seus *detalhes* e delicadeza de seus effeitos é ainda um dos mais perfectos monumentos da concepção do estylo manuelino, na sua ultima phase.

Na proximidade da antiga margem do Tejo (desde o principio d'este seculo delimita-a um largo aterro) encontra-se a parte inferior da antiga casa da associação do commercio maritimo da India, cujo andar superior desapareceu tambem pelo terremoto. Chamam-lhe a *casa dos bicos* por causa da curiosa construcção do seu exterior, sendo composta a superficie inteira da sua parede por pedras de cantaria talhadas em bicos muito agudos. As molduras das janellas e das portas, d'um simples gothico das ultimas épocas, tem, em parte, a verga superior abrigada por saliencias em talude, em parte, o arco de sella ou em forma de quilha. O todo

do-se dos lados das janellas como candelabros são divididos por anneis e trochilos. Os motivos citados são peculiares ao estylo manuelino e fazem recordar motivos indios que lhes tivessem servido de modelos. São

ainda é hoje d'um effeito muito original e por conseguinte muito popular.

Encontram-se em muitos pontos, e pelo tempo da renascença primaria, effeitos e maneiras semelhantes de tratar superficies; em Hespanha a casa de *los Picos* de Segovia, e a casa de *las Conchas* de Salamanca; na Italia, numerosos palacios em Bologna, etc.; comtudo offerece verdadeiro interesse vêr como os mesmos objectos, quanto ao tratamento e construcção, são feitos de tão diversa maneira nos differentes paizes.

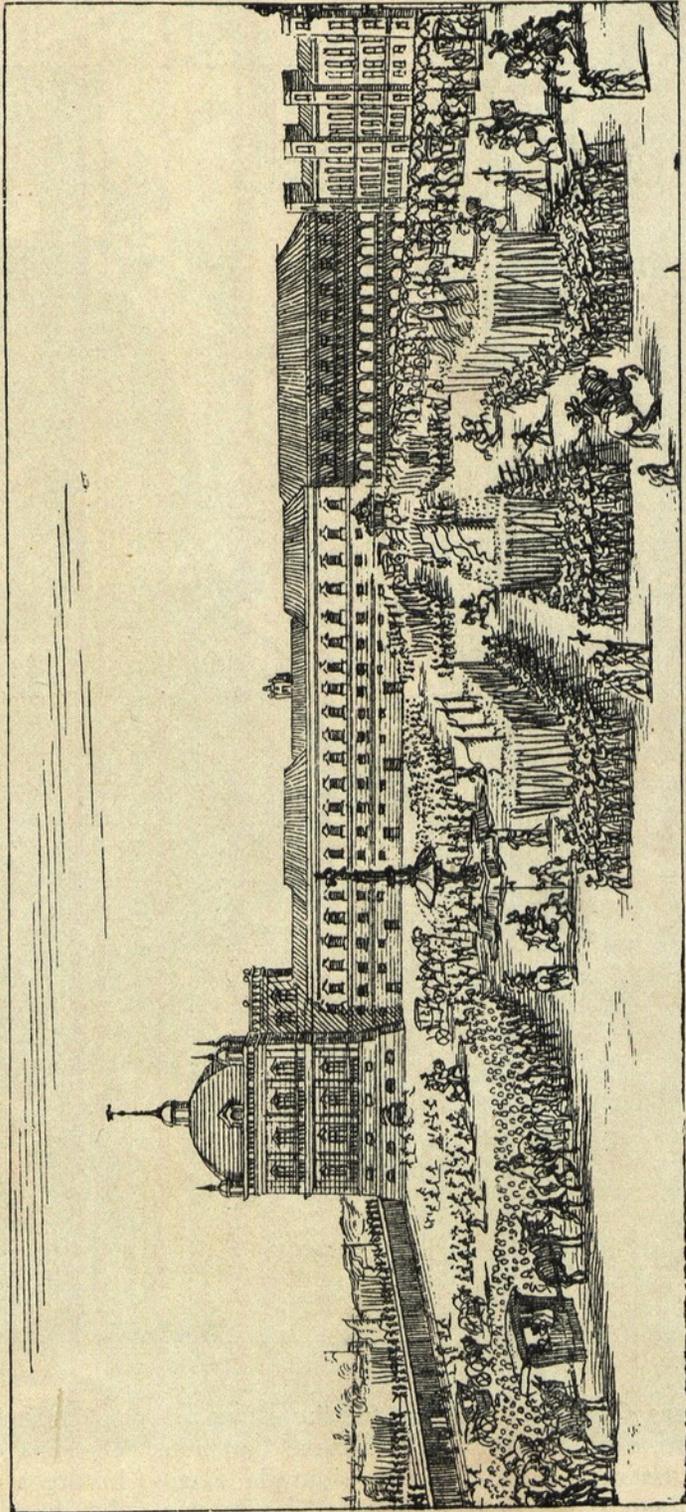
Desappareceram os outros edificios levantados por D. Manuel com destino ao commercio da India, seus armazens, e estaleiros.

Poucas ruinas d'aquelle tempo se encontram em Lisboa, como por exemplo o pequeno, mas encantador, portal da igreja de Santa Magdalena. E' uma moldura de linhas quebradas e entrelaçadas por diversas fórmas com um sumptuoso perfil, todo cercado de uma funda acaneladura, plena de ricas folhagens em relevo aberto do gothico dos ultimos tempos. Um conjuncto bem caracteristico do estylo.

Dos muitos outros edificios religiosos de Lisboa do tempo de D. Manuel nada ha de essencial, com excepção dos restos do convento da Madre de Deus, no suburbio de Xabregas. O convento foi fundado em 1508 pela irmã do rei, D. Leonor, viuva de D. João II, senhora de muito notavel instrucção e grande amadora d'arte, seguindo as mesmas inclinações de seu irmão. Dos edificios que formavam o convento, hoje adaptado a outra applicação, existem ainda os muros cerrados da igreja e dos claustros. A primeira fórma um rectangulo, cujos muros lisos em pedra de enxilheria são rasgados por pequenas janellas de volta inteira do estylo manuelino já descripto, e por um soberbo portal. A molduragem e o coroamento d'aquelle ultimo apresentam principalmente finos bastões que se entrelaçam e se quebram na parte superior do arco em uma linha de muito movimento.

O baixo-relevo do timpano do arco, genero

Robbia, «passou para casa de um amator nobre». A cornija principal consiste n'aquella apreciada moldura em fórmula de calibre, segurando uma galeria de pedra entrelaçada



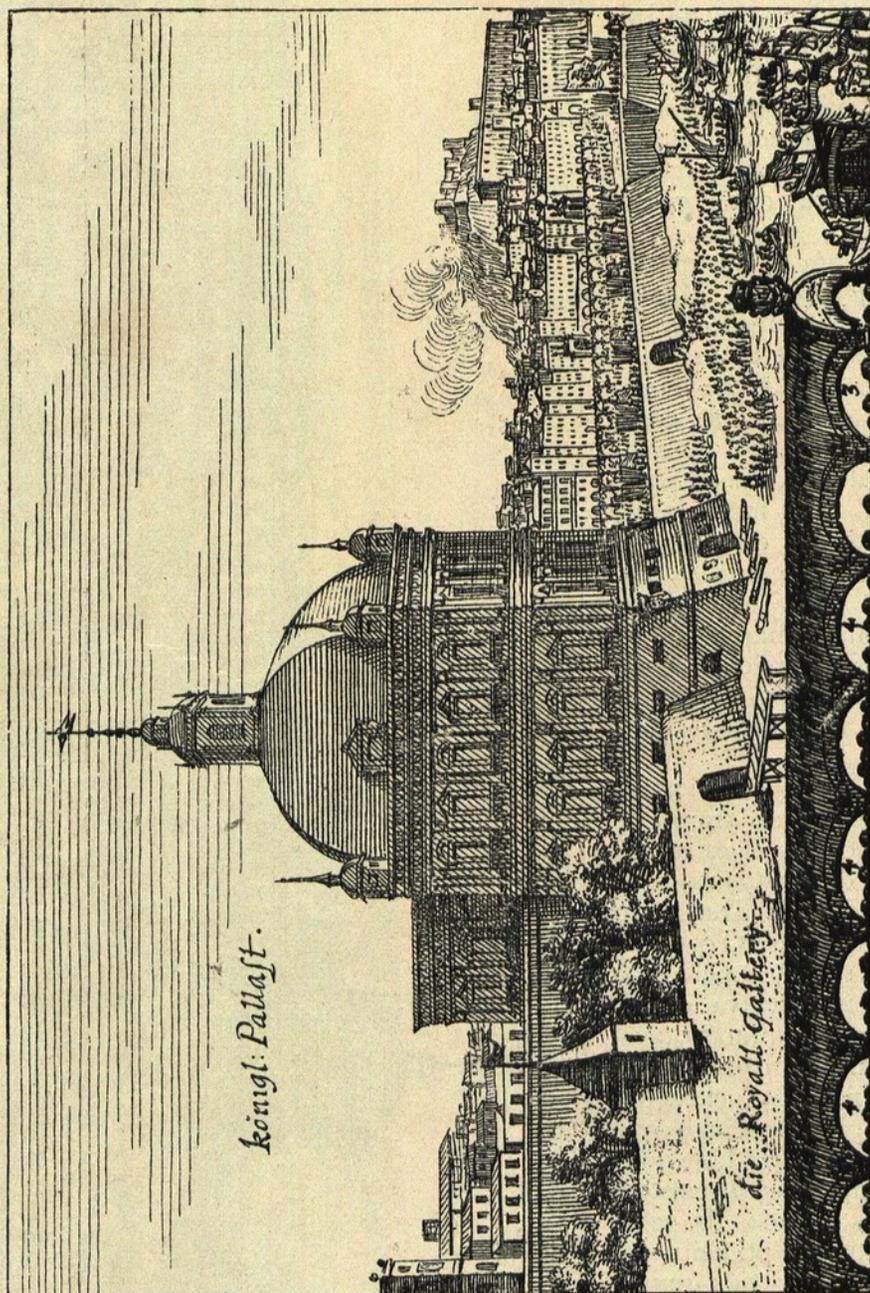
Paço da Ribeira com o torreão de Filipppe II (Lisbôa)

que tem a espaços, como adorno, as espheras e a cruz de Christo. A divisão d'essa galeria resulta de pontas á maneira de agulhas torcidas. Ainda ha uma pequena caixa de es-

cada com uma bella entrada, porém o todo parece ter sido muito restaurado, e as suas fórmãs são duvidosas.

O interior da igreja recebeu mais tarde uma fórmula muito diferente e hoje está em

reos de pedra e com a sua curiosa nascença de abobadas em forma de cesto no pavimento terreo, é ainda primitivo; talvez a única parte intacta do desenho original. O claustro em frente, e o maior, parece pertencer já



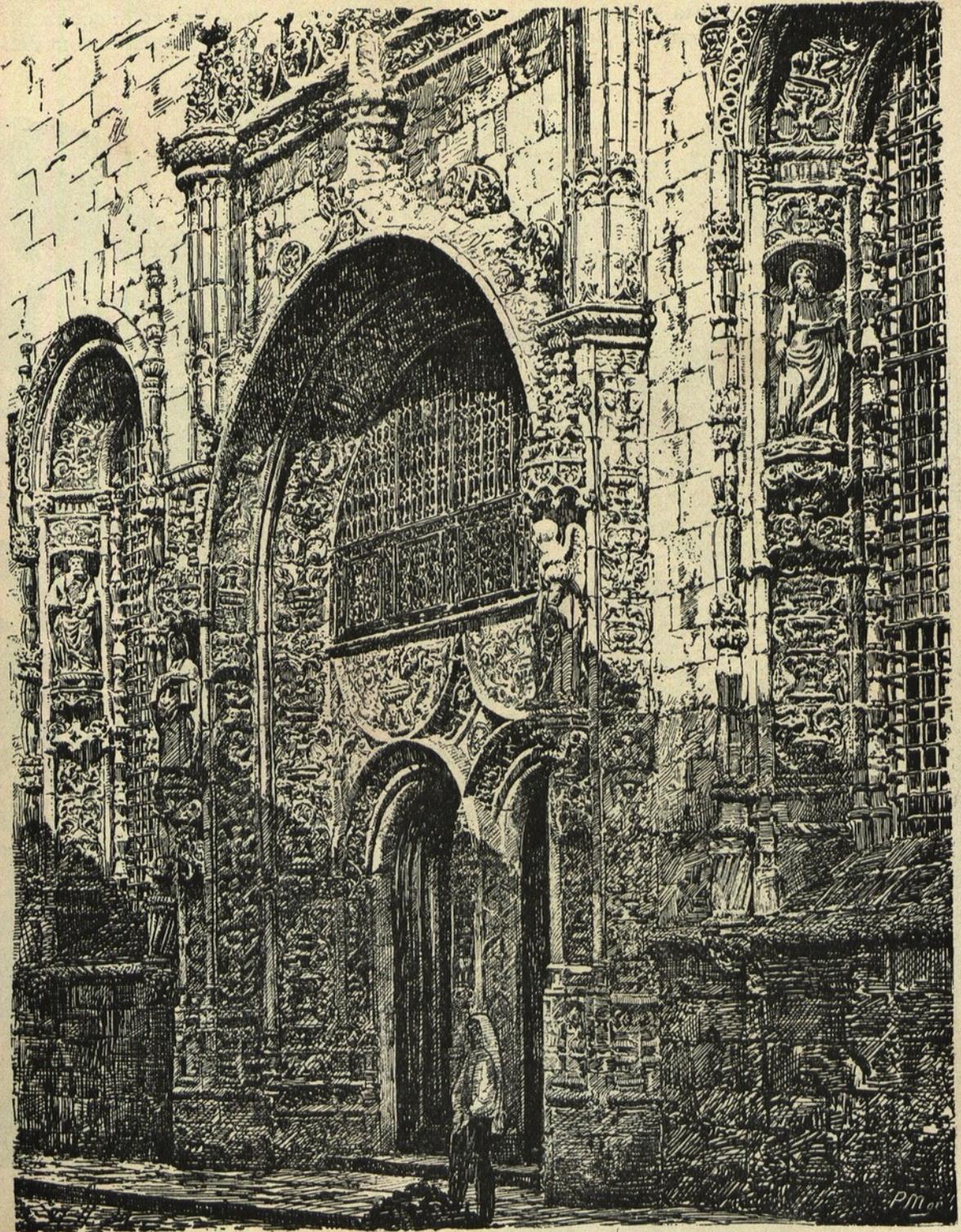
Torreão de Filippe II sobre o Tejo (Lisboa)

ruínas. O côro das freiras, que lhe estava ad- junto, deve ao século XVII as suas bancadas de assentos, e toda a talha dourada, como também o seu tecto de fôrma. Só uma parte das pinturas a olco, collocadas nos diversos caixilhos, pertence ao tempo de D. João III, e são do maior valor. Dos dois claustros o mais pequeno, com os seus arcos sobre finos columnelos entre pesados bota-

aos primeiros annos do reinado de D. João III. Os seus dois pavimentos são divididos por botareos de pedra quadrangulares destituidos de quaesquer membros, entre os quaes as architraves pousam sobre delgados columnelos e semi-columnelos no estylo da Renascença. E' um exemplo pobre e pouco desenvolvido d'aquelles systemas de claustros, que tomaram um desenvolvimento typico e valor

artístico, tanto em Coimbra e regiões vizinhas, como no Algarve no tempo de D. João

dois pilares ornamentaes, representando Jesus e a Samaritana nas formas grosseiras



*Fachada e portal da Igreja da Conceição Velha (Lisboa)*

III (veja-se o desenho de Penha Longa). Na proximidade encontra-se o pequeno poço samaritano d'el-rei D. Manuel, também de 1508: um baixo relevo encerrado entre

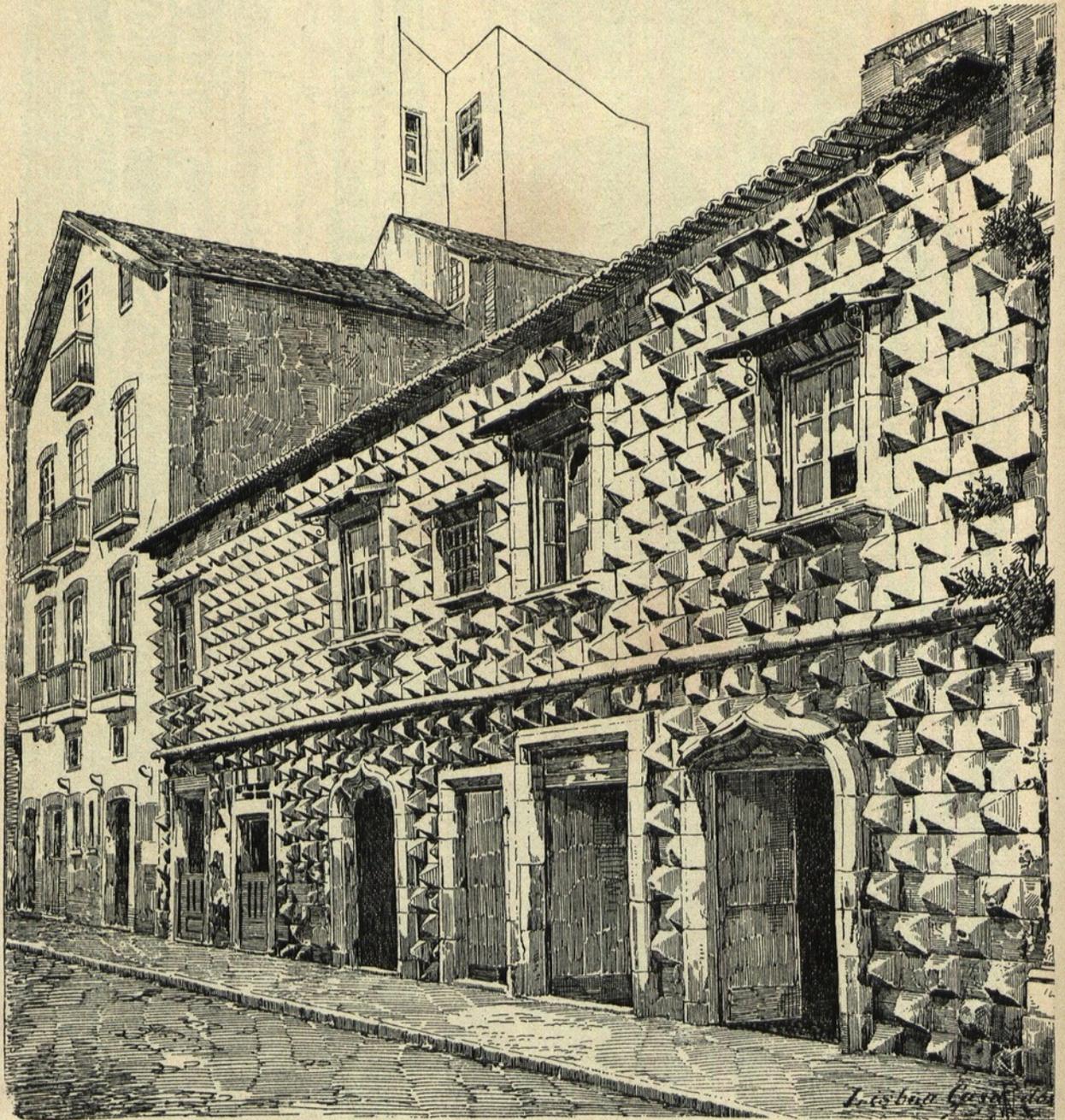
d'aquella renascença, que aqui se intentava, e além d'isso muito arruinado.

Dois remates de portas de velhas casas de Lisboa, uma d'uma pequena capella na rua

da Regueira, outra d'uma habitação particular, podem dar idéa, na especie, dos poucos vestígios da architectura manuelina da cidade.

A grandeza da antiga capital desapareceu; em seu lugar levanta-se hoje uma nova cidade de character estrangeiro, de maneira

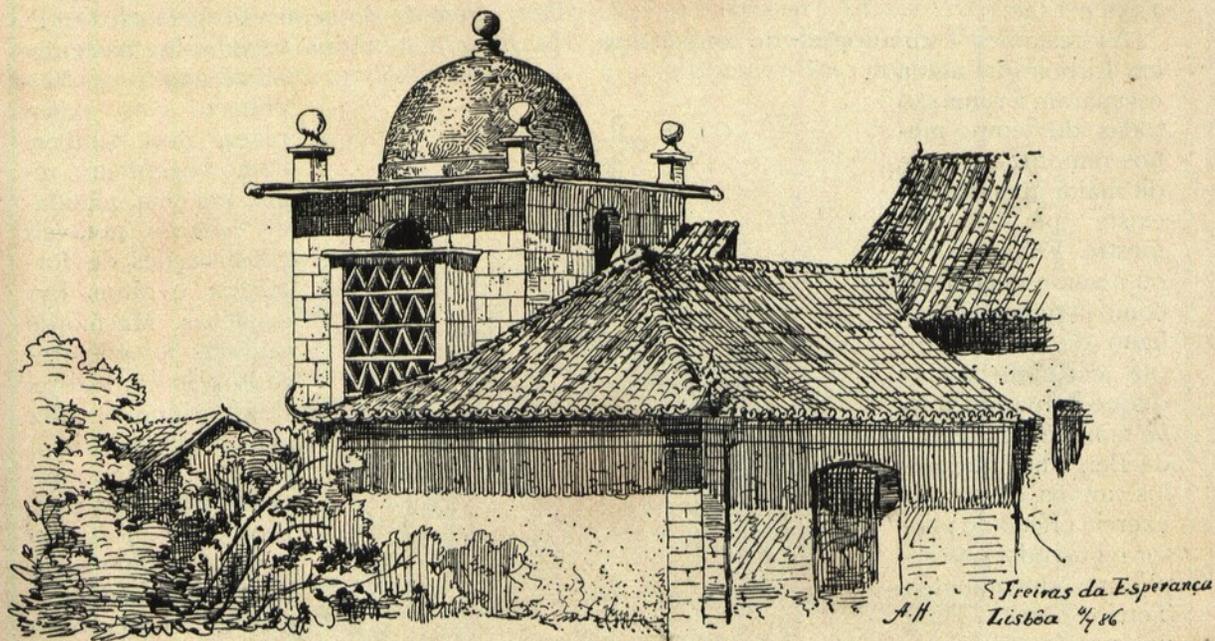
torre cuja superficie é rasgada por simples janelas, no estylo de D. João III e adornada com um brazão. Entra-se pelo portão subindo a um pateo, o qual tem nas suas arcadas do pavimento terreo uma fina architectura. Pilares quadrangulares, juntamente com deli-



*A Casa dos Bicos (Lisbôa)*

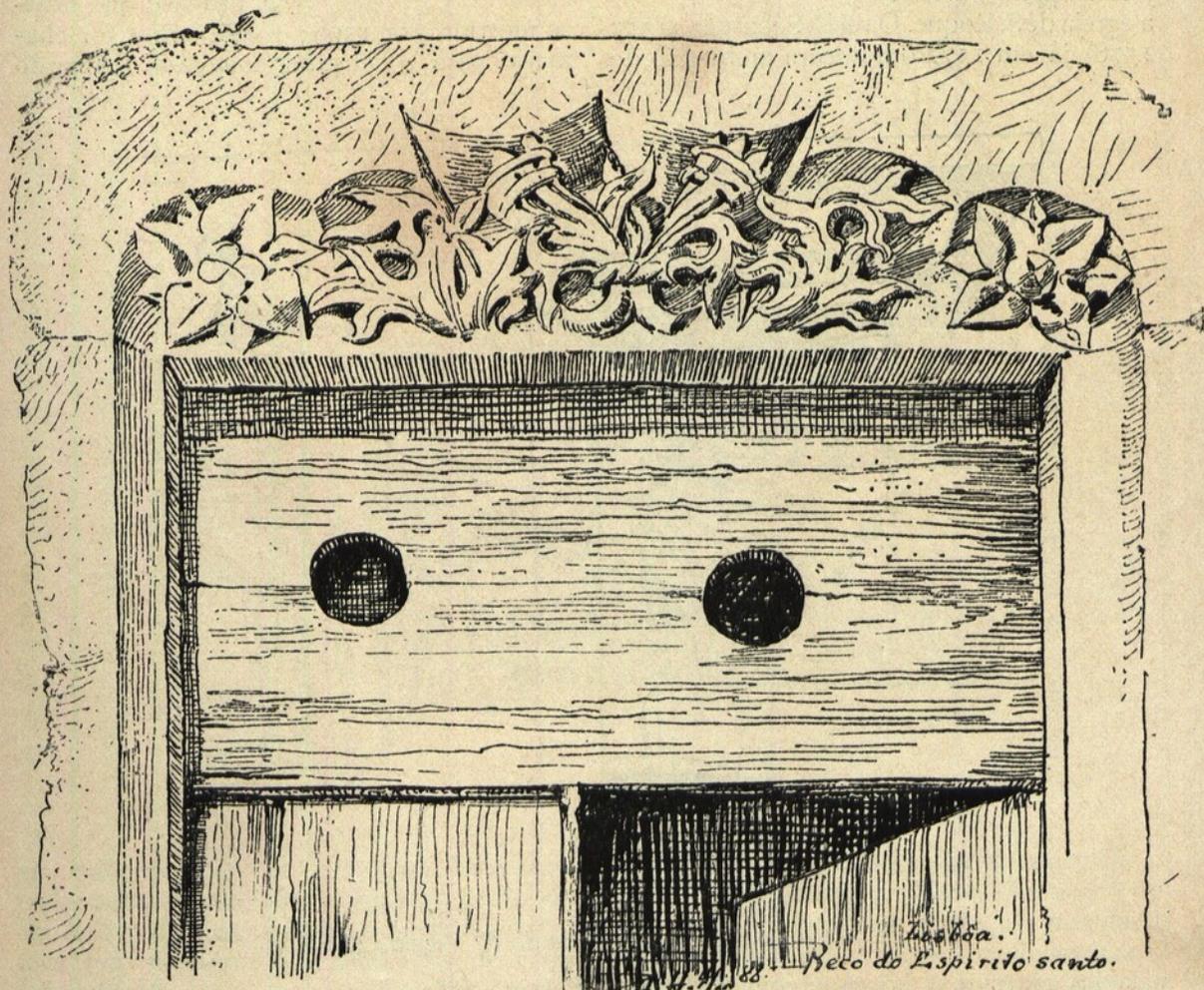
que não podemos fazer verdadeira idéa da nativa construcção das casas e seus palacios. Um resto isolado, o palacio do conde de S. Vicente, dá ainda uma pequena idéa da sua antiga architectura. Este palacio tem do lado da rua um soberbo portão, n'uma especie de

cados semi-columnelos, e entre estes delgados columnelos supportam arcos de pequena flecha; tudo muito simples, mas muito gracioso. Os encantadores capiteis d'estes columnelos e a frente lisa de pedra de enxilhria indicam mestres, ou pelo menos modelos, hespanhoes; a



Freiras da Esperança  
Lisbôa 786

[Da Igreja do Convento da Esperança (Lisbôa)]



Lisbôa.  
Reco do Espírito santo.

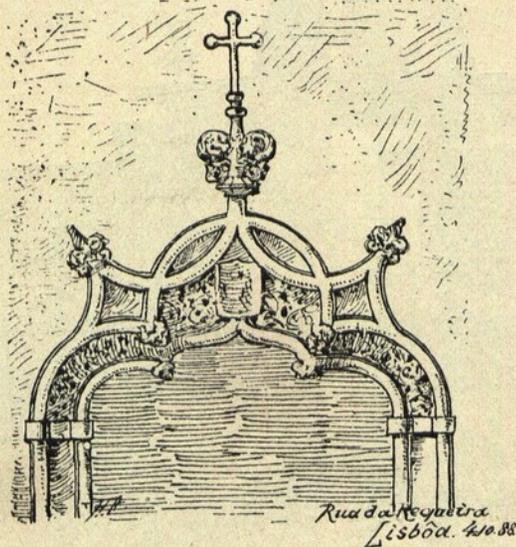
Portal d'um velha casa de Lisbôa

sua construcção deverá fixar-se talvez entre 1530 e 1540.

As restantes construcções de renascença em Lisboa que ainda escaparam á ruina são todas de tempo menos remoto; e o que de maior importancia existe pertence ao mestre Filippo Terzi ou á sua escola. Este, como já dissemos, italiano de nascimento (na côrte do archiduque Fernando houve tambem um Terzi, de Bergamo, que pelos annos de 1550 exercia officio de pintor e gravador) escripto nos documentos Tercio. Terzio, Terzi veio proximo do anno de 1570 para Portugal chamado aqui pelos jesuitas para construir a igreja de S. Roque. O rei D. Sebastião (1557-1578) já em 1572 o nomeára architecto dos

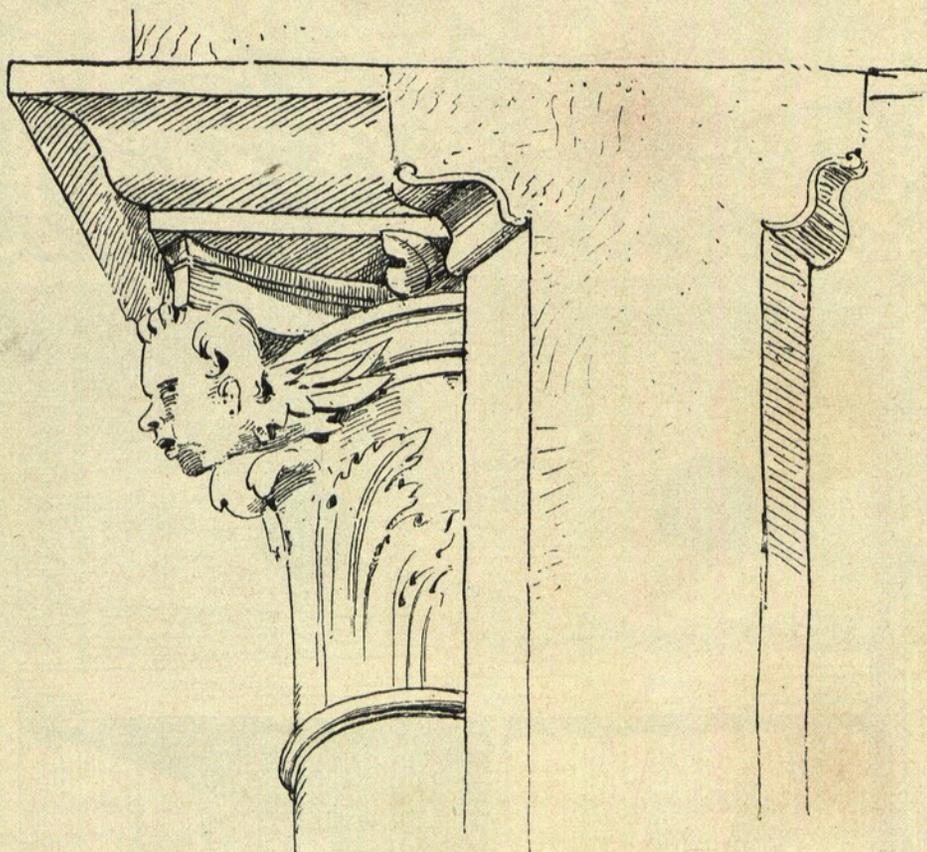
prisioneiro em 1578 na batalha de Alcacer Kibir e remido do captiveiro pelo cardeal D. Henrique. Este ultimo confiou-lhe bastantes

obras, não só como architecto dos paços reaes, mas tambem como engenheiro regio, em cuja qualidade realizou notaveis construcções de fortalezas e obras hydraulicas. Mesmo de pinturas foi encarregado pelo cardeal-rei D. Henrique, por ser elle, segundo diz a tradição, muito experto n'aquella arte. Depois da morte do cardeal, Filippe II, de Hespanha, seu successor, conservou-o no cargo e encarregou-o de muitos trabalhos importantes. E' provavel que tives-



Corôamento do portal d'uma capella da antiga Lisboa

se morrido por 1598; n'esse anno foi chamado para o substituir um certo Leonardo

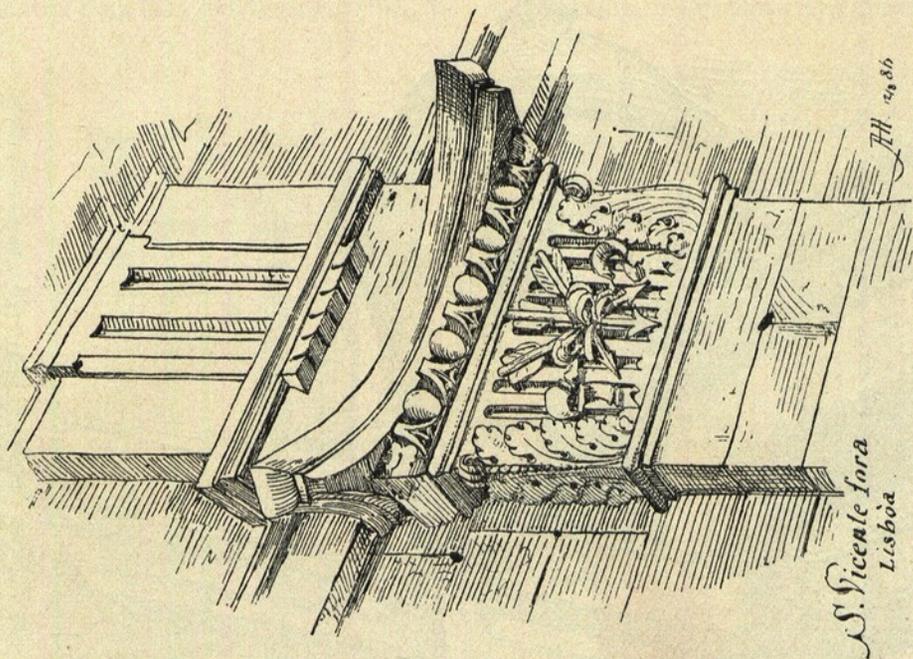


Do pateo do palacio do conde de S. Vicente (Lisboa)

palacios reaes e o honrara com sua maior Turiano. Mas parece que aquelle deixou protecção. Como já mencionámos, foi feita uma escola numerosa, o que era natural,

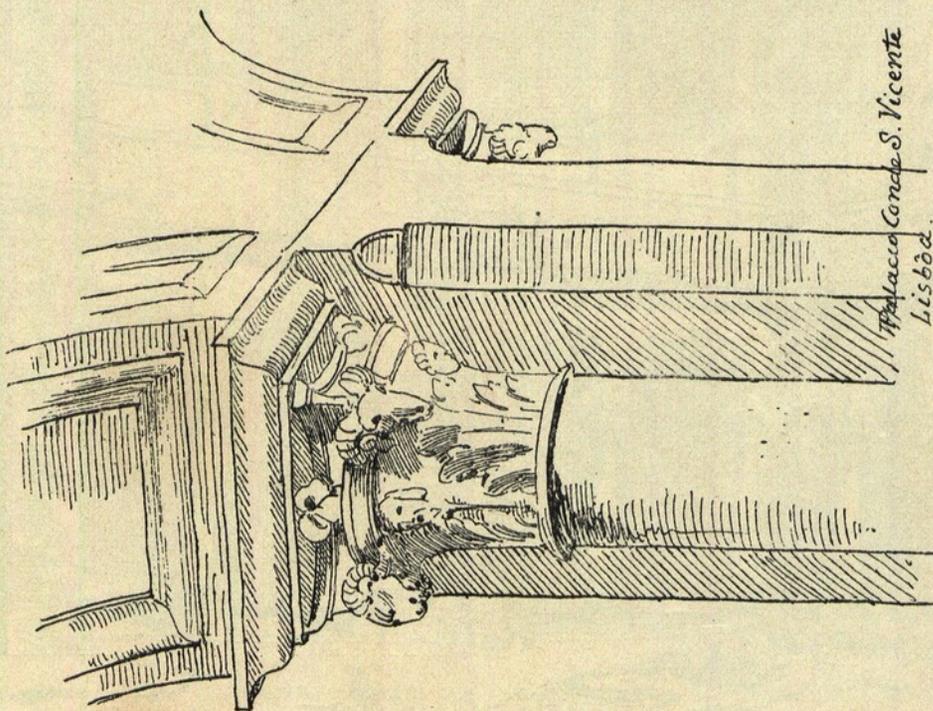
a julgar pela quantidade de seus trabalhos. D'esses seus discipulos ou successores pôde mencionar-se Nicolau de Frias, o qual, segundo parece, o houvera auxiliado no princi-

nuadores da orientação do mestre, podem citar-se Balthazar e Affonso Alvares, aos quaes se attribue o collegio de S. Bento em Coimbra; o primeiro veio tambem a Lisbôa, cha-



S. Vicente fora  
Lisbôa

Capitel de pilastra em S. Vicente de Fóra (Lisboa)



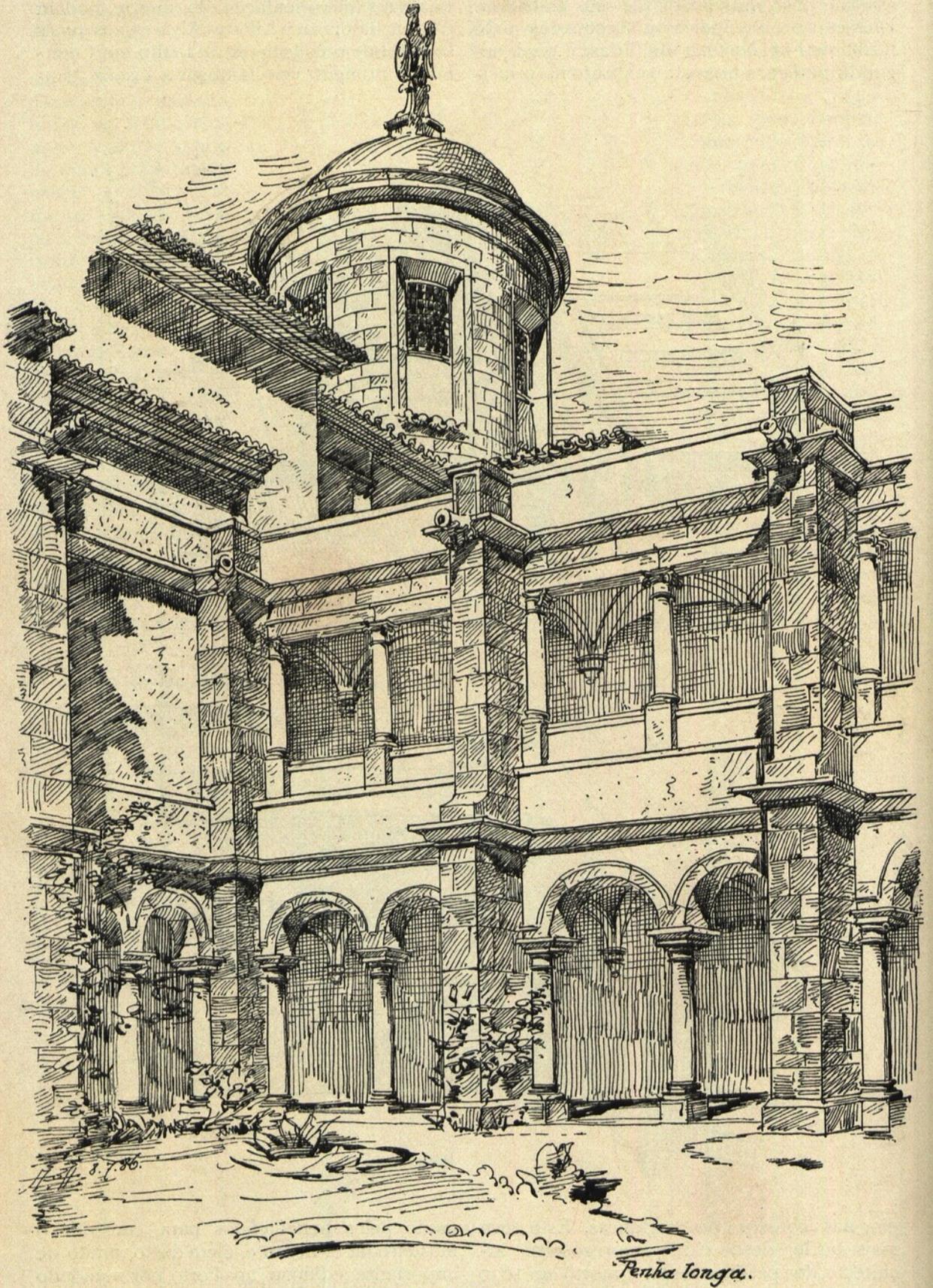
Palacio Conde S. Vicente  
Lisbôa.

Do patee do Palacio do conde de S. Vicente (Lisboa)

pio, nas construcções technicas. Este teve mais tarde (desde 1610) emprego como architecto dos palacios reaes, e morto em 1630 teve por successor seu filho Luiz de Frias (1630-1634).

Como mais distinctos possuidores e conti-

mado pelos beneditinos para construir o mosteiro de S. Bento e, além d'isto, muito de importante edificou no Porto por mandado da Ordem. Por este motivo appellidaram-n'o de architecto celebre. No mesmo sentido trabalhou Thiago Marques, e como aquelle ul-



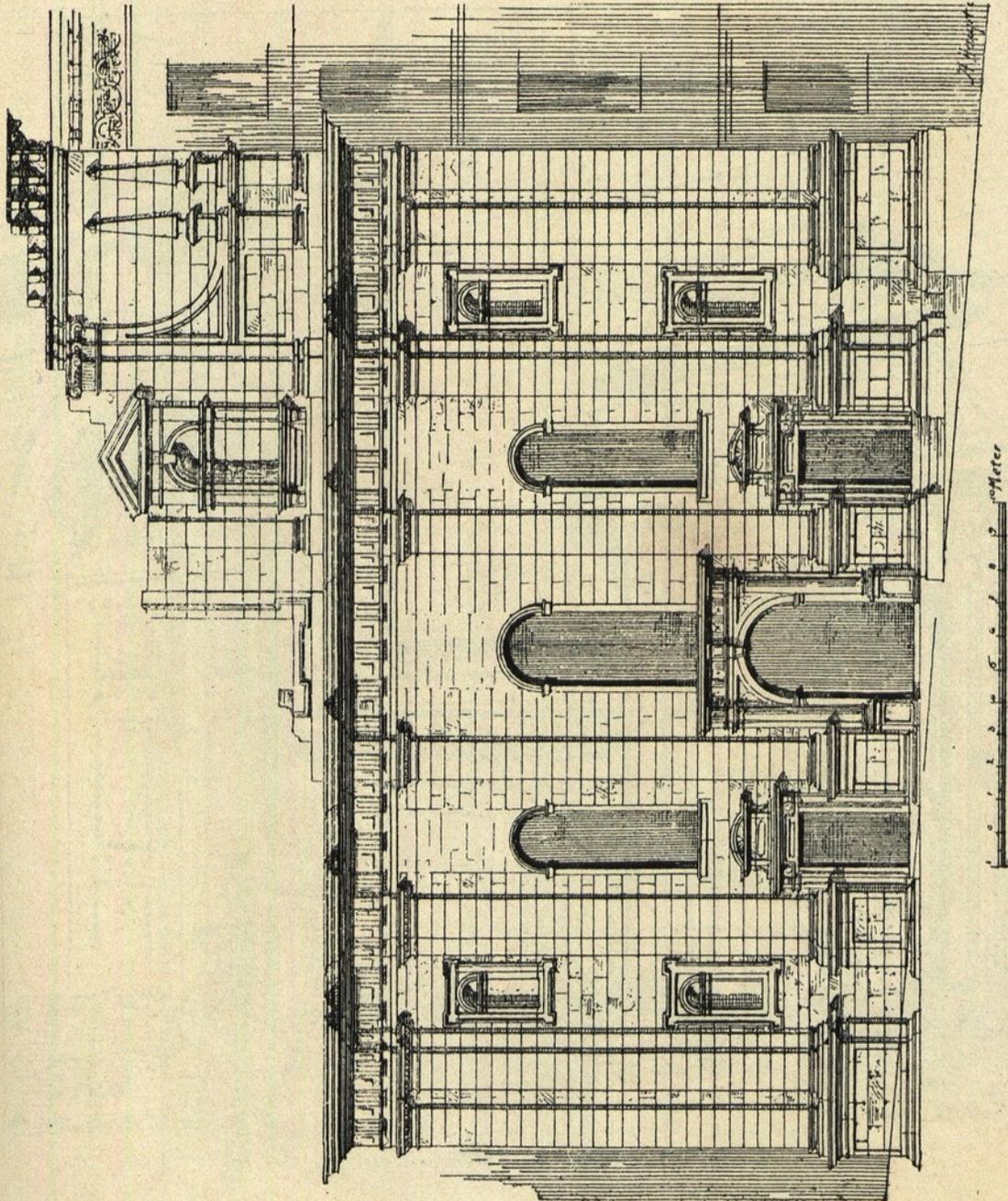
*Claustro da Penha Longa (Cintra)*

timo, para a Ordem de S. Bento. Não devemos esquecer de citar, como collaborador de Terzi, João Nunes Tinouco, o qual se designa ser o desenhador da planta de S. Vicente de Fóra.

Damos aqui uma lista das construcções, le-

do aqueducto (1575); — no Porto, Nossa Senhora da Serra do Pilar (?); — em Villa do Conde, o aqueducto e as fortificações; — em Thomar, o claustro dos Filippes.

Todas as suas igrejas são, como já deixamos mencionado, d'um character grandioso, d'uma



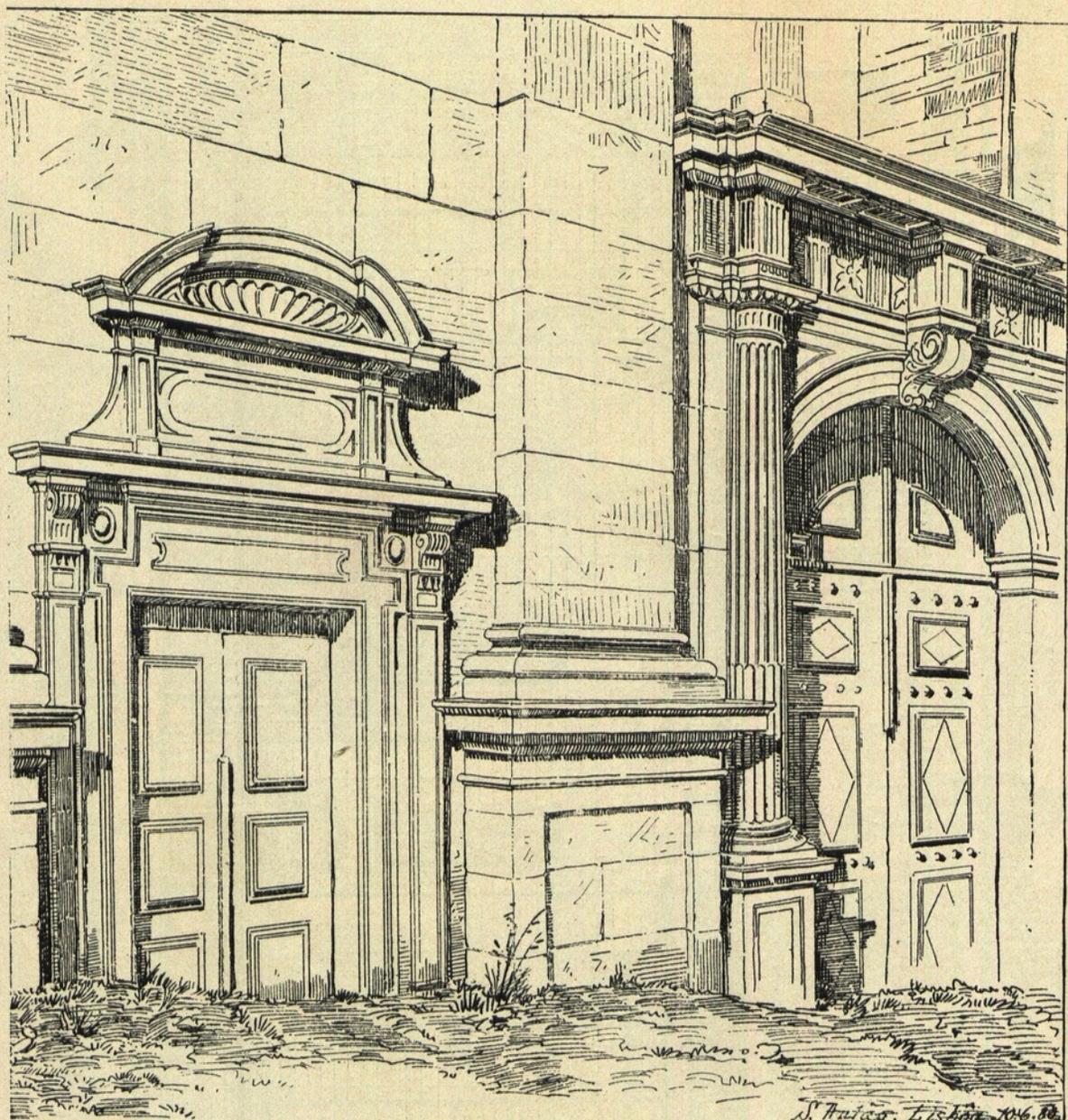
Fachada da Igreja de Santo Antão no Hospital de S. José (Lisbôa)

vantadas sem duvida ou provavelmente por Terzi: — em Lisbôa, S. Vicente de Fóra (1582), Santo Antão, Santa Maria do Desterro, S Roque (1570-1575), o torreão do Paço da Ribeira; — em Setubal, a cidadella de D. Filippe; — em Coimbra, a Misericordia, a igreja nova de S. Domingos, o collegio da Graça, o collegio de S. Bento com a igreja do Lyceu (?), a Sé Nova, Sant'Anna (?), a restauração

só nave, com series de capellas que substituem as naves lateraes, e pela parte superior d'ellas correm ás vezes galerias, e quasi sempre teem uma nave transversal. Todas, com excepção da igreja de S. Roque em Lisboa, que possui um tecto de esteira, são cobertas por uma magnifica abobada de berço. Estes tectos em fórma de tunnel são divididos quasi sempre, por nervuras de pedra, em diversos

caixotões e compartimentos; e sobre a nave transversal levanta-se uma cupula com ou sem tambor inferior. A igreja da serra do Pilar é um edificio circular com um côro rectangular. A fôrma d'estas construcções é sempre

do hospital de S. José, foi sem duvida a mais importante. Infelizmente resta d'ella apenas a fachada, quasi conservada por completo e o systema interno até a nave transversal. Isto é porem sufficiente para deixar reconhecer



Portal de Santo Antão (Lisboa)

severa e nobre. Predomina sem excepção no interior, e muitas vezes tambem no exterior, a ordem dorica das pilastras.

Santo Antão e Santa Maria do Desterro em Lisboa estão em ruinas desde o terremoto. Pelo mesmo motivo cahiu a cupula de S. Vicente de Fóra. O esplendido pavilhão d'angulo do paço da Ribeira foi levado pelas aguas do Tejo em 1755.

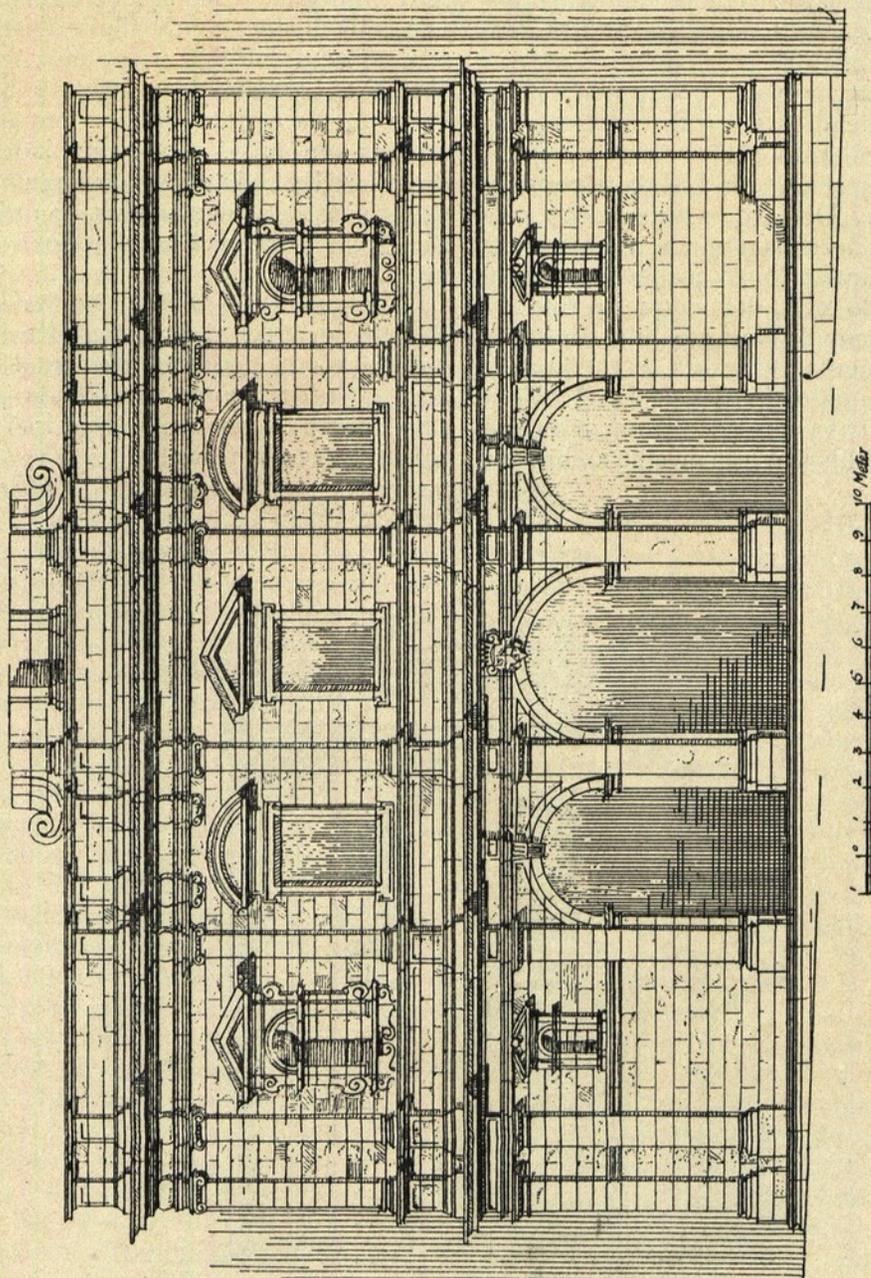
D'estas edificações, Santo Antão, a igreja

n'ella, uma das mais sublimes igrejas no estylo da renascença desenvolvido.

A imponente fachada de marmore, dividida com grandeza por pilastras doricas, era flanqueada, dos dois lados, por torres, de cuja construcção as de S. Vicente de Fóra, ainda conservadas, podem dar idéa, se as imaginarmos quadrangulares até o extremo superior. Entre os pedestaes das pilastras abrem-se portaes de marmore que dão accesso ao in-

terior e que encantam pelo esplendor do estylo inteiramente italiano. A fachada produz um effeito ainda mais grandioso, porque esses delicados portaes, ainda que importantes, quasi desaparecem ao pé das poderosas proporções do resto das outras linhas architectonicas. Parece que não está acabada ou foi

enorme abobada de berço guarnecida de caixotões e de apainelados em marmore de muitas côres, supportada por poderosas pilastras doricas; entre estas ultimas encontram-se as capellas. Do effeito total dá imagem reduzida o interior de S. Vicente de Fôra que é exactamente do mesmo genero. As columnas gran-



*Fachada de Santa Maria do Desterro (Lisboa)*

destruida pelo tremor de terra a architectura das janellas, de maneira que não podemos sobre ella dar opinião. Mas podemos por certo suppôr que havia intenção de adornar ricamente o emolduramento das janellas, por quanto o actual caixilho muito simples pôde ser attribuido a um restauro depois do terremoto. O interior apresenta uma

diosas são coroadas de capiteis que recordam os que Miguel Angelo tanto preferia empregar; doricos com golas altas e estriadas, e abaco curvo como nos corynthios. Estes capiteis que em S. Vicente e n'outros edificios são adornados com settas cruzadas, (signal do governo hespanhol?) encontram-se na maior parte das egrejas de Terzi. O caracter geral d'estas

ultimas indica que elle era discipulo de Sammicheli, cuja igreja de S. Giorgio em Braida perto de Verona deveria ser n'esse caso considerada como o modesto modelo da maior parte d'estas construcções.

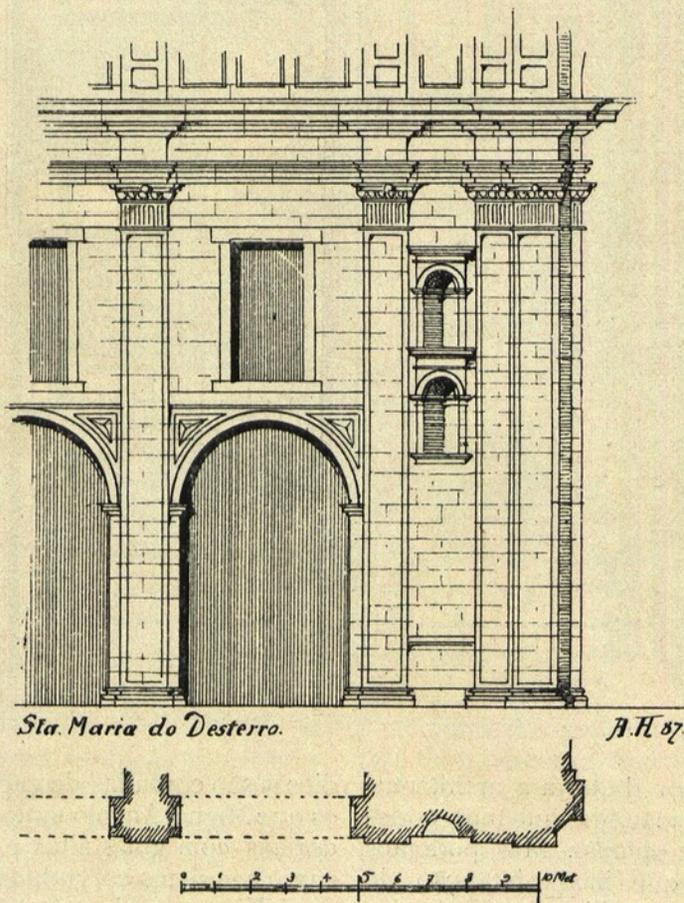
A nave transversal, a cupula e o côro de Santo Antão desabaram e apenas se conserva o remate do côro, o nicho atrás do altar-mór construido mais tarde e completamente adornado com mosaico de marmore. D'esta maneira de ornamentar se conclue que este nicho foi posteriormente construido, como tambem a esplendida sacristia contigua, cuja decoração de marmore dá o mais completo exemplo d'este genero em Lisboa e pertence ao seculo XVII. Demais, a construcção prolongou-se por dezenas d'annos, a julgar pelas noticias historicas e foi só acabada no principal no seculo XVII, depois que os frades a haviam interrompido durante vinte annos. A pedra fundamental foi posta a 11 de maio de 1579 no reinado do cardeal D. Henrique e foi só em 1652 que se acabou a igreja.

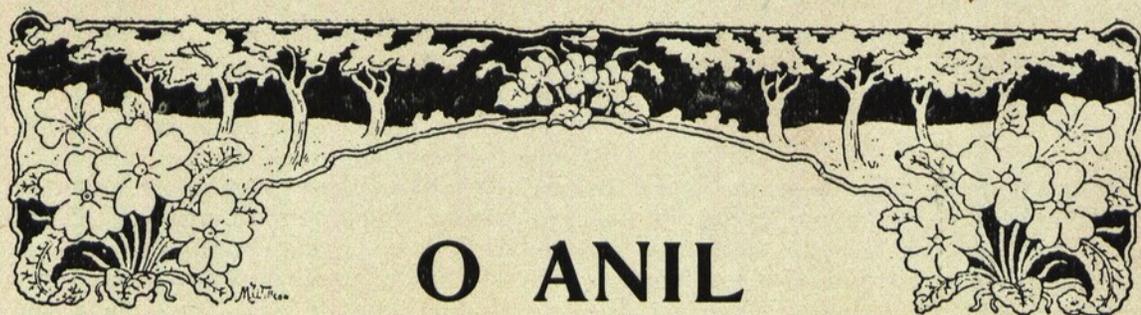
O segundo edificio d'esta mesma architectu-

ra, quasi identico na planta e no interior ao de Santo Antão, é a igreja de Santa Maria do Desterro, tambem em ruinas. Aqui veem-se apenas os muros da nave principal; a nave transversal, o côro e a cupula desapareceram por completo. A unica differença entre as duas construcções consiste em existirem aqui galerias ainda por cima das capellas da nave principal. A fachada é egualmente um dos mais distinctos trabalhos d'este genero, sem comtudo attingir o de Santo Antão. Tem ella duas ordens de pilastras sobrepostas; entre as da ordem inferior rasgam-se tres portaes em arco, contiguos e ladeados por duas paredes cada uma com o seu nicho. Entre as pilastras, menos altas, da ordem superior existem nichos e janellas de diversas fórmas.

Tambem aqui parece ter havido intenção de levantar duas torres. Realizou-se a collocação da pedra fundamental aos 5 de abril de 1591; porém a fachada parece ter sido construida por ultimo, por isso que mostra fórmas mais recentes.

(Continúa).





# O ANIL

## Sua introdução pelos portuguezes na tinturaria europea

FARIA obra de reconhecido proveito e de intensa curiosidade quem se abalançasse a escrever a nossa historia ultramarina, sob o ponto de vista exclusivamente economico: mercantil, industrial e agricola. A nossa faina maritima não teve por unico proposito o descobrimento e a conquista; a conquista militar e a conquista espiritual; pela espada e pela cruz. Navegámos, marcando cuidadosamente nos nossos roteiros as novas terras que iam surgindo; combatiamos todas as vezes que era necessario afirmar o nosso direito, mas não eramos simples corsarios medievas que, á semelhança dos normandos, assaltavam de continuo as costas da Europa. Enriquecemos a geographia, revelando ao mundo conhecido o mundo desconhecido. Opulentámos o commercio, fazendo de Lisboa o emporio universal de todas as mercadorias. Contribuimos emfim, por todos os modos, para o derramamento da civilização. Nem sempre — é de justiça confessal-o — os processos que adoptámos teriam o brilho e a pureza immaculada das laminas sahidas das mais afamadas officinas dos armeiros de Milão, mas essas manchas, que a historia aponta e que a consciencia condemna, fundem-se e evaporam-se no cadinho dos immensos serviços que prestámos.

O character eminentemente pratico dos nossos trabalhos nauticos traduz-se no titulo, que D. Manuel adoptou em seguida ao regresso de Vasco da Gama, em que se dá como senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India. Hoje parece-nos demasiado pomposo, mas o feliz monarcha foi ainda modesto, porque não se lembrou de acrescentar ao seu brazão real os emblemas heraldicos que lhe trouxeram os descobridores do Brazil e da Terra-Nova. Em nenhuma outra parte, porém, se desenha com tamanho desassombro e latitude o espirito avassalador e a actividade cosmopolita e multimuda do povo portuguez nos inicios do seculo XVI, como nas *Cartas* de Afonso d'Albuquerque. Ahi, o grande capitão,

não só retrata o seu perfil altamente guerreiro, mas as suas qualidades excepcionaes de diplomata, de estadista e até de negociante, fallando das materias do trafico oriental com auctoridade de um Bartholomeu Marchone ou de qualquer dos outros banqueiros e armadores, que existiam em Lisboa n'aquelle tempo. Não só se occupa das mercadorias, mas ainda de outros assumptos, como da cultura do amphião ou opio, cujas vantagens encarece.

Fômos uns permutadores de primeira ordem de toda a casta de productos, quer provenientes da natureza, quer do trabalho do homem. Se nos primeiros seculos da nossa conquista ultramarina tivesse havido o cuidado de recolher os objectos de toda a especie, que os nossos marinheiros traziam das mais remotas paragens, possuiriamos hoje o mais extraordinario museu ethnographico. Ao lêr o *Livro da nau Bretôa* vê-se a curiosidade dos seus tripulantes, que traziam das terras de Santa-Cruz, para regalo e admiração das suas familias, interessantes *specimens* da fauna americana — bugios e papagaios sobretudo. Lisboa póde gabar-se de ter formado o primeiro jardim zoologico da Europa, a quem D. Manuel assombrou com o presente do elephante e da onça, enviados ao papa Leão X.

Simplees agentes do trafico mercantil? Não. Fômos mais alguma cousa do que isso. Em toda a parte o nosso genio agricola se aclimou e desenvolveu. Transplantámos d'umas para outras regiões variados productos e estabelecemos culturas, que ainda são hoje uma riqueza de primeira ordem, sobressahindo entre ellas a do café e a do assucar. Os japonezes confessam o beneficio de termos introduzido ali o algodão. Percorrendo os nossos antigos chronistas e as obras que mais especialmente se occuparam de descrever os paizes desconhecidos, como as de Garcia da Horta, Gandavo, Duarte Barbosa, Gabriel Soares, e tantas outras, não seria muito difficil tirar por ellas a folha corrida dos serviços

que prestámos a grande numero de industrias agricolas, quer na exploração, quer na cultura e transplantação de certos vegetaes.



Restringindo a minha these, procurarei todavia comproval-a com um exemplo, que faz honra á perspicacia e actividade dos industriaes portuguezes. Foram estes que introduziram o emprego do anil, vindo da India, como substancia córante, nas officinas de tinturaria. Diversos documentos abonam a authenticidade d'este facto. Citarei em primeiro lugar um attestado, que se conserva hoje nos archivos do Museu Britannico, assignado por seis negociantes e tintureiros inglezes, em que declaram que um Pero Vaz, d'Evora, tinha ido áquelle paiz ensinar a applicação do anil na tinturaria e que se achava o seu uso conveniente e preferivel ao de outras substancias até então empregadas. Este attestado tem a data de 26 de abril de 1577. Ou antes ou depois d'isto — não se póde precisar com rigor — Pero Vaz havia ido desempenhar igual missão, com favoravel resultado, junto dos tinturceiros de Flandres. Por estes serviços, de que a corôa de Portugal se mostrára satisfeita, lhe concedeu el-rei, em alvará com força de carta de 14 de novembro de 1578, o privilegio de poder mandar vir da India, todos os annos, livres de direitos, dez quintaes d'anil.

Este documento accrescenta um appellido a Pero Vaz, o de *Tavora*, mas julgo que o escrivão que fez o registo se equivocou, transformando Evora em Tavora. O documento diz, além d'isso, que elle residia n'aquella época em Lisboa. Tenho noticia d'um Francisco Vaz, talvez pae ou parente do anterior, que era tambem tintureiro e residia em Evora por 1535. N'este anno, sahindo elle um dia de casa, á bocca da noite, para tratar dos seus negocios, foi assaltado por uns tres ou quatro homens, que o espancaram, deixando-o muito mal. Por este motivo não tornára a sahir de casa de noite, receioso de que se repetisse a desagradavel scena. Attendendo á sua petição, D. João III, em 17 de junho, lhe concedeu carta para elle poder trazer armas em sua defesa. Assim já elle poderia sahir mais afoutamente á rua. Pero Vaz devia ser fallecido, ahi por 1581, pois n'este anno, a 22 de março, era transferido ao filho, Duarte Vaz de Souza, o privilegio que seu pae gozava, mas com a reducção de 50 0/0, isto é, sómente cinco quintaes.

Pero Vaz não foi o unico que andou mettido n'esta negociação do anil. Foram participantes igualmente André Rodrigues d'Evora e Christovão Vaz, que diligenciaram introdu-

zir o anil em Castella, parecendo ter conseguido prospero resultado, pois, a instancias do governo d'aquelle paiz, se haviam feito experiencias favoraveis nos mais importantes centros fabris, como Segovia, Valencia, Toledo e Cuenca. Oppunha-se, comtudo, um obstaculo valente na pessoa de um burgalez (habitante de Burgos), que havia enriquecido com o trafego do pastel, que era a substancia que se usava anteriormente. Na Torre do Tombo existe a minuta d'uma carta que a nossa côrte endereçara ao seu embaixador em Hespanha, recommendando-lhe cuidadosamente o memorial que André Rodrigues tinha escripto sobre a materia.

O anil, antes de proceder da India, vinha da Berberia, e era conhecido em Hespanha, mas, como a sua qualidade era má, chegou a ser prohibido. O da India, como se vê, alcançou victoria, considerado como um succedaneo vantajoso do pastel. A côrte de Portugal, pelos lucros mercantis que d'ahi lhe resultavam, favoreceu a sua importação e vulgarização, não se lembrando de que ia aniquilar uma cultura indigena, bastante desenvolvida, sobretudo nos Açores. Como quer que seja, a iniciativa dos tintureiros portuguezes, ensinando processos novos aos seus collegas de nações tão cultas, como Flandres, Inglaterra e Hespanha deixou assignalada uma pagina brilhante na historia da nossa industria..

Fallei, já de passagem, no pastel, a quem o anil veio quasi completamente desalojar do seu antigo posto de honra, e direi agora alguma cousa, ainda que succintamente, da evolução da sua cultura no nosso paiz.

O pastel, como o anil, é tambem um producto vegetal, convenientemente preparado antes de servir nas dornas dos tintureiros. Parece que foi o infante D. Henrique, cognominado por Major o *Navegador* que primeiro introduziu em Portugal, se não a cultura do pastel pelo menos o seu preparo. Se se tomassem á letra as expressões da carta de privilegio, que, a este proposito, lhe passou D. Affonso V, em 28 de agosto de 1445, dir-se-hia que elle fôra o proprio inventor dos aparelhos adequados ao mister, o que todavia não me parece muito admissivel. Não conseguí averiguar qual o prosequimento que teve a empresa do Infante, quaes as terras onde se cultivasse a planta e onde se erigissem as respectivas officinas, e, finalmente, se esta industria se exerceu debaixo da direcção immediata de D. Henrique ou da Ordem de Christo, de que elle tinha o mestrado.

Em 1490 obtinha Luiz Domingues carta de privilegio de D. João II para usar do exclusivo do plantio e preparo do pastel nas

comarcas da Beira, Traz-os-Montes e Entre-Douro e Minho.

D. Manuel, emquanto duque de Beja, era quem gozava o exclusivo da cultura do pastel na ilha Terceira, trato que elle déra de arrendamento a um mercador genovez, André de Caçona, residente em Sevilha. Esta circumstancia parece demonstrar que o pastel não se empregaria sómente no paiz, mas que seria exportado, por intermedio d'aquelle genovez, para outras partes, talvez para Italia e Hespanha. D. João II, em 1490, lhe passou carta de segurança, para que elle, seus feitores ou representantes, podessem vir com os seus navios, afoutamente commerciar a Portugal e ás praças d'Africa.

Nos Açores a cultura do pastel teve bastante incremento, mas foi declinando até se extinguir de todo, devido não só á concorren-

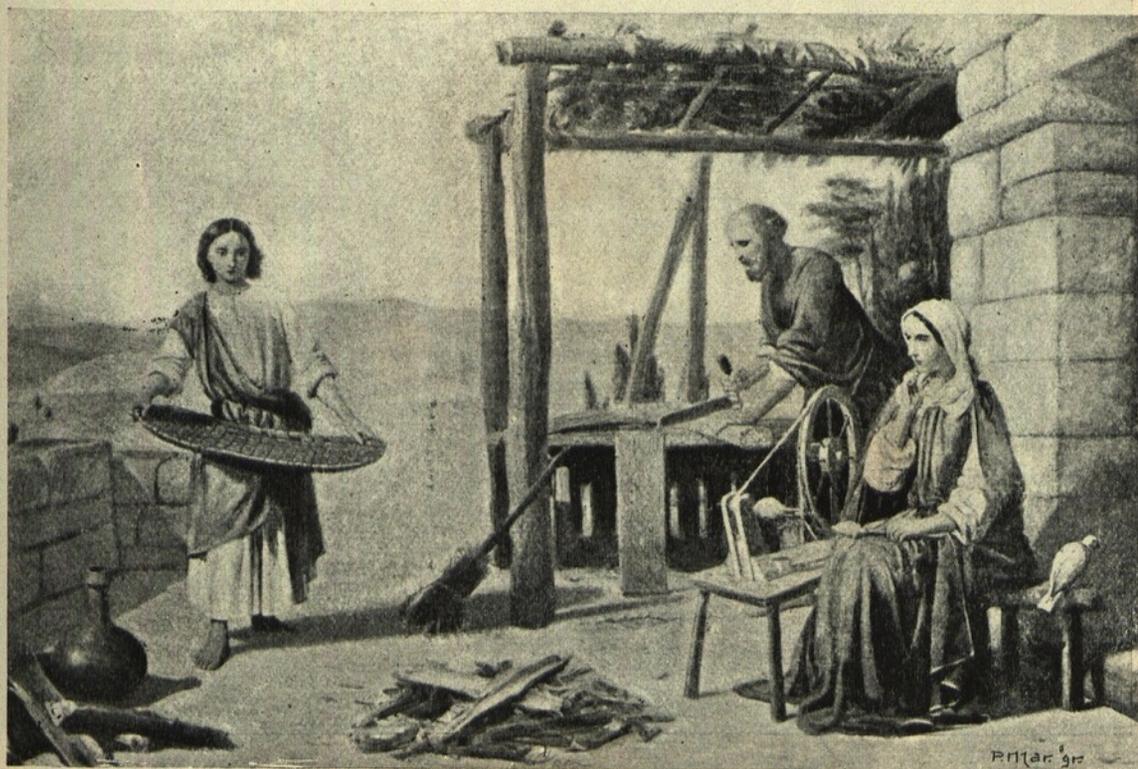
Lisboa, 21-10-1902.

cia do anil, mas aos rigores do fisco e ás fraudes dos lavradores e preparadores.

Em Portugal o uso do anil não foi tão absorvente, que não se visse, reinando D. João V, passar este monarcha uma carta, em 11 de novembro de 1716, auctorisando Manuel Lopes Henriques, para estabelecer na Covilhã uma dorna para tingir de pastel, conforme a concessão que já fizera a outros.

Eis aqui esboçado um capitulo da história da tinturaria portugueza, que bem comprova que a industria nacional nem sempre occupa um lugar secundario, subordinada á estrangeira, antes d'esta vez lhe cabe a honra de ter tomado a iniciativa de uma innovação importante, dando uma lição, que os outros não desdenharam, reconhecendo pelo contrario, a sua proficuidade.

SOUZA VITERBO.



A MOCIDADE DE JESUS — QUADRO DE HERBERT



ADORAÇÃO DOS PASTORES

QUADRO DE RIBERA — MUSEU DO LOUVRE



## VISÕES D'UM CRENTE



Ter dentro em nós um templo, e enche-lo de vaidades,  
Pôr idolos sómente a adornar-lhe os altares,  
E deixar que o desdem das immortaes verdades  
Converta o proprio Amor em lubricos esgares...

Ver o Vicio a sorrir, e a Bondade a soffrer ;  
O brio feito crime e a Justiça Vergonha ;  
Fazer da Hypocrisia a gemma do saber,  
Usar na bocca o riso, e n'alma ter peçonha...

Adorar os reptis e denegrir os bons,  
Envolver todo o mal em tunicas fulgentes,  
E abafar da Innocencia os mais ligeiros sons,  
Aos ruidos brutaes de boccas repellentes...

Fallar d'alto a um humilde, e contrafeito a um pobre,  
Com fracos ser brigão — com fortes ser covarde ;  
Arremedar grandeza em presença d'um nobre  
D'aleivosias vis fazer um triste alarde...

Ser falso, ser cruel, com velhos, com creanças,  
Não conhecer o dó, sorrir da Piedade,  
Propagar que illusões, chimeras, esperanças,  
São vestigios senis d'uma remota idade ;...

Não ter Deus, não ter lei, cortejar quem é forte,  
Dispensar a moral, e olhar com compaixão  
Os que fallam do céu, os que pensam na morte,  
Os que prégam a Paz, os que usam do Perdão ;

Ensinar que é bom sempre existirem parias,  
Pois são na humanidade um necessario mal,  
Reputar o Progresso, e as suas fórmias varias,  
Uma doida utopia, um perigoso Ideal ;



Ter como justo só aquillo que vencer,  
 Estar a todo o instante ao lado de quem mande,  
 Esmigalhar n'um sopro o mais infimo ser,  
 Não venha acaso o dia em que elle seja grande...

Não conceder *nem um* que podem pedir *cem*,  
 Não vergar á razão, pois torna-se exigente,  
 Dominar a revolta — antes a mal que a bem,  
 E por fim prometter, mas prometter sómente:...

Ah! meus irmãos, eis parte, apenas parte ainda,  
 De tudo o que eu quizera expor-vos bem a claro,  
 Mas se o rosario é longo e a via sacra infinda,  
 A mim falta-me o genio — o genio ousado e raro...

Assim, devo calar-me; é fraca a minha voz,  
 E estes gritos que vão envoltos n'alguns versos,  
 Mal traduzem sequer, esses que eu solto a sós,  
 Que o peito não contém, e vão pelo ar dispersos...

Mas se ouvirdes, acaso, um gemido, um lamento,  
 Transparecer ao longe, ás horas do sol posto,  
 N'um recanto do céo, n'uma volta do vento,  
 Deixando o calefrio agudo d'um desgosto,

Sabei que n'elles vae um pedaço talvez,  
 Da minh'alma queixosa e dos meus gritos rudes;  
 Dá-os á Consciencia, e Deus que assim nos fez,  
 Ouvil-os-ha vibrar, mais tristes que alaúdes...

Não supponhaes porém, irmãos que me escutaes,  
 Que eu alimento a idéa, ou criminosa ou estulta,  
 De conhecer melhor, emfim de sentir mais  
 Toda a extensão do mal que dia a dia avulta. .

Não; eu sou como vós, e até serei peor,  
 Vivo no mesmo mundo, e o mesmo ar respiro...  
 Nem o meu coração é afinal maior  
 E a quantos d'entre vós ardentemente admiro!...

Quantos quizera ser, em vez de ser quem sou!  
 Por isso, o que aqui noto, em pallida linguagem,  
 Vós o dizeis tambem — e a mente que pensou  
 Viu isso tudo já, conhece esta voragem...



Mas é mister que até os simples, os pequenos,  
Os que não podem mais que lamentar, protestar,  
Venham, por sua vez, altivos mas serenos,  
Transpôr, cheios de fé, as ondas d'este mar...

E' mister que um instante, um minuto que seja,  
Digamos todos nós — o que trazemos n'alma,  
E que bem posta a nú, o mundo inteiro veja  
Esta ancia feroz que força alguma acalma...

Traz-nos ella ao combate augusto da Verdade,  
Mas por cada victoria arrancada á mentira,  
Vereis que ha de ficar maior a Humanidade;  
E até a Consciencia, erguendo-se, respira...

Ser punido quem crê, apupado quem sonha,  
Não vos parece, irmãos, um sarcasmo pungente?  
Pois na terra voraz, na existencia medonha,  
Tal é o negro fim da miseranda gente!...

Mas logo que esta um dia eleve o olhar e o braço,  
Logo que pense e *queira*, — e nem sequer hesite,  
Heis de vêr, heis de vêr como ha em todo o espaço  
Um sorriso sem fim, uma paz sem limite...

Põe seculos ao longo o sol até surgir?  
E largas horas más e tormentosos dias?  
Talvez, irmãos, talvez! Porém elle ha de vir,  
E havemos de escutar-lhe as doces harmonias..;

Ou então era o Bem um colossal embuste,  
A Belleza, a Verdade uma illusão bem rude,  
E — decepção suprema! — inda que tal nos custe,  
Um simples nome vão, — esse Deus, a Virtude...

Mas não, não pode ser e não será, bem sei...  
Não é um mytho o Amor, existe, avança, luta;  
Ha de vencer por fim, ser o Poder e a Lei,  
Dominar a materia, a natureza bruta...

E quando, embora tarde, elle illumine em cheio  
O triste coração d'esta raça precita,  
Quando lhe cave o fundo e lhe revolva o seio,  
Palpando da miseria a tortura infinita,



Tão alto ha de clamar o teu nome, Justiça,  
Que os réprobos, os maus, os despotas, os vis,  
Sumir-se-hão de vez, e uma força insubmissa  
Domal-os-ha fremente, em impetos viris...

Depois, do largo céu descendo, o proprio Deus,  
Carinhoso olhará o mundo renovado,  
E n'um riso de luz, um desses risos seus,  
Ouvil-o-heis dizer: — meus filhos, obrigado...

E' que vendo afinal, na Terra transformada,  
A Bondade a florir, e extinto o Mal e a Dor,  
Só lhe resta deixar a sua azul morada,  
E vir, cansado Heroe, viver do nosso Amor...

Novembro 1902.

AFFONSO VARGAS.





POBRES DA CIDADE DA PRAIA E ARREDORES, ESPERANDO A DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS

## *A fome em Cabo Verde*

**D**EPOIS da terrivel fome que em 1864 assolou a nossa tão valiosissima, sob diversos pontos de vista, provincia de Cabo Verde, parece que nenhuma, das que, com periodos menores ou maiores, perturbam aquella nossa colonia, se apresentou com indicios tão violentos como a de 1902.

As correspondencias para os jornaes e sobretudo as cartas particulares descrevem, com intensidade commovente, verdadeiros horrores:— quer nas cidades, quer no interior, velhos, mulheres e creanças, cahindo desfallecidos, quasi sem vida, nas vias publicas;— creancinhas, extenuadas na sucção dos peitos seccos pela terrivel fome, morrendo nos braços contorcidos das miserrimas mães;— funebres e angustiosas procissões formadas por centenas de desgraçados que, dirigindo-se á cidade proxima a supplicar das auctoridades migalhas com que enganem a tortura d'esse dia, dando-lhes um simile de forças para supportarem as torturas dos dias seguintes, vão deixando marcado o longo dos trajectos com os corpos d'aquelles a quem faltou a ultima energia;— arrastando-se pelos caminhos, que do interior conduzem ás cidades, dezenas e dezenas de famintos, sem

forças para caminhar ávante, abandonam os que vão á cidade, na para elles tão esperançosa jornada, preferindo antes retroceder e, por falta de esforço, morrer nas suas miserias habitações, ao pé dos seus, já moribundos;— verdadeiras romarias conduzindo aos hospitaes, onde ha hospitaes, velhos, mulheres e creanças, em grande quantidade, que ainda apresentam, nos esqueleticos arcaboijos, os ultimos resquicios de vida;— emfim, hediondos quadros de angustiosa miseria, que conseguiram esgotar os recursos particulares, tanto mais escassos, quanto uma crise commercial, de ha tempo a esta parte, tem vindo cerceando os redditos privados, por successivas fallencias de casas importantes d'aquellas ilhas que, arrastando na sua queda outras, e essas ainda outras, tem ido successivamente affectando os rendimentos de cada um.

Para sustar os effeitos de tão terrivel calamidade, os povos da ilha de S. Thiago de Cabo Verde, séde da provincia, dirigiram, em 28 de setembro ultimo, a Sua Magestade El-Rei nma angustiosa representação, terminando com a supplica de que «sejam abertos «trabalhos publicos em todas as freguezias

«onde a fome se faz ou se faça sentir, to-  
«mando-se todas as demais providencias que  
«se julguem adequadas a minorar o soffri-  
«mento dos que, pela sua idade, sexo ou  
«condição physica, não possam nos trabalhos  
«do Estado obter recursos para a sua susten-  
«tação, isentando-se de direitos de importa-  
«ção não só o arroz, mas qualquer outro  
«genero essencial á alimentação da popu-  
«lação.»

Em resposta a esta representação auctori-  
sou logo o governo de Sua Majestade não só  
o dispendio de mais 23 contos de réis, além  
da pequenina verba fixada no orçamento  
provincial para as obras publicas, como or-  
denou a entrada, livre de direitos de importa-  
ção, do milho, que é um dos principaes  
alimentos da população caboverdeana. As  
primeiras noticias vindas de Cabo Verde,  
logo após a adopção d'estas medidas, accu-  
savam já a recepção ali de 583:657 kilo-  
grammas de milho.



Pintado assim, a grossas pinceladas, o qua-  
dro do angustioso estado a que a terrível ca-  
lamidade vae reduzindo os povos d'aquella  
nossa possessão ultramarina e das primeiras  
providencias tomadas pelo governo da me-  
tropole, parece que talvez seja curioso, para  
os nossos leitores menos versados em assum-  
ptos coloniaes, dar, tambem a grossos traços,  
idéa das causas efficientes de mal tão deso-  
lador, que, a bem-dizer, se tornou endemico  
em Cabo Verde.

A falta de arborisação do archipelago,  
trazendo-lhe phantasticas irregularidades de  
estações e prolongados periodos de faltas de  
chuva, conjuntamente com a abundancia  
de gado caprino, que, como ninguem ignora,  
é o mais terrível inimigo da agricultura, for-  
mam como uma cadeia que, apertando-se em  
torno das ilhas de Cabo Verde, as vae atro-  
phiando de mais em mais.

Se se tenta arborisar, lá estão as cabras á  
espreita dos primeiros rebentos, que ao sahi-  
rem, tenros e viçosos, da terra, lhes offere-  
cem ao seu dente damnhinho guloso pasto;  
— e adeus tentativa de arborisação, porque  
planta onde uma vez tocou dente de cabra  
não ha força de vegetação que a faça vingar.

Se se tenta destruir a abundancia de ca-  
bras no archipelago, então toda a população  
estremece em ondas de rancôr, julgando que  
lhes querem arrancar o maior factor de rendi-  
mentos, depois da agricultura, e que, para  
seu maior mal e castigo, lhes querem enseccar  
a grande fonte de onde usualmente tiram  
a maior parte da sua alimentação.

E assim temos ido, assim a nossa adminis-  
tração colonial tem andado, constantemente  
n'este circulo vicioso: — ou arborisação sem  
cabras, para no fim de alguns lustros ter agri-  
cultura constante sem crises, nem soluções  
de continuidade, ou cabras sem arborisação,  
para que os povos caboverdeanos não ten-  
ham ensejo de mudar o seu feitio humilde  
e soffredor em algum outro violento e revol-  
toso, menos do agrado dos dirigentes.

Como resolução do problema, bastante  
complexo, apenas, no momento em que ge-  
neralizados clamores alarmam os animos, se  
tem recorrido á norma dos palliativos, atte-  
nuando o mal pelas duas comesinhas provi-  
dencias: — momentanea importação, livre de  
direitos, dos generos de mais urgente neces-  
sidade para a alimentação dos pobres; — e  
applicação em obras publicas d'uma dimi-  
nuta parte do excedente das receitas provin-  
ciaes (n'este momento diz-se existir no cofre  
da provincia um saldo de mais de 300 contos  
de réis).

Ora parece que, em favor d'um povo que  
na sua quasi generalidade só vive e medra á  
custa da agricultura, não teria sido demais,  
em um longo periodo de quasi meio seculo,  
haver-se assentado serena e meditadamente  
em um sensato e pratico plano que permit-  
tisse, sem convulsões de especie alguma, dis-  
pôr de um largo espaço de tempo para me-  
thodica e progressivamente se proceder á  
arborisação do archipelago, subtrahindo os  
tristes habitantes d'aquellas ilhas á cruciante  
e constante duvida se terão a suprema felici-  
dade de ter, ou a desdita de não ter, chuvas  
nos tempos normaes.

Para tanto parece que bastaria pôr em  
execução um cuidadoso e largo projecto de  
obras e trabalhos publicos, os quaes ao mesmo  
tempo que engrandecendo-a enriqueceriam a  
provincia, dariam aos povos de Cabo Verde,  
por meio dos salarios, ganhos n'essas obras  
e trabalhos, os recursos necessarios para fa-  
zer face ao desfalque que lhes originasse na  
vida ordinaria, e durante o periodo de trans-  
formação no modo de ser do archipelago, a  
rigorosa applicação das leis que em todos os  
paizes civilizados (e n'este numero o nosso)  
existem em vigor contra as *demasias*, cha-  
mamos-lhe assim, do gado caprino.

E do conjuncto d'estas medidas deveria  
promanar, sem a minima perturbação, a re-  
solução do complexo problema da arborisa-  
ção de Cabo Verde.

Em meio seculo decorrido, nem ao me-  
nos tem havido a lembrança de, junto com  
os annos agricolas regulares, ir pondo de  
lado, como os inglezes fizeram na India, di-  
versas quantias a engrossar o conteúdo de

um cofre destinado unicamente aos momentos angustiosos, para que o *cofre da fome* prestasse em Cabo Verde os mesmos benefícios que o *cofre da fome* prestou nas Indias inglezas.

• • •

Mas, resolver-se-ha o problema só com a arborisação de Cabo Verde?

Não; é preciso, de facto, não descurar assumpto de tanta monta, mas é preciso também completal-a com outras não menos importantes. Não se deve tomar uma providencia isolada, que tem o risco de inutilizar-se a si propria.

Os habitantes do littoral de Cabo Verde são habeis, doceis e trabalhadores marinheiros, como o teem provado não só em navios nacionaes, mas também em navios estrangeiros; são elles que formam quasi a totalidade das tripulações de muitos dos navios balieiros que cruzam todo o sul do Atlantico; e, ainda não ha muito, antes de uma alteração na lei de pilotos, forneciam n'esta qualidade numerosos serviços á nossa marinha mercante. São habeis e pacientes pescadores, quer na apanha da lagosta, quer na pesca do coral ou do peixe commum.

Nas ilhas da Boa Vista e do Sal abunda a lagosta, em quasi todas as ilhas abunda o coral, e é por demais conhecida a riqueza

em peixe dos mares de Cabo Verde. Parece, pois, que, seguindo as pisadas das nações maritimas europêas e dos proprios Estados-Unidos da America do Norte, onde a industria piscatoria prende muito particularmente a attenção dos poderes publicos, já pelos largos proventos d'ella auferidos, já pela larga parte que toma na alimentação publica, se poderia em Cabo Verde, pela applicação de providencias praticas e sabiamente adoptadas, procurar por todos os meios attingir methodica e progressivamente o maximo desenvolvimento d'esta industria.

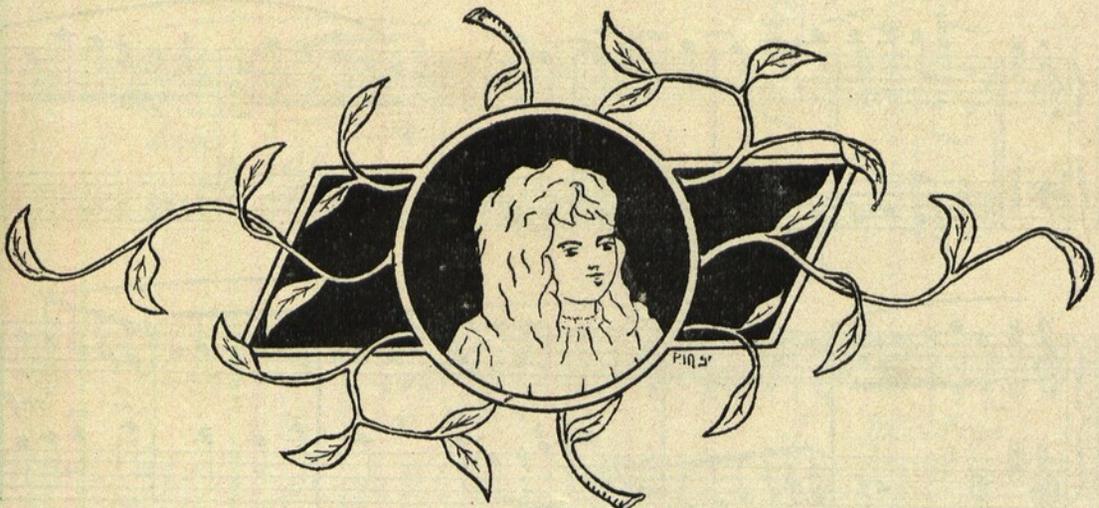
Parece também que, a par da industria piscatoria, se deveriam empregar os melhores esforços para desenvolver todas as industrias maritimas, como a construcção naval, no proprio archipelago, com as optimas madeiras que a proxima costa portugueza da Africa (Guiné, etc.) lhes forneceria, como a secca do peixe, que se mostra industria indicada para diversas ilhas, a do Sal por ezemplo, e como a cabotagem, em grande escala, por todos os portos da Africa Occidental portugueza.

Mas para obter isto tudo, que tanto é, e que no papel tão pouco parece, são necessarias tantas energias e tantas perseveranças intelligentes, que ainda, para mal d'aquelles povos, a fome, a terrivel fome, os ha de victimar inclemente durante longo tempo.

Outubro, 1902.

RUY DINIZ.

**Nota.** — *A photographia cuja reproducção, encima o presente artigo foi tirada a 9 de outubro ultimo.*



# MINUETE

por J. P. Rameau

*Allegretto*

PIANO

The musical score is written for piano in G major and 3/4 time. It consists of five systems of two staves each. The first system begins with a mezzo-forte (*mf*) dynamic. The second system starts with a piano (*p*) dynamic. The third system continues with a piano (*p*) dynamic. The fourth system begins with a piano (*p*) dynamic. The fifth system concludes with a mezzo-forte (*mf*) dynamic. The score includes various musical notations such as slurs, accents, and fingerings. Fingerings are indicated by numbers 1-5 above or below notes. Some notes have a 'w' above them, possibly indicating a trill or a specific articulation. The piece ends with a final cadence.

*Trio*  
*Fine*

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower in bass clef. The key signature has one sharp (F#) and the time signature is 3/4. The system begins with a piano (*p*) dynamic and includes various articulations like accents and slurs. A section labeled *Trio* begins in the second measure, marked with a double bar line and a repeat sign. The *Trio* section is in a different key signature (two flats) and time signature (3/4). The system concludes with the word *Fine*.

The second system continues the musical piece with two staves. It features a variety of rhythmic patterns and dynamic markings, including a piano (*p*) dynamic. The notation includes slurs, accents, and fermatas.

The third system of musical notation consists of two staves. It begins with a forte (*f*) dynamic. The music continues with complex rhythmic figures and dynamic changes.

The fourth system of musical notation consists of two staves. It features a variety of rhythmic patterns and dynamic markings, including a piano (*p*) dynamic. The notation includes slurs, accents, and fermatas.

*p dolce*  
*ff*

The fifth system of musical notation consists of two staves. It begins with a piano (*p*) dynamic and a *dolce* marking. The system includes a forte (*ff*) dynamic marking. The notation includes slurs, accents, and fermatas.

*sf*  
*p dolce*  
*f*  
*D.Cal Fine*

The sixth system of musical notation consists of two staves. It begins with a sforzando (*sf*) dynamic, followed by a piano (*p*) dynamic and a *dolce* marking. The system includes a forte (*f*) dynamic marking. The notation includes slurs, accents, and fermatas. The system concludes with the marking *D.Cal Fine*.



NO JARDIM DE EPICURO



## UM ESCANDALO PARLAMENTAR

*O artigo que segue é parte d'um capitulo do segundo volume da curiosa obra de critica historica e parlamentar que sob o titulo de **Entre duas revoluções** (edição de M. Gomes) vae em breves dias apparecer, devida á penna experimentada e aguda do sr. Barbosa Colen, um jornalista politico das mais brilhantes qualidades. N'este novo livro, como no primeiro, o apreciado escriptor demonstra mais uma vez o excepcional poder de evocação que possui, fazendo resurgir através da narrativa, sempre elegante e facil, a vida politica do paiz n'uma época notavel, com todas as suas luctas de interesses e de paixões.*

EM 1851. BANQUEIROS DEPUTADOS, NA CAMARA. SECÇÃO ESCANDALOSA.  
OS DOS TABACOS E OS DO BANCO DE PORTUGAL

A NOVA sessão que ia começar, que era a ultima da legislatura e que é a ultima que nos falta descrever — inaugurou-se sem as pompas palacianas, que são d'uso. A rainha estava, mais uma vez, n'aquelle estado que se convencionou denominar — interessante. Um decreto real encarregou o chefe do governo de inaugurar os trabalhos parlamentares, e com a leitura d'essa procuração se reduziram ao minimo as cerimoniaes da festa constitucional.

Faltando a rainha, faltára o discurso da corôa. A camara ficou privada de inaugurar os debates com a questão politica a que a resposta dava logar. Fontes foi o encarregado pela opposição de reclamar uma discussão, que se julgava necessaria para, d'um e d'outro lado da camara, minoria e maioria, opposição e governo, expôrem principios e idéas, critica e defesa, no exame dos actos politicos e administrativos. Os precedentes parlamentares em Hespanha e em França auctorizavam a reclamação do deputado que acceitára a missão dos que se assentavam nas bancadas da esquerda. Em França, em 1837, a camara tinha resolvido não tomar conhecimento de qualquer projecto que o governo apresentasse, sem primeiro discutir e votar o exame e a politica do governo. Em Hespanha, n'uma das ultimas sessões, Olozaga, reclamára o debate politico, apesar da abertura da camara tambem se ter realizado, por motivos extraordinarios, sem discurso da corôa, — e o governo, promptamente, accedera a esta justa exigencia.

Fontes, para harmonizar os seus desejos e o dos seus amigos com as circumstancias, propunha que fosse nomeada uma commissão de sete membros, á qual seriam aggregados os relatores das outras commissões, e todos examinariam e dariam um parecer sobre os relatorios apresentados pelos ministros. A apresentação d'esse parecer daria o pretexto para o debate, não se occupando a camara até então de qualquer projecto de lei apresentado pelo governo.

A camara recusou a acceitação d'esta proposta — o ministro da fazenda, em acto seguido, como se quizesse bem demonstrar que, em vez de discussões estereis, o governo se propunha fornecer para o exame e voto da camara assumptos importantes d'administração, apresentou o orçamento e o seu relatório de fazenda. No dia 7 de janeiro, note-se bem! Aprendam n'este exemplo os ministros do nosso tempo.

Mallograda a tentativa dos politicos, que queriam o debate para explanação das suas paixões, surgiu o grupo dos financeiros, que pediram a discussão para liquidarem as suas contas interesseiras. Foi um espectáculo unico, repugnante de sordidez, traduzindo, sem pudor, o egoismo e a ambição, o que se representou, então, n'essa sala, destinada pelo povo aos seus representantes, e transformada pelo mercantilismo em tenda de agiotas mal avindos, provocando-se e desafiando-se na linguagem baixa de bolsistas exasperados! Nunca se vira, como n'esse momento, os banqueiros mais celebres pela usura com que ex-

ploravam os negocios do estado, servirem-se da sua situação de deputados para fazerem pressão sobre o ministro, que tratava de libertar-se das garras aduncas de tão colossaes aves de rapinagem! Nunca se tinham visto representantes de interesses particulares subirem á tribuna parlamentar, para exporem os seus negocios e pedirem a benemerencia publica, exigirem o proveito e a honra, quererem o lucro e a gloria, reclamarem a camisa do pobre paiz e os louros dos salvadores da patria! Dir-se-ia um drama empolgante, destinado a agitar e commover uma plateia impressionavel, e pondo-lhe, para isso, em toda a nudez d'um realismo crú, os caracteres dos homens desnorteados pela ambição, aristocratisados pela riqueza, e erguendo-se, com a altivez de imperantes, sobre as demais situações sociaes, a proclamarem que o poder do ouro estava acima de todos os poderes do estado! Foi um espectáculo característico do rebaiamento dos ideaes a que aspiravam os que tinham introduzido um systema politico, baseado na discussão nobre, e encaminhado á elaboração de leis justas e sabias. Se o *templo das leis* estava sendo aquillo, se os *sacerdotes* se tinham tornado assim, bemdito o látigo redemptor, que expulsasse os vendilhões; abençoada seria a agua lustral, que purificasse a ara destinada aos puros sacrificios!

Expliquemos, porém, n'um prologo indispensavel, o que deu origem a essas sessões desoladoras.

A situação do thesouro era representada por *deficit* de 2:500 contos, n'uma receita de 12:200 contos, numeros redondos. Essa differença, *real*, entre a despesa e a receita, era, como hoje, disfarçada com varias habilidades d'escrituração, tendentes a mostrar ser o *deficit*, *verdadeiro*, apenas de 1:199 contos. Um estado financeiro por tal modo desequilibrado obrigava o encarregado da gerencia dos dinheiros da nação a expedientes e relações com bancos e banqueiros, que, na phrase celebre, sustentam o estado como a corda sustenta o enforcado. Durante muito tempo o *Banco de Portugal* mostrára-se o auxiliar dedicado, prompto a acudir a embarços e urgencias — mas, como tambem é d'uso, á maneira que ia esganando o paciente, impunha-lhe sacrificios progressivos. Shylock foi, por fim, tão excessivo nas condições da usura, que o Avila, como o doente que cuida melhorar mudando de cabeceira, largou um agiota para se metter nas garras d'outro: deixou os do *Banco de Portugal* e entregou-se aos *Caixas do Tabaco*, — trocou o José Lourenço da Luz pelo Carlos Eugenio d'Almeida. Os que perdiam cliente de tão pro-

veitoso rendimento, embravecera-se com a tentativa de libertação. Entenderam-se com os adversarios do governo. Communicaram-lhe segredos d'operações celebradas e d'outras em projecto, e creando todas as difficuldades instigaram campanhas violentas de descredito, que, depois de abertas na imprensa, esperavam ver reproduzidas no parlamento. O Avila, furioso, despedaçou violentamente todos os laços que o prendiam ao Banco. Como accionista vendeu as suas acções, e como ministro tirou-lhe a direcção de operações que anteriormente lhe tinham sido commettidas, e andavam retribuidas com uma verba especificada no orçamento. O conhecimento dos dous factos produziu alarme que se reproduziu n'uma baixa na cotação das acções. Se o ministro vendia, o perigo era immediato, — dizia-se.

A campanha, assim iniciada, redobrou o desespero dos lutadores. O *Banco*, seguindo processos que parece serem de tradição n'estes casos, proclamou alto o seu amor pela nação. Banqueiros-patriotas, como todos os patriotas banqueiros, quizeram mostrar só terem servido a fazenda com a mira no bem publico — e para anniquilarem o ministro com a prova dos seus sentimentos de entranhado amor pelo paiz, exhibiram communicções em que se tinham permittido dar reprimendas severas pela marcha da politica e da administração. Quem, ao pedir maior juro, logo dissera não irem bem os negocios publicos, tinha, segundo elles allegavam, demonstrado por forma bem nitida, que se devia *mudar de vida* — para segurança do futuro... e dos credores.

O Avila, mais exasperado pela publicação das humilhações que tolerára por algum tempo e soffrera por necessidade, desforçou-se no relatorio apresentado á camara. Logo n'um dos primeiros periodos contava que, tendo pretendido uma operação de 400 contos, embolsavel pelas alfandegas, esta tivera de deixar de ser effectuada por intermedio do *Banco de Portugal*, «porque este exigira uma commissão de 2 por cento e a entrada nos seus cofres dos rendimentos applicados para o embolso da operação, por meio de uma *prestação diaria*, a começar do dia em que fosse levada a effeito a mesma operação.» O *patriotismo* dos agiotas ficava assim n'uma bem triste evidencia! Depois de publicar esta exigencia, e a recusa que lhe oppuzera, o ministro explicava ter commettido o encargo á Junta do Credito Publico, — que o accetára sem remuneração e com a melhor vontade. A Junta, como se vé, tambem é de tradição só servir, mas servir bem, quando o patriotismo dos banqueiros soffre... eclipse parcial

Com esta exposição preliminar, o leitor condescendente pode seguir agora o espectáculo parlamentar.



Foi na sessão de 15 de janeiro que o banqueiro-deputado José Lourenço da Luz, entrando na sala com demonstrações evidentes de irritação, pediu apressadamente a palavra. Na mão trazia um papel, dobrado em forma de officio, que elle brandia como se fôra um montante, na gesticulação larga para acompanhar a conversa, animada, com dous ou tres, que se tinham acercado da sua banca-da. Era facil perceber, por isso, que ia tratar-se da apresentação d'aquelle papel, que se não sabia bem se era relacionado com a sua qualidade de banqueiro ou com as suas funcções de deputado, mas em que elle punha, era evidente, um proposito de ameaça e escandalo. Quando pouco depois lhe foi dada a palavra, a sua voz traduziu desde logo a irritação, e as primeiras phrases deram immediato rebate da provocação:

«— Vou fazer uma proposta ou moção que devo fundamentar sobre o requerimento ou representação, que a direcção do Banco de Portugal apresenta hoje á camara, ácerca dos objectos que se passaram no intervallo da sessão. Eis aqui a representação, que vou lêr. (*Profundo silencio na camara*).

*O sr. presidente.*—A representação não se póde lêr, sem permissão da camara. Hei de consultar a camara se permite que o sr. deputado a leia, no caso de assim se requerer; de contrario não se póde lêr. (*Apoiados*).»

A nota tachygraphica, registando o silencio profundo, quando se annunciou a leitura, é bastante expressiva, porque denuncia como já não era segredo o desafio ao governo. A circumstancia excepcional de ser um dos directores do banco quem vinha para a camara prevalecer-se da sua qualidade de deputado para tratar dos seus e dos negocios dos collegas, accrescentava a audacia, mas espicaçava mais a curiosidade. O presidente, pelo seu lado, intervindo para evitar a realização da leitura, significára, bem claramente, ter farejado o escandalo, ou ter d'elle denuncia prévia. O ministro da fazenda, especialmente visado na contenda, mostrára, pelo seu lado, uma agitação e nervosismo que lhe eram habituaes nas mais accesas polemicas. Emquanto o presidente procurava consultar a camara n'uma indicação manifesta para a recusa que solicitava, elle avisava os seus parciaes para deixarem proseguir e liquidar o incidente. O mau genio do Avila era conhecido. Ninguem contava vê-lo soffrer um desaire sem se desforrar com violencia.

O Lourenço da Luz pôde, afinal, lêr a representação. Era uma critica aspera, era um desforço de banqueiros despeitados, classificando como um *attentado* a comunicação feita pelo ministro, no seu relatorio de fazenda. Effectuada a leitura, propôz que a representação fosse communicada ás commissões de fazenda, legislação e infracções, e convidou estas para darem parecer urgente. O Avila levantou-se. Estava rubro, como se o ameaçasse uma congestão.

«—Eu tomo como do nobre deputado as expressões que veem do Banco de Portugal, e em resposta a v. s.<sup>a</sup> direi que é uma injuria feita ao governo. Peço que se comparem todas as expressões que o nobre deputado imputa ao governo e *todas as mais expressões amaveis* que a direcção do Banco de Portugal está no habito de dirigir ao ministro, com as que o governo, sobre este objecto, apresentou no seu relatorio. Prometto trazer á camara todos esses documentos, e por elles se pronunciará um juizo seguro a este respeito, avaliando-se devidamente as causas que deram origem ao procedimento do governo, e então se conhecerá, se não foi a direcção do Banco de Portugal quem nos levou a romper todas as relações que com ella podiamos ter. Era impossivel que a um estabelecimento d'esta ordem se consentisse o estar constantemente a dirigir-se n'uma linguagem inconveniente a um poder constituido. Peço licença para lêr esta parte do relatorio, na qual eu descrevi esse facto unico n'este paiz...

*O sr. Silva Cabral:* Se está em discussão a materia principal, peço a v. ex.<sup>a</sup> a palavra.»

A partir d'esta intervenção o tumulto irrompe e vae sempre em augmento. O presidente,—um dos Cabraes, João Rebello,—objecta ao outro Cabral interruptor,—o José Bernardo,—que está fóra da ordem,—e o Cabral, presidente do conselho,—o Antonio, conde de Thomar,—voltando-se para o irmão José, invectiva-o com energia. Toda a familia está em conflicto! O berreiro é ator-doador.

A campanha da presidencia tilinta com violencia,—mas de repente, quando é cada vez mais necessaria essa voz aguda d'aço temperado, o badalo desprende-se e vem até ao meio da sala, como um projectil lançado contra os batalhadores! Entretanto, os dous da contenda principal, o ministro e o banqueiro, dirigem-se, de punho fechado, provocações e ameaças. O presidente do conselho, tomando a defesa do seu ministro da fazenda, berrava «que o queixume era determinado pelo governo ter *levantado a manjedoura* ao Banco,—por lhes ter retirado a *cevadeira*.» O deputado-banqueiro, o amigo de

Pouco tempo, retorquiui-lhe no mesmo tom, e no mesmo metal de voz:

— Se o Banco é manjedoura, v. ex.<sup>a</sup> nunca ha de comer n'ella!...

— Tenha a certeza que me não mette medo... tornava-lhe o conde, sem atentar na replica. — Sei resistir a inimigos muito superiores a intriguistas e agiotas!

A presidencia impotente, sem badalo e sem meio de dominar o tumulto, teve de recorrer ao chapéu: cobriu-se e interrompeu a sessão.

Tal foi o primeiro acto d'este espectáculo deprimente — destinado a comprovar a errada orientação de trazer ao parlamento os que tenham sido, e queiram continuar a ser, agiotas do governo.

Quando se reataram os trabalhos, o presidente da camara, já com a campanha nova, e tomando os seus ares mais solemnes, disse:

— «Srs. deputados: lembremo-nos do que devemos ao paiz (*apoiados*) e de que aqui não devem vir paixões (*Apoiados numerosos*). Eu estou a sustentar os direitos da tribuna (*apoiados, apoiados*): tenho direito a fazel-o (*Muito bem*). O presidente é n'este logar inflexivel, não accede a paixão nenhuma, ha de fazer respeitar a lei para bem do paiz. Para quem quer que seja ha de ser sempre o mesmo — inexoravel —; hei de ser sempre, e cumpre que seja respeitado. (*Vivos apoiados*). Quando é que se viu que um poder do Estado fosse n'este recinto tão violentamente atacado!?... (*Silencio profundo*). Continúa a discussão e tem a palavra o sr. ministro da fazenda.»

O ministro continuou então a fallar, mas o director do Banco não cedeu ás admoestações nem deixou de interromper com phrases rudes de desmentido. Quando o ministro fazia uma affirmativa, elle oppunha-lhe logo um categorico — *não é verdade!* — O Avila, exasperado, invoca o testemunho dos outros que deviam ter conhecimento dos factos, taes como tinham occorrido, e protestava, entre clamorosos applausos da maioria, — «*que era preciso esmagar a usura, e que, n'este paiz, ou elle daria cabo d'ella ou havia de deixar de ser ministro.*» O Lourenço da Luz, que viera com commissão dos collegas para dar o *dó de peito* e desferrar-se das commissões perdidas, dos negocios de fazenda que tinha passado a outras mãos, não era perante taes ameaças que desistia de replicar. Com a mesma falta de comprehensão de que aquelle não era o logar proprio para desenvolver as contas de caixa relativas aos lucros e a incidentes das operações, entrava em detalhes escusados e em notas impertinentes. Então mudaram-se as interrupções: o Avila

é quem gritava: — *Não é verdade, não é verdade!* — e o banqueiro é quem berrava: — «*É necessario que acabe este systema de immoralidade; é necessario que acabe este systema continuado de decepção!*»

É impossivel, pela extensão, reproduzir toda essa pugna vergonhosa, estirada por largas horas em duas sessões demoradas e que, apesar d'isso, foram prorogadas! O Lourenço da Luz explicou, audaciosamente, que elle e os collegas do Banco não aspiravam a ser ministros: «— *O que queremos é que o governo se não desacredite pelos seus actos, porque com esse descredito vai tambem o da causa publica, com a qual o Banco está intimamente ligado.*» O ministro disse-lhe que as sympathias que o seu estabelecimento gosava, as podia vêr claramente na attitude da maioria dos representantes da nação. «— *Pois pague o governo o que deve ao Banco, e liquide*» — tornou-lhe o Luz, no tom de crêdor impertinente dirigindo-se a um misero e humilhado devedor. Não se pôde imaginar scena mais deprimente, mais fóra de todos os usos, já não dizemos do parlamento, mas ainda de uma assembléa com modelos menos polidos! Longe de affrouxar na insolencia altaneira, o banqueiro foi sempre subindo na arrogancia. Por fim, já berrava que a sua situação ali, como deputado, era superior á do ministro, e a uma nova tentativa de interrupção que este ia a fazer-lhe, impôz-lhe silencio com esta phrase, que por ser sincera é caracteristica:

— «*Não quero continuar a ser interrompido; não me faz conta...*»

Talvez por que via bem *não fazerem conta as interrupções* ao adversario, é que o ministro da fazenda insistia. O Luz, com a mais solemne impertinencia, ameaçou então:

— «*Ou o sr. ministro se cala ou eu saio da sala!*»

Foi n'esse momento que o presidente do conselho, irritadissimo, pondo-se em pé, gritou para a presidencia:

— «*Peço a palavra! O sr. deputado parece que está a fallar com um regedor de parochia!*»

Facilmente se comprehende como estas sessões e os seus episodios forneceram assumpto para deputados e jornalistas, em harmonia com as tendencias de cada um e com a vária feição do seu espirito, pronunciarem discursos ou escreverem artigos, ferindo a nota grave e indignada, ou a ridicularisadora e hilariante, para achincalhação dos personagens! O nosso Souto Maior, no meio da mais geral hilaridade, commentou:

— «*Foi tanto o calor da discussão que v. ex.<sup>a</sup>, sr. presidente, querendo chamar os*

srs. deputados á ordem, tal força empregou, que até lhe cahiu o badalo da campainha! (*Risos*). E hontem parece que a fatalidade quiz que houvesse umas poucas de quedas: caiu o badalo da campainha, caiu a *Novello* em S. Carlos, caiu o *Narvaez* em Hespanha, caiu o *Changarnier* na França.» (*Hilaridade geral*).

O Carlos Bento dava a outra face do incidente:

— «Esta questão é maior do que se quer fazer, porque esta questão é a questão financeira do paiz. Nem tudo vem nos relatorios, nem nas contas que se publicam: a verdade apparece muitas vezes n'estes conflictos que se suscitam; é n'estas occasiões que se houve o que se não sabe; é então que se abjuram systemas que se seguiram.»

Se estes e outros politicos examinavam o incidente escandaloso pelo lado dos seus interesses partidarios, os varios homens da finança que estavam na camara,—e que começavam a fazer negocios com o estado com intuitos tão patrioticos como os que tinham antecedido,—acudiram ao exemplo, aproveitando o ensejo para prégarem o seu amor pela nação... e o seu desapego pelos juro e commissões. Eram, n'aquella camara, deputados e homens de negocios, os caixas do tabaco José Maria Eugenio d'Almeida e José Isidoro Guedes. O primeiro, fallando tambem pelo socio, veiu pôr a alva toalha no altar aonde a sua companhia sacrificava ao Bem Publico:

— «Vi surgir, durante a discussão, proposições taes que eu nunca esperei se apresentassem n'esta casa, e menos por quem as avançou: vi fazer recriminações as mais pungentes, fallar em actos publicos e particulares, vi devassado o sigillo; observei, sr. presidente, que não se guardaram nenhuma d'aquellas conveniencias que cumpre guardar, que é rigoroso dever guardar em objectos tão serios e tão graves; fui testemunha de allusões inauditas, e que podem trazer consigo funestos resultados! Entre essas allusões ha algumas que me parecem graves; e eu entendo que uma d'ellas póde ser dirigida a uma corporação de que faço parte e um meu collega que tambem se encontra n'esta casa: entendo, por consequencia, que me compete agora invocar em meu beneficio a desordem da discussão que aqui existe, a fim de dirigir uma pergunta, que julgo do meu dever dirigir, ao illustre deputado o sr. José Lourenço da Luz...

«Peço ao illustre deputado se digne declarar se a allusão que fez, se dirige ou não ao Contracto do Tabaco.»

Agora a polemica desviava-se. Era o *Banco* com os *Tabacos*. Cada um em seu balcão, en-

carecia a fazenda propria e desafiava o official do mesmo officio! Mão direita na ilharga e mão esquerda na algibeira, fazendo chocalhar as grossas peças d'ouro com a effigie veneravel de D. João v, os argentarios, ali, em pleno parlamento, tendo como interessados espectadores os representantes da nação, suspendendo a missão constitucional que incumbia aos legisladores, disputavam sobre negocios, propunham-se a demonstrar qual d'elles fôra mais moderado no juro, menos exigente nos lucros! Era o rebaixamento, até a inverosimilhança, da instituição que os recebera ali e lhes dera o direito, mal comprehendido, para poderem usar da palavra!

Quando viu o dos *Tabacos* a dar-lhe lições, o do *Banco* não hesitou em acceitar o ensejo para acudir pela gloria propria e pela excellencia da mercadoria:

— «Sr. presidente, não sou d'aquelles que me tomo mais vulgarmente de paixões de momento, tenho sangue-frio bastante para ouvir, não só contrariar as minhas opiniões, não só para ouvir chamar-me falto de verdade, mas até de taxar-me de falto de intelligencia. Não pude entrar na Universidade, sr. presidente, não porque as portas me fossem cerradas, mas sim porque a minha situação originaria me não deixou lá ir: mas, sr. presidente, não troco a minha intelligencia pela do illustre deputado. E se na faculdade em que s. s.<sup>a</sup> se acha bacharel formado, quizer trazer as questões ao senso commum, hei de resolver-lh'as tão bem como a sciencia lh'as ensinou a resolver...

... O que eu digo novamente, é que é verdade ter alludido ao *Contracto do Tabaco*; tenho provas graves relativamente ao modo porque o Contracto **deseja desfructar o que pertence ao Banco.** (*Vozes*: ouçam, ouçam).

*O orador.* — Ouçam, ouçam, porque desejo dizel-o de modo que em toda a parte se saiba...

... Eis aqui a razão porque não recuo diante do que disse... »

Para fecho d'uma tal discussão, para epilogo d'um tal debate,—que mesmo por estas resumidas indicações póde bem ser comprehendido e apreciado—só resta dar um trecho das explicações com que o proprio ministro da fazenda julgou preciso não só narrar o que passára, mas até como possuia as acções do Banco de Portugal,—que vendera ao pôr-se em conflicto com a direcção do estabelecimento.

Este precioso retalho da historia da desavença, tambem não devia ficar sem ser aqui reproduzido:

— «Ha dez annos procurou-se deprimir a

minha reputação como homem, porque tinha dezeseis acções do Banco. Foi preciso recorrer áquelle estabelecimento para, em vista do competente assentamento no respectivo livro, provar que eu tinha essas acções já antes de ser ministro; este anno lança-se mão de um outro meio para igualmente manchar a reputação de um homem se présa de ser honrado, — e a respeito de honra peço meças a todos os que de ser honrados se presam tambem.

«Digo, pois, que não vendi as minhas acções

a nenhum grande estabelecimento, como se quiz inculcar. Já citei a pessoa com quem teve logar essa transacção. Vendi-as, não por maior valor do que no mercado, mas sim por menor, porque, como disse, vendi-as a 396 ou 397\$000 réis, enquanto que ellas estavam computadas no mercado a 400\$000 réis».

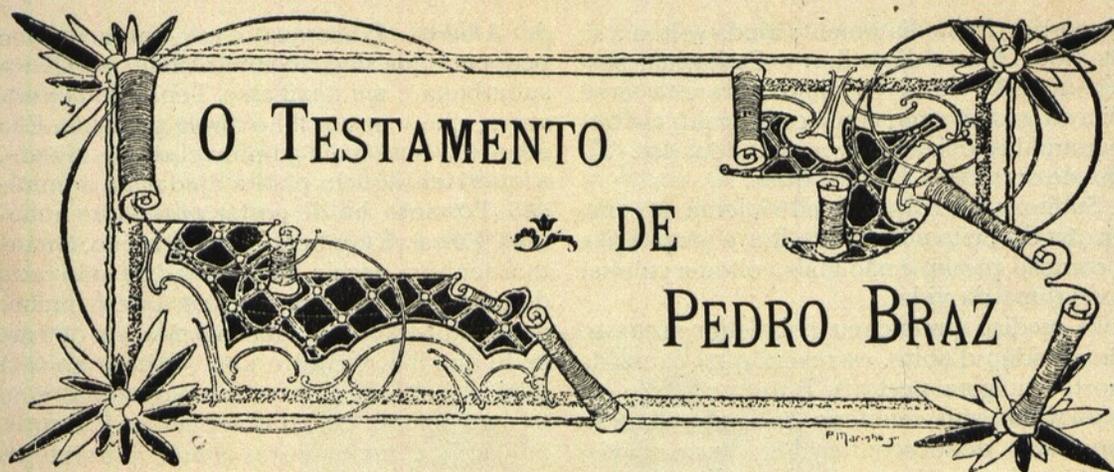
*Peço meças a todos os que de ser honrados se presam tambem.* A phrase é plebeia, mas o desafio é digno. Fechemos com ella, pois, a historia d'uma sessão que fôra plebeia... e não fôra digna.

BARBOSA COLEN.

---

### MULHER EGYPCIA





# O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ

**Synopse dos quatro capitulos publicados**—Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz, cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem, tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O creado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler pareenças com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta lhe se elle vem recolher a herança, e acende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governanta, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima da Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descrevem-se varios incidentes da vida do matto.

## CAPITULO QUINTO

*Em que se descrevem as desventuras da familia Reid, que possuia alguns moveis de Pedro Braz, agora novamente vendidos.*

**W**ALTER REID e seus filhos, aquelles que haviam tomado a deliberação de procurar na colonia inicio de nova vida, chegaram justamente ao porto de Sydney n'um dia de sol refulgente e acariciador, um dia de magnificente belleza, que dilata a alma dos felizes e esmaga o espirito dos desventurados. Luiza e Alberto, os dois mais novos, na simpleza dos seus poucos annos, soltavam palavras de entusiasmo e de admiração perante o desenrolar progressivo do panorama do porto, da cidade, dos arredores, dos campos longinquos. Catharina conservava-se no convéz, silenciosa e triste; perto d'ella, seu pae egualmente taciturno. Uma profunda tristeza acompanhara-o durante a viagem, e crescera tanto de intensidade, que degenerara em visivel doença. Sua filha estava amar-

gamente desilludida, ella que tanto tinha esperado d'esta viagem. Agora no momento da chegada, quando era necessario readquirir toda a coragem para encetar a lucta da vida, ella via com magôa profunda seu pae conservar-se curvado sob a mesma afflictiva desesperação. Tinha vindo, quanto possivel, afastado dos outros passageiros, na impossibilidade de ser superior ao seu desgosto. Um scenario deslumbrante, em mutação rapida e dissolvente, desdobrava os seus encantos defronte d'elle, á medida que o paquete singrava em busca da amarração, mas elle não lhes prestava a menor attenção. Nada na vida o interessava. A mudança de aspectos, o desconhecido da sua nova vida, não lhe trouxeram mudança de sentir, nem renovação de coragem moral.

Desembarcando no cães circular, Walter Reid procurou apressadamente pousada n'um modesto hotel junto do porto. Pouco depois manifestou-se-lhe uma crise aguda na doença que o vinha minando. Uma dôr violenta sobre o coração, uma syncope prolongada.

Soccorrido immediatamente ainda voltou a si, chamou a filha e disse-lhe:—Catharina, perdô-me, não devia ter vindo para esta terra. Vim só para morrer, como estrangeiro em terra estranha, deixando-vos abandonados. Tinha de ser, Deus assim o quer. . .

Subito a dôr reapareceu violenta, a constrição do peito suspendeu-lhe a respiração, o coração parou, e não mais voltou a palpitar no rythmo da vida.

O medico preencheu o boletim impresso da certidão d'obito, escrevendo na causa da morte— angina pectoris. Enterraram-n'o em Rookwood, um cemiterio onde abundam as sepulturas de desconhecidos; onde muitos mallogrados em seus intentos dormem o somno da morte, bem longe da patria, da sua adorada terra natal. Não poderam uns aclimar-se; victimas outros de seus antigos pezares, exacerbados pelas novas contrariedades. Esperavam vir encontrar o dourado thesouro, a fortuna, porém acolheu-os apenas a decepção amarga. Longe de parentes, estranhos entre estranhos, muitas vezes foram encaminhados pelo destino para morrer ao abandono, pobres silenciosos dormentes do cemiterio de Sydney, vindos ás vezes alegres, cheios de esperança, em busca da riqueza, que illude felicidade, e sobre cujas sepulturas abandonadas, sem outro distinctivo do que um numero, perpassa a branda aragem tepida, soprando mäsamente, e carreando indifferente os eccos esbatidos do bulicio do mundo.

A' volta do enterro, que foi excepcionalmente triste, a pequena familia, composta das tres creanças orfãs, sentaram-se no solitario quarto do hotel, olhando umas para as outras em mudo pezar doloroso.

— Oh! Catharina, se pudéssemos voltar para a nossa terra?! Esta é horrivel—lamentavam os dois irmãos mais novos, achegando-se a ella, n'uma instinctiva ancia de amparo e de defesa.

Ella abanava a cabeça, e pensava e pensava n'um triste e desolador aspecto.

Mais tarde, pela noite, o medico voltou a visital-os, segundo pedido instante que lhe fizera Catharina.

— Fez os seus planos do futuro, menina Reid?—perguntou elle delicadamente.

— Não — respondeu ella n'um tom perturbado, ancioso, como quem pede conselho.

— Ouça, minha senhora; vou dizer-lhe o que pensei e que talvez mereça a sua approvação—continuou elle, depois de curto silencio, e aceitando a cadeira que Catharina lhe offerecia.

— Levarei comigo este rapazito — collocando bondosamente a mão sobre a cabeça

de Alberto. Procurava n'este momento um pequeno que me acompanhasse na clinica suburbana e me auxiliasse. Tenho uma irmã, viuva, que tem um filho ainda pequeno. Ella julga-o o ente mais admiravel d'este mundo, e quer ter alguem para a ajudar na admiração. Portanto ha de gostar muito que a menina Luiza vá tambem com seu irmão. Quanto á senhora, recebi ha poucos dias uma carta de uma amiga de minha irmã, que é mulher do administrador de uma fazenda, em que me pede que lhe encontre uma senhora nova, a qual lhe pôssa servir de companhia, e ao mesmo tempo de mestra para as creanças. São tres, e muito novas ainda, portanto só precisam de instrucção rudimentar. Estou certo que será recebida com affecto e viverá muito confortavelmente, pois a senhora Green é muito delicada e excessivamente bondosa. Aqui está a carta d'ella, dar-lhe-ha alguma idéa das suas intenções,—e o doutor tirou da carteira um papel.

— Obrigada, senhor doutor; é extremamente amavel a sua proposta; mas não é facil separarmos-nos tão bruscamente. Queria ter coragem para deliberar já e aceitar; mas a separação immediata. . .

— Não decida por'ora. Pense minha senhora, e mais tarde dir-me-ha as suas intenções,—affirmou com brandura o medico, que na sua clinica de emigrados se habituara a ser, por inclinação de espirito compassivo, um pouco, procurador de seus clientes. Em seguida retirou-se.

A idéa da separação affligia os pobres orphãos, e trataram de conseguir outra solução á sua vida.

Em breve reconheceram que aquelle era o recurso unico e providencial. Os meios iam-lhes gradualmente diminuindo; as despesas do enterro tinham cavado fundo no seu pequeno peculio. Nenhum dos tres pensou por um momento na conta do doutor, que por bondade não a apresentara. A necessidade constrangeu-os a uma deliberação.

— Precisamos aceitar o offercimento do doutor — disse Catharina, aconchegando n'um abraço os dois irmãos.

— Oh, Catharina! — exclamaram os dois — não nos mandes embora.

— Eu não vos mando, meus queridos. Sou eu que tenho de me ir embora, mas vocês dois poderão vêr-se e estão juntos em casa do doutor. Temos de trabalhar com animo, para poupar algum dinheiro. Então poderemos viver juntos outra vez e dias mais felizes virão após estes bem tristes. E como dos olhos lhe cahissem pela face silenciosas lagrimas, a irmãita atalhou logo:

— Pois sim, Catharina. Fica certa de que

serei uma boa rapariga, escrever-te-hei todos os dias, e tu virás vêr-nos pelas ferias ; não é assim ?

— Assim o espero.

— E eu hei de aprender tudo quanto poder e ajudar o doutor — affirmou, por seu lado, solemnemente o irmão, que n'aquelle momento antevia a dura vida e a responsabilidade do trabalho e do dever — ainda hei de ser tambem medico, e ganhar muito dinheiro. Todavia isso levará muito tempo ; sou ainda tão novo, vês ! — Despertava n'elle esse incessante desejo de envelhecer, de ganhar dias, que na esperança de melhor fortuna nos acompanha sempre.

No dia seguinte procuraram o doutor e declararam-lhe acceitar os seus offerecimentos.

Venderam a sua pequena mobilia, que haviam trazido de Inglaterra, e mais uma vez a velha cadeira e o retrato de Pedro Braz mudaram de dono, no agourento fadario a que pareciam predestinados.]

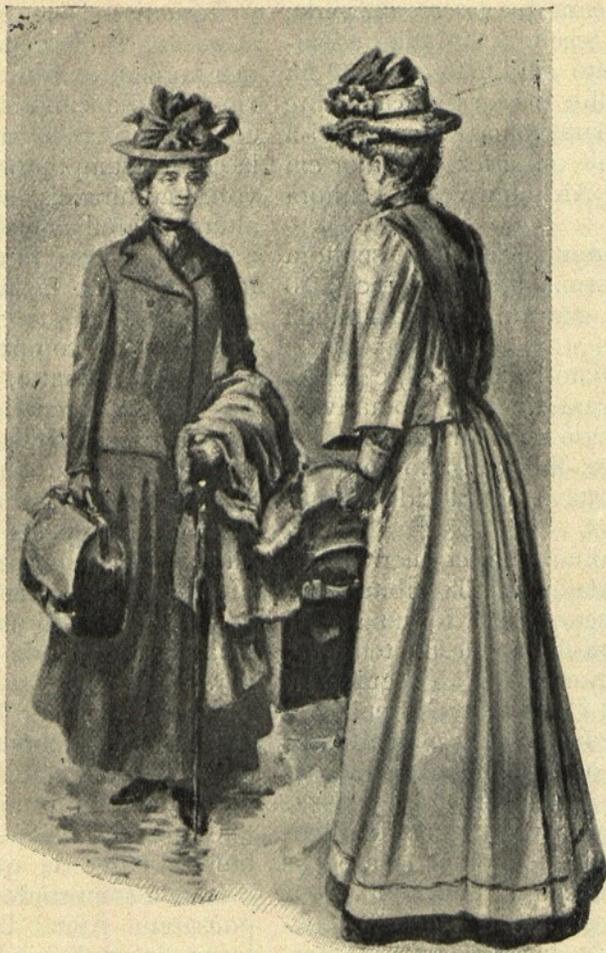
A ultima tarde que estiveram juntos passaram-n'a no cemiterio ao lado da humilde sepultura do pae. Em pequenas phrases breves, simples annotações ao pensamento intimo, foram recordando a sua curta existencia nos dias felizes, quando vivia a mãe que tão intensamente chamara para junto d'ella o companheiro. Entretanto o sol ia desaparecendo entre nuvens acastelladas que se afoqueavam no horizonte, e se esbatiam, em suave decomposição de luz, nas côres do arco iris e em gradações subteis. Pouco a pouco um grande veu tranquillo cobria o campo da morte e os tres irmãos quedaron-se silenciosos, pensamento e sentir demasiadamente tristes para os poderem expressar.

No dia seguinte, o doutor acompanhou á estação o pequeno grupo dos tres irmãos á despedida de Catharina. Dolorosa foi a separação ; parte das pessoas que estavam reunidas na plataforma da gare estranharam a violencia da manifestação de pesar que elles não podiam comprehender, parte tiveram olhares de sympathia, sentida no intimo, por

aquellas creanças cuja historia phantasiavam ao sabor dos proprios sentimentos.

O doutor escrevera á senhora Green contando-lhe o caso de Reid ; que a leu á senhora Moss e o coração das duas mulheres ficou tocado de sympathia pela infeliz desconhecida. — Pobre creatura ! — dizia Helena Moss, ao ouvir a dolorosa historia, e aferindo-a pelo que ella passara na vida. Devemos fazer todo o possivel por a tornar feliz. Pobre creatura ! Ella hade sentir-se muito só ; — e n'estas boas intenções as duas senhoras seguiram para Talworth onde deviam esperar.

A pobre Catharina sentiu-se realmente muito triste e só, quando o comboio



—Faç-me favor de me dizer se é a menina Reid ?

partiu da estação de Redfern, e foi através de lagrimas que ella viu o ultimo acenar de despedida do irmão e da irmã. Recostou-se para trás no seu lugar e, cançada em extremo, cahiu n'um somno inquieto.

O comboio de Sydney chega a Talworth pela madrugada ; apeou-se estremunhada. Era uma manhã de chuva miuda, quente, como se fôra um desfazer de nevoeiro. Pela primeira vez, desde que partira, se recordou se alguem ali estaria para a esperar. Se não, como havia de fazer para chegar a Narenita ? Talvez houvesse então comboio até lá ? O doutor fallara-lhe d'esse lugar como se fosse uma fazenda no interior do matto ; mas de-

pois tomara o bilhete d'ella para Talworth. Procurou em redor se haveria entroncamento de linha. Evidentemente não havia, e hesitante planeava uma resolução, quando se aproximou d'ella uma senhora alta e delgada, e com voz acariciadora e em tom affavel lhe disse: — Faz-me favor de me dizer se é a menina Reid?

— Sim — replicou Catharina, tremendo-lhe os labios ao pronunciar tão simples palavra.

— Quanto me alegra que tivesse chegado. Permitta-me que a felicite á entrada de Talworth. E' um bonito sitio, não obstante na presente occasião lhe parecer injustamente triste. São estas as suas malas? Reconheci-a pela descripção que de si fez o doutor em carta que escreveu. Ah! aqui vem a senhora Green.

E falladora, communicativa, a senhora Moss procurava tornar alegre a recepção da graciosa orphã, naturalmente acanhada e triste.

Em breve recolhiam-se ao hotel, e depois da costumada chicara de chá, repousavam até que a manhã fosse mais adiantada.

— Sinto muito ter-lhes causado tanto incommodo — protestava agradecida Catharina.

— Nenhum, nenhum, minha querida. Foi para nós uma variedade na vida habitual que nos divertiu. Madrugar e sahir foi uma novidade — asseguravam-lhe ao mesmo tempo as duas bondosas senhoras. — Não seguiremos hoje para Narenita. Desejo que Narenita lhe faça uma excellente impressão; e além d'isso vamos aproveitar o dia em fazer diversas compras. Agora vá descançar.

Ellas procuravam fazer despertar uma vibração de sympathy no coração da pobre menina que adormeceu n'um brando sentir de esperança e de paz, como ainda não experimentára desde o triste dia em que perdera seu pae.

Era quasi meio dia quando ella acordou, refeita de forças e de boas impressões. Aquelle encontro com estranhos, que tanto temera, tornára-se-lhe muito menos custoso do que prevêra. Aquillo que mais tememos torna-se geralmente menos terrivel na realidade do que a nossa imaginação o fazia suppôr. Com agradavel surpresa descobriu que as senhoras tinham esperado por ella para sahir. Fôra unicamente um pequeno acto de bondosa deferencia da parte das duas senhoras, mas foi profundamente consolador para o seu coração triste e faminto de ternura.

O dia de compras passou para ellas, como para todas as filhas de Eva, mui agradavelmente, dentro dos armazens de novidades e pela tarde a chuva cessou e o tempo parecia

melhorar. Resolveram regressar no outro dia a Narenita.

A manhã seguinte appareceu clara e limpa; nem uma nuvem no azul do céu. O ar fresco tinha aquella subtil aspereza, que põe em vibração a sensibilidade nervosa, muito ao de leve, n'um estimulo de energia. A jornada para Narenita foi encantadora, e Catharina, para quem tudo era tão novo, tudo surpresa, apreciou-a verdadeiramente.

Todos os aspectos do matto lhe fixavam a attenção. A immensa e illimitada expansão dos horizontes, o temor inspirado pelo silencio, o azul avelludado do céu, o sol brilhante como um disco de ouro, suspenso sobre aquella cortina sumptuosa, um agrupamento de arvores admiraveis, soberbas na sua grande altura, de folhas lustrosas e envernizadas, os animaes e aves raras atravessando o caminho, tudo lhe fazia experimentar estranhas sensações.

Depois as companheiras da jornada que conheciam o matto, iam-lhe relatando historias de aventuras de par com a mutação do scenario, em quanto os cavallos arrancavam o *buggy* no seu rapido e cadenciado trote, por sobre a ciciosa areia dos caminhos, apenas indicados pelos sulcos das rodas que por ali anteriormente passaram. De quando em quando aspera ribeira sussurrante no leito revolto, e aqui e ali uma albufeira encrespada pela aragem, onde os rebanhos vinham beber.

A meio caminho houve a costumada *alta*, a paragem de repouso, distribuição da ração aos cavallos, e refeição dos viajantes, trazida em abundante farnel.

Como não havia arvores proximas da albufeira junto da qual se detiveram, sentaram-se á sombra do *buggy*, e longamente repousaram. Afinal Dick, o criado que lhes servia de cocheiro, levantando-se com reluctancia, perguntou:

— Senhora Green posso atrellar os cavallos?

— Que horas são? — replicou ella pouco desejosa de quebrar o encanto da paisagem, que tão profundamente impressionava todos.

— São quatro e meia — respondeu Dick, observando a posição do sol.

A senhora Moss, que consultára o seu relógio, confirmou a informação. O sol é o relógio do homem do matto. Mesmo n'um dia nublado, quando não brilha o sol, elle olha em redor, e diz a hora exacta. Poucas vezes se enganará. Em breve proseguiram na jornada.

Finalmente appareceu á vista a residencia dos Greens. A primitiva casa, de feitio antigo, mas de graciosa apparencia, fôra recentemente augmentada com annexos d'outra con-

strucção que mais saliente tornavam o contraste. Rodeava-a uma varanda larga para onde abriam as portas dos quartos, dando-lhe o aspecto característico dos *bungalows* indianos.

Toda a gente da casa estava na varanda, esperando a chegada do *buggy*. As creanças batiam palmas, e gritavam em alegre algazara pela volta da mãe. A senhora Green e Catharina apearam-se, tendo o *buggy* de continuar até a casa da fazenda com a senhora Moss. A residencia principal, como já descrevemos, estava a algumas centenas de metros mais acima, e d'outro lado da ribeira, que ali alargava em albufeira de represa. Catharina em breve sentiu que na sua infelicidade fôra ainda favorecida da fortuna, porque percebeu bem com quanta affabilidade sincera e meiga ia ser recebida e estimada. Depois do jantar, noite fechada, em redor do candieiro collocado ao centro da mesa do serão, a conversação foi intima, entre os Greens e ella. O assumpto tambem era vasto; a trama de impressões, a narrativa minuciosa, do que se passára nos dois dias em Talworth e na *fazenda*.

— Sabes, Alfredo, dizia a senhora Green, o *buggy* precisa de um grande concerto. Está-se fazendo muito tremulo e pouco seguro. Assustou-me por vezes no caminho.

— Com effeito, reparei n'isso, na semana passada, quando sahi n'elle. Precisava ser substituído, mas a occasião não é opportuna, minha querida.

— Olha, outra cousa. A roseira brava está fazendo progressos extraordinarios. E' forçoso desbastal-a, senão tudo invade. A roseira brava é uma praga n'estes sitios, menina Reid.

— Que pena! O perfume é tão suave — observou a rapariga.

— E', mas se não se desbasta a tempo arruina todo um lugar. Apossa-se do terreno inteiramente.

E a senhora Green ia fazendo ao marido o relatorio do que vira atravessando as propriedades, notando faltas, ou transformações necessarias, um poste que estava partido, um caminho mal vedado, um distico apagado nos postes de signal. Depois eram as apreciações das propriedades vizinhas atravessadas para chegar a Talworth.

— Os Smiths estão fechando com vallado as suas terras da montanha. Não imaginas que gracioso está o jardim do Robinson e que bello aspecto teem os pomares d'elle; os Browns alargaram a casa; teem agora uma varanda similhante á nossa.

O mariúo ia ao mesmo tempo dando-lhe noticias do que succedera na *fazenda*. Tudo

cousas simples, banaes, que interessam com tudo a vida do matto, fazem a trama d'aquellas existencias tranquillias. Um velho fazendeiro das vizinhanças que viera participar o proximo casamento da filha, para o Natal. A hospedagem concedida a uns agentes de casas de Sydney, que iam de passagem, com quem entabolara negociações de lãs que pareciam vantajosas. E assim se mantinha a conversação seguida, treivialmente monotona para almas complexas de habitantes das cidades, rica de interesse para os espiritos educados na vida isolada do matto.

A senhora Green trazia farta provisão de compras, que ia mostrando ao marido, consultando-lhe o gosto e a approvação da escolha; vestuario para os pequenos, um chapéu para ella, alguns objectos de decoraçào para a casa, pequenas phantasias que haviam de accrescentar encanto ao salão em que passavam as noites, como aquella, tranquillamente, separados do mundo.

#### CAPITULO SEXTO

*De como o acaso faz descobrir varios documentos elucidativos da vida e origem desconhecida do velho Pedro Braz.*

JOÃO Millington continuava a exercer, entretanto, a sua profissão com exito crescente. Duas causas importantes, de delicada contestação e de valiosos interesses, ganhadas com extrema habilidade, grangearam-lhe maior fama ainda do que os antigos processos criminaes, em que a sua palavra eloquente e argumentação subtil tanto haviam concorrido para lhe dar nome. Depois d'aquellas outras demandas, começou de correr fama do saber do moço advogado, e foi considerado um jurisconsulto eminente, cuja consulta e parecer impunham auctoridade. Todavia não abundavam na colonia as questões; a sua mocidade ainda levantava desconfianças em muitos que preferiam buscar conselho n'outros mais experimentados pelos annos e pelas vicissitudes dos tribunaes; de sorte que só pouco a pouco, ia recrutando clientela e rendimento. Por isso, recordava-se a miudo do promettido legado de Pedro Braz, e dolorosamente lastimava o desaparecimento do testamento. Occupava-se com escrupulosa attenção dos negocios e administração das vastas propriedades, em que fôra investido pelo tribunal, mas perguntava muitas vezes a si proprio, — desconsolado commentario, — para quem iriam afinal todas aquellas rendas accumuladas.

N'uma manhã, no seu escriptorio, abrindo o correio diario que lhe collocavam sobre a

sua banca de trabalho, encontrou uma carta da senhora Moss, na qual, entre cousas banaes da vida ou de pequeno interesse, ella lhe dizia que no districto continuava a affirmar-se insistentemente no apparecimento de phantasmas em Malugalala; que o espirito de Pedro Braz se vira em differentes pontos da fazenda e na casa deshabitada, e seguia-se descripção minuciosa dos casos occorridos com este e com aquelle outro, em circumstanças extraordinarias.

— Melhor fôra que tivessem o bom senso de perguntar á alma de Pedro Braz, quando a vissem, o que é que elle fizera do seu testamento — ia commentando João Millington na leitura da carta que em breve lhe despertou maior interesse, pois havia n'ella alguma cousa mais digna de attenção do que as disparatadas historias de phantasmas.

«Fiz uma descoberta ou antes fel-a Bob — escrevia a senhora Moss. — São uns documentos que o hão-de interessar quando aqui vier, comquanto não dêem luz sobre o perdido testamento, pelo menos que eu possa ver. Em seguida enumera os papeis. Outro caso de interesse, o pretendente Candler está aqui, e trouxe comsigo um homem que declarára ser seu advogado. Pediram hospedagem a Geo e pareceu-me que tanto elle como sua mulher estão bastante agastados com taes hospedes, quando outro dia a pedido e por amor d'elles os fui visitar. Bob, que os não pode ver, desconfia d'elles e vigia-os cuidadosamente. A senhora Green tem agora uma governante nova, recentemente chegada de Inglaterra. E' uma interessante rapariga. Estou encantada com ella e desejava que cá estivesse para lhe succeder outro tanto. Aqui tem, pois, um duplo motivo para vir a Narenita.»

O joven advogado sorriu-se amargamente d'esta sentimental insinuação da senhora Moss; mas decidir-se-hia a partir para Narenita, se não fosse a sequencia de audiencias a que tinha de assistir.



A reaparição de José Candler na propriedade discontentára profundamente Bob e ainda maior era o seu desgosto por ter ouvido dizer que o novo companheiro d'elle era homem de leis. Olhou para tudo isto com uma grave desconfiança, e deliberou seguir os dois recém-vindos com estreita e suspeitosa vigilancia. Tinha-os debaixo de vista tanto quanto lhe permittiam as suas occupações. Uma manhã viu-os tomar o caminho do pequeno cemiterio. Depois da morte do velho patrão, Bob fôra encarregado pelo chefe dos pastores, o sr. Geo, de cuidar do ce-

miterio, vedal-o, limpal-o da herva, alindal-o quanto possivel; n'esse tempo ficou elle surprehendido de encontrar indicações de maior numero de sepulturas do que esperava. Tinha supposto achar duas apenas a de Pedro Braz e do seu antigo amigo de quem ouviu fallar. Cautelosamente demarcou-as, cortou-lhes a relva que as cobria. Nenhuma pedra fôra ainda collocada sobre a sepultura do velho fazendeiro; porque João Millington, como administrador, não julgava necessario fazel-o, até que se fixasse definitivamente a quem competia a posse da propriedade. A senhora Moss admirára-se d'esta hesitação, quando lhe lembrou a collocação da pedra, Bob tambem estranhára o caso. Em compensação plantou no cemiterio algumas arvores ornamentaes, alindou o terreno, semeou-lhe flôres e o pequeno *acre de Deus* — como elle lhe chamava, — tinha um aspecto excepcionalmente garrido e respeitoso para cemiterio do matto.

Logo que viu os seus hospedes detestados encaminharem-se para ali, tomou das suas ferramentas, não tardou em os seguir. Quando os viu sentados sobre a sepultura do seu fallecido patrão, um lugar para elle tão sagrado, sentiu um profundo desgosto e com difficuldade reprimiu a explosão de colera. — Hei de pôr uma defesa em volta d'ella. Não hão de sentar-se ahi outra vez — murmurou para si e pensou no prazer que experimentaria em esmurrar aquellas duas cabeças uma contra a outra; os seus dedos crispavam-se só com o pensamento.

— Esta é a sepultura de Pedro Braz — disse, não podendo conter-se por mais tempo.

— Sabemos isso — replicou Candler, tirando o cachimbo da bocca e cuspiendo deliberadamente sobre o terreno.

— Pois façam favor de sahir d'ahi; vou cortar-lhe a herva. Demasiado tempo teem ahi estado — e a sua intimativa era tão decidida que os dois não tentaram resistir.

Levantaram-se e foram sentar-se mais longe, junto da vedação, mas conservando-se dentro do cemiterio, o que irritou Bob, o qual se via obrigado a trabalhar no arranjo do terreno mais tempo do que pensára. Como todos os empregados do velho Pedro Braz, respeitava com adoração a memoria de seu fallecido patrão, portanto o lugar de descanso das suas cinzas era sagrado para elle, e parecia-lhe uma profanação a presença ali de aquelle dois homens.

Passou-se longo tempo e os dois importunos companheiros ainda continuavam no cemiterio. Bob seguiu pelo lado da sepultura de Percy Craig, e para disfarce resolveu abri-lhe em volta um pequeno vallado, como quem

prepara terreno para plantação. Cavava fundo, e ia retirando pacientemente o raizame velho que se imbricava no sub-solo. Subito, a ferramenta tocou n'uma pequena lata, em canudo, d'essas que servem para guardar papeis, e, puchada a terra, veio rolar aos pés de Bob. Com o auxilio da navalha de bolso, á falta de qualquer outro utensilio para lhe arrancar a tampa, conseguiu abril-a e muito surprehendido reconheceu que estava cheio de papeis, cuidadosamente enrolados. Involuntariamente, n'um movimento de anciosa curiosidade ia tiral-os para fóra quando percebeu que Candler e o advogado o estavam espreitando. Com ar indifferente mettu a lata dentro do peito da sua camisola de trabalho.

— Achou alguma coisa? — perguntou Candler, inclinando-se sobre elle com olhar perspicaz.

— Sim, — replicou Bob com uma expressão de grande simplicidade.

— O que foi? — atreveu-se a perguntar o advogado.

— Sabe se esta é a côr do ouro? — escavando com a mão uma porção de terra da cova, para assim desfazer habilmente todo o feitiço da lata que por longo tempo ali estivera enterrada e deixára a cama bem definida.

O advogado voltou-se com gesto desdenhoso.

— O que estava fazendo com o seu canivete? — perguntou, investigando.

— Cortando raizes fundas — e acompanhou o dito com a execução do acto, como prova affirmativa.

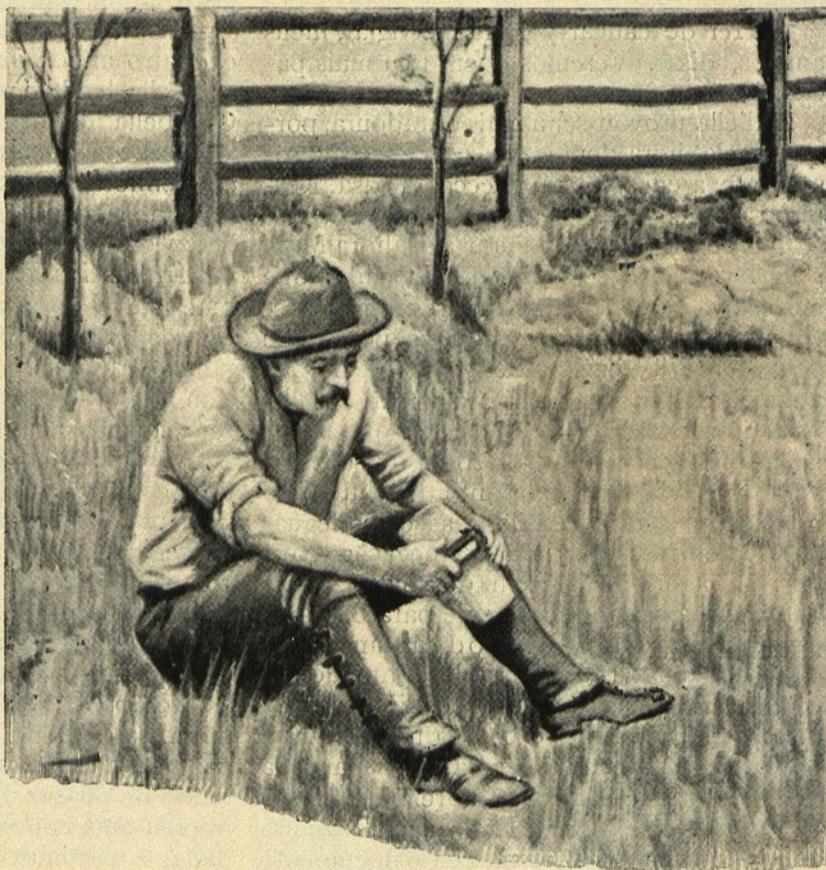
Bob claramente percebeu, que as suas respostas não os tinham satisfeito; portanto ergueu-se com rapidez, mostrando-se indignado com a suspeitosa inquirição que lhe faziam. Indignamos-nos sempre que alguém duvida da nossa palavra, e muito especialmente quando tentamos enganar esse alguém. Bob seguiu a lição da sabedoria popular.

O repentino movimento fez-lhe abrir a

frente da camisola, e a caixa rolou pelo chão. Candler ia curvar-se depressa para a apanhar, porém Bob era mais agil. Levantou-a com serenidade, e fechando-lhe a tampa, com vagar pôl-a outra vez no peito como quem guarda um objecto de uso constante.

Depois voltou a cortar a herva e a cavar o chão.

Os dois vigiaram todos os seus movimentos, mas Bob continuava no seu trabalho apparentando indifferença. Ambos se persuadiram de que a caixa fôra ali achada n'aquelle



... cou o auxilio do canivete, abriu a caixa de lata...

momento; mas, não tendo visto, não lhes era possível insistir, sem correr risco de provocar com a offensa o rapaz, que elles bem sabiam ser desembaraçado e valente. Comtudo grande era a curiosidade que os incitava a conhecer o que a pequena lata continha.

Tambem Bob queria ler aquelles papeis, e todo o seu corpo tremia de anciedade. Persuadia-se de que fizera um importante achado. Talvez fosse o perdido testamento. Afinal os dois intrusos sahiram vagorosamente do cemiterio.

— Iremos para detrás de uma arvore e vigiaremos o rapazola — disse o advogado

quando sahiam a cancella que fechava o recinto de repouso.

— Elle foi muito esperto, mas não bastante esperto. Aquella caixa foi o que elle achou e ha alguma cousa dentro d'ella, mais consistente do que o ar, ou eu não fosse hollandez.

Permaneceram em pé algum tempo espreitando os movimentos de Bob; este levantou os olhos e achando-se só, ficou surprehendido de que tão rapido estivessem fora do alcance da vista. Portanto comprehendeu logo que estavam escondidos. Continuou trabalhando.

— Hei de cançar-vos de me vigiar, meus amigos, disse. Veremos quem tem mais paciencia.

A d'elle provou ser a mais duradoura, porque, meia hora depois, via-os subir vagorosamente a encosta em direcção a casa. Respirou afinal.

O caso agora era procurar a senhora Moss sem levantar desconfianças. Bob sabia que ella estava immensamente interessada na descoberta do testamento, até que ponto não podia todavia dizel-o. Reflectiu que se voltasse á residencia para buscar o seu cavallo, poderia encontrar os dois homens, que talvez se resolvessem a segui-lo. Além d'isso, estava-se fazendo tarde, portanto decidiu que o mais simples era palmilhar as cinco leguas até Narenita, apesar da sua negação a andar. E' assim o homem do matto; capaz de caminhar duas milhas a pé para buscar o cavallo que o levasse a uma só de distancia. Poderia dar uma vista d'olhos ao conteudo da caixa, emquanto fosse pelo caminho. Abriu a lata, tirou o primeiro papel que lhe veio á mão. Leu-o emquanto seguia para a cancella que conduzia á estrada de Narenita. Ao lel-o empallideceu e parou. Em seguida fazendo um repentino esforço, mettu o documento na lata e apressou o passo.

A senhora Moss estava na varanda, tomando a sua chicara de chá das quatro horas.

— O que Bob, é você? — O que o traz a Narenita? O que é que succedeu? — exclamou ao vêr o aspecto grave da phisionomia de Bob.

— Tenho uma cousa muito importante a mostrar-lhe, senhora Moss. Poderá dispensar-me algum tempo? disse gravemente emquanto subia os degraus da escada que conduzia á varanda.

— Certamente. Entre para o escriptorio. Momentos depois perguntava a senhora Moss:

— Então, Bob, o que ha?

Elle tirou do seio a pequena lata e despe-

jou-a sobre a carteira. Contou-lhe como e quando a tinha achado.

— Eu li apenas um por alto, — disse quasi em segredo.

Com mãos tremulas analysaram os documentos. Havia quatro. marcados com as letras de *A* a *D*.

— Vamos lel-os por sua ordem — disse a senhora Moss, batendo-lhe fortemente o coração.

O *A* era a certidão de casamento de Pedro Bráz, com Maria Helena, e datada d'uns setenta annos passados. *B* era a copia do registro de nascimento de Pedro Bráz.

— Então o seu antigo patrão tinha noventa e quatro annos de idade quando morreu — disse ella, lendo o papel velho e desbotado. — Que bella idade!

*C* era um documento volumoso. As mãos da senhora Moss tremiam violentamente. Era um resumido auto biographico de Pedro Bráz, que ella leu alto.

«Eu nasci em Londres e vim com minha mãe viuva para as colonias quando tinha apenas treze annos. Meu pae fôra advogado pouco fortunoso, e com a sua morte ficámos sem meios. Minha mãe, que era filha de um funcionario municipal, appellou para seu pae, o qual impossibilitado por falta de meios de a conservar em sua companhia fez o possivel por lhe obter uma collocação, e afinal conseguiu um lugar para ella de dama de companhia para a mulher do governador da colonia que partia a reunir-se ao marido. Satisfeita de ter para companhia de viagem uma pessoa bem educada, consentiu que eu as acompanhasse, sendo filho unico. Depois da nossa chegada á colonia, minha mãe, que não lhe faltava capacidade para negocios, tendo de pensar no filho e n'ella propria, requereu uma concessão de terreno, que lhe foi dada, e partimos para o interior para tomar posse e cuidar d'ella. Chegamos na viagem quasi á vizinhança da nossa concessão quando minha mãe morreu quasi subitamente. Estava comnosco apenas um preto. Sentei-me ao lado do carro onde jazia deitado o corpo morto de minha mãe chorando copiosamente na desolação do desamparo e na ignorancia do proceder em tão difficil transe. Acaso providencial passou na estrada um mancebo — Henrique Burgoyne, mais tarde sube o nome d'elle — que em viagem do matto conduzia a sua parelha. Condoeu-se de mim e foi em extremo bondoso. Ajudou-nos a cavar a sepultura, e a collocar dentro o cadaver, quasi á beira da estrada. Levou-me para a sua fazenda e ali estive seis annos. Casára-se por aquelle tempo, — e nascera-lhe um filho justamente antes de eu o deixar. Foi elle que

me aconselhou a iniciar carreiras de transporte com uma parelha e com o seu auxilio assim fiz. Tenho muitas vezes pensado o que seria feito de mim, se não tivesse encontrado aquelle bemfeitor. Annos depois sube que Henrique Burgoyne e sua mulher haviam fallecido em Mudgee, e que só haviam tido um filho, o pequeno Rodolpho? . . . »

— O que! — interrompeu a leitura a senhora Moss — Rodolpho Burgoyne, era meu pae, e o nome de meu avô era Henrique!

Bob olhou surpreso e admirado para ella.

— Que extraordinario acaso! disse recolhidamente. Então o homem que auxiliou o meu antigo patrão era seu avô?

— Assim parece, confirmou a senhora Moss. Que mysteriosos são os designios da Providencia! — A bondade prodigalizada por meu avô a um desgraçado, veio longos annos depois servir de compensação para mim.

— Deus nunca esquece as boas acções, concluiu Bob na sua simples e ingenua crença de homem nascido e educado no matto, em face da natureza, na luta e na observação de todos os momentos. Continuemos a leitura.

«N'uma visita a Sydney, encontrei-me com Maria Helena, uma sincera e bôa rapariga, que era criada n'uma casa de hospedes. Enamoramo-nos simplesmente propuz-lhe casar e vir comigo para o matto, no serviço de recovagem, acceitou e rapidamente nos casamos. Foi para mim uma bôa e verdadeira companheira. Estabelecemos-nos no districto nos terrenos vagos, á beira da estrada, onde repousava no somno eterno minha mãe. Aqui vivemos trez annos, com o proprio trabalho construi pouco a pouco a nossa casa, e n'ella nasceu o nosso unico filho, um rapaz. Quanto me alegrou! Porém, apenas dois annos passados o meu pequeno adoeceu e morria. Collocamol-o ao lado de minha mãe á beira da estrada. Resolvi então tirar concessão dos terrenos onde me tinha estabelecido, e onde abrija já duas sepulturas. Os transportes haviam-me dado alguns lucros, o que era mais facil n'aquelle tempo conseguir. Juntara o meu pequeno peculio. Fui a Sydney tratar do assumpto na repartição official. Com grande surpresa, soube que o terreno já estava concedido, e para meu maior espanto vi que estava concedido á minha propria mãe. Depois de algumas diligencias, consegui homologar a meu favor a concessão feita, accrescentada com outros terrenos circumvizinhos. «Foi por este tempo que encontrei em Sydney Percy Craig degradado e tive-o confiado a mim, como então a administração permittia,

porque eu precisava de auxilio para o estabelecimento das pastagens. Semanas depois da nossa volta, minha mulher adoeceu gravemente e morreu. Outra vez foi aberta no pequeno cemiterio uma nova sepultura. Deus levaram-me todos os meus queridos. Percy Craig ficou sendo o meu companheiro dilecto. Todos o consideravam de character perigoso, e todos em Sydney se admiravam de que me afoutasse a andar sósinho em sua companhia. Pois nunca pulsou em peito humano coração mais bondoso e dedicado. Se tivessem sabido bem a sua historia, e se acreditassem n'ella formariam outra opinião. Houve com elle um caso que a consciencia apenas absolve, mas que a justiça condemna. É elle foi um desgraçado. A sua historia . . . » Aqui parava abruptamente a narrativa.

— Que grande homem era este velho! — disse Bob com profunda commoção, emquanto a senhora Moss procurava abrir o quarto papel, marcado com a letra *D*. Estava destruido pela humidade. Tinha sido escripto a lapis, e completamente apagado. Apenas eram legiveis as palavras — O original está escripto em . . . O testamento . . . — Era evidentemente a copia d'um testamento cujo conteudo ninguem podia decifrar. Testamento de quem? Mysterio. Talvez de Percy Craig? ou quem sabe se a minuta de Pedro Braz? Desconsolada, tristemente, a senhora Moss dobrou os papeis e mettu-os na caixa de lata e disse:

— Não conte isto a ninguem por óra, Bob. Seria melhor fazer uma declaração perante a auctoridade do districto, authenticando a descoberta, e eu mandarei ou levarei depois estes papeis ao senhor Millington.

— O senhor Green é quem agora exerce no districto; portanto é facil ir ter com elle, acrescentou Bob levantando-se. Eu esperava que fosse o testamento. Não sei porque elle mudou o seu nome verdadeiro?

— Com effeito não comprehendo. O tempo vae passando, e parece que cada vez mais nos afastamos d'uma solução — replicou a senhora Moss com tristeza.

Era já tarde quando Bob partiu de Nare-nita. Pediu emprestado um cavallo, sem sella nem arreios, apenas com a corda, montou-o e galopou em direcção a Malugalala.

Quando chegou á porta, que levava de uma propriedade a outra, apeou-se, e voltando o cavallo para o lado da casa, deu-lhe nas ancas uma leve palmada, quasi como um afago, fallou-lhe, e o animal partiu. Sabia que este havia de chegar em breve á cavalharia, e seguiu despreoccupado o seu caminho.

(*Continúa*).

# MODAS

COM a entrada em plena estação de inverno, generalizou-se o emprego dos velludos, e das pelles. Os primeiros, como dissemos n'um anterior artigo, apresentaram a novidade de fabricação de ser extremamente flexiveis e moldaveis, em côres muito variadas, sendo mais estimados os tons verdes e os rubis. Emquanto a pelles usam-se de todo o genero, continuando a industria a fornecer imitações muito perfeitas que facultam a generalização d'estes enfeites e guarnições, na sua maioria. E', por tanto, de bom gosto e tom preferir o uso de imitações, quando haja de se empregar, de pelles mais vulgares do que das raras; são como os brilhantes, ou verdadeiros ou nenhuns. Em compensação ha nos mercados, e empregam-se abundantemente, magnificas imitações de astrakan e excellentes guarnições de passamaneria e de frocos que acompanham os velludos e proporcionam enfeites muito elegantes.

Como habitualmente fazemos, as illustrações que acompanham este artigo, são escolhidas entre modelos dos grandes creadores de *toilettes* para dar uma indicação geral dos typos mais em voga, menos excênticos, e ao mesmo tempo distinctos pela adopção que d'elles fizeram o bôa sociedade. As *toilettes* espaventosas, caprichosas ou theatraes, perderam decididamente n'estes ultimos annos a estima que em tempo tiveram, e este gosto geral de simplicidade, que

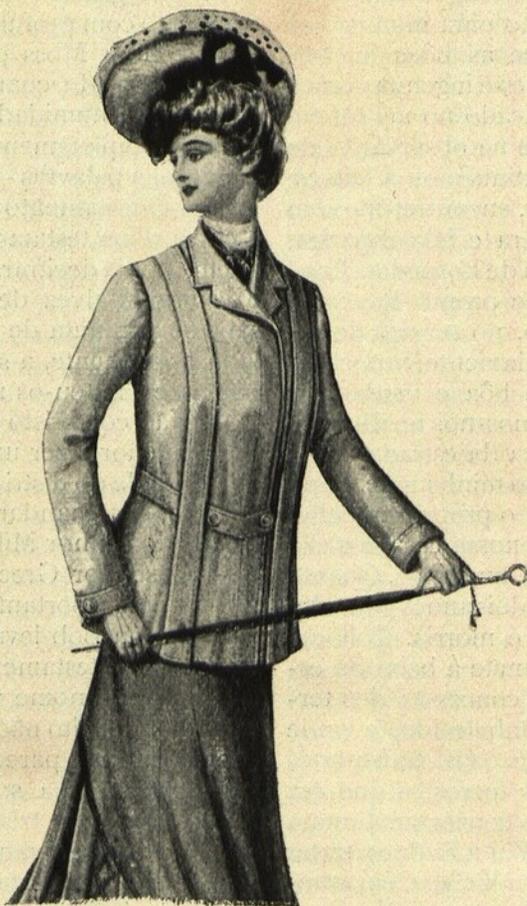
não exclue a arte, tem obrigado a grandes casas de moda á criação de modelos em que a elegancia do côrte, a belleza dos materiaes empregados, e escolha escrupulosa de tons em harmonia com o destino, suppreem a antiga complexidade e garrida ornamentação das *toilettes*. Até no theatro, entrou este anno

esta orientação, que se definiu nas creações da casa Redfern para os papeis da afamada Jane Hading na nova peça de reabertura da *Renaissance*.

Os *soiréistas* francezes, que procuram sempre encontrar uma nova formula discriptiva na phrase vibrante, acharam para dar idéa suggestiva das *toilettes*, uma relação directa entre a côr escolhida ou a forma elegante d'ellas e o estado d'alma que assim se pretende exteriorizar; requintes de mundanismo ou de *mise-en-scène*, que continua a ser a feição dominante do estylo francez.

A primeira das nossas illustrações mostra um modelo de casaco que completa as *toilettes* simples de rua ou de passeio, feito em pannos de acabamento inglez, ornado de bandas e de cinta, go-

las voltadas e punhos. A segunda offerece uma indicação geral dos casacos de agasalho, em velludo, com guarnições de pelles. A terceira dá idéa da forma de vestido em velludo tambem com guarnições de pelles. Os chapeus, cujas dimensões avantajadas annunciamos aqui com a devida antecipação, vão perdendo, como era natural, o exaggero da primeira maneira, e, posto que conservem





ainda o mesmo feitiço geral, amoldam-se agora ao aspecto dos vestuários de inverno, harmonizando-se no tamanho e nos materiais empregados para enfeites com o uso das pelles e das grossas passamanerias. Apareceram já *toques* deliciosos de graciosidade para *toilettes de sport*, de automoveis ou de passeios de carruagem. Para os theatros, também se apresentam modelos de restrictas dimensões, e de leveza apropriada; porém, nas primeiras da moda, tem-se notado, como dominantes, as grandes *toilettes* largamente decotadas, cõrte redondo, ou recto na frente, para dar relevo aos bustos. Onde a variação

da moda se mostra mais saliente é no contorno dos colletes que modificam as curvas naturaes, e no feitiço das saias, divididas em muitos gomos ou nesgas. Um especialista no assumpto explica a necessidade de empregar esta nova forma de colletes pela visão de pessimo effeito que produz o defeito da entoptose quando se examina das plateas as attitudes das damas que apparecem nos camarotes e nos balcões. Afigura-se-nos muito especiosa a explicação; verdade é que já a fecundidade repetida da Montespan produziu na moda aquellas extraordinarias saias rodadas que nos mostram as pinturas do tempo.



JOLI CŒUR — QUADRO DE DANTE GABRIEL ROSSETTI

*E' uma das obras mais populares do celebre preraphaelista inglez. Ella mostra o lindo coração do seu collar; mas, na suave expressão do seu olhar, profundo e meigo, ella parece tambem desnudar o seu proprio coração, innocente e bom, ou — quem sabe? — cruel e enganador; que na commissura dos labios, levemente retrahidos, vê-se perpassar a indizivel expressão de vaidade, um tudo nada ironica. Delicioso symbolo do enigma feminino, d' aquelle mysterioso encanto eterno que tortura ou dulcifica a alma...*

METEOROLOGIA

Observatorio do Infante D. Luiz

Novembro e Dezembro	Barometro		TEMPERATURA						Chuva		Ozone	
	Nivel do mar		às 9 h. da manhã		maxima		minima		Millimetros		Grãos	
	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902	1901	1902
1	763,9	761,0	14,0	14,0	16,4	17,9	11,7	11,7	0,0	0,0	5,3	5,0
2	766,8	758,5	11,4	10,5	17,5	17,9	9,5	10,2	0,0	0,0	6,2	4,0
3	765,4	753,6	12,3	13,6	17,7	15,9	9,6	10,5	0,0	12,0	4,0	10,0
4	760,9	753,7	14,2	15,6	17,6	18,9	12,5	13,1	0,0	7,2	4,3	5,0
5	763,3	754,3	15,2	14,5	20,6	16,7	13,0	13,6	0,5	0,9	7,5	5,5
6	763,3	754,2	14,3	14,5	17,6	15,9	12,9	12,0	0,0	44,1	5,0	6,0
7	762,4	764,2	13,8	15,6	17,7	17,9	12,6	14,0	—	8,3	5,0	6,5
8	763,9	764,9	12,6	16,3	17,9	17,9	10,9	13,8	0,0	0,0	4,2	10,0
9	766,2	764,8	11,9	15,0	17,0	17,0	9,7	10,2	0,0	28,0	4,3	7,3
10	766,2	761,5	9,7	11,5	16,8	17,0	7,4	10,2	0,0	0,0	4,5	7,7
11	765,4	755,9	7,3	15,3	16,5	16,4	4,3	11,0	0,0	9,5	7,0	7,0
12	759,8	760,5	9,6	12,5	17,0	14,0	7,8	10,3	0,0	1,6	5,7	7,3
13	753,9	763,2	14,6	14,0	17,6	17,4	12,8	13,5	21,2	0,1	9,8	4,7
14	752,8	764,6	16,3	15,2	18,2	19,0	11,1	13,3	3,2	0,0	7,5	7,9
15	747,7	763,2	14,6	12,9	16,9	18,6	10,6	11,7	21,0	0,0	9,5	5,2
16	759,6	765,7	12,4	10,1	15,0	18,1	9,8	10,1	2,6	0,0	5,0	6,3
17	763,6	764,2	11,0	12,7	15,2	17,0	9,2	12,4	5,0	0,3	0,7	1,2
18	772,4	762,0	10,0	15,0	16,3	18,6	8,7	13,8	0,0	11,5	7,8	4,0
19	773,2	765,6	10,9	15,0	13,9	17,7	10,5	12,9	0,0	0,7	7,5	6,7
20	771,7	768,7	10,9	14,8	13,7	18,3	10,1	14,0	0,0	0,7	3,2	6,5
21	767,4	765,1	11,5	16,8	15,8	16,9	9,7	13,0	0,0	0,4	6,3	5,8
22	766,3	769,4	8,8	13,2	13,0	16,6	7,5	11,6	0,0	3,9	5,0	5,2
23	764,9	777,7	10,4	11,8	14,2	15,8	8,3	10,9	0,0	0,0	6,0	5,5
24	764,4	767,5	9,5	14,7	15,3	16,7	7,8	12,3	0,0	0,1	5,8	5,0
25	762,7	764,1	4,5	15,2	9,3	16,5	2,3	13,1	0,0	6,8	5,5	6,0
26	762,2	766,1	5,4	13,3	10,6	16,3	3,7	11,8	0,0	0,3	4,0	6,7
27	760,4	764,1	5,3	14,0	10,9	16,1	3,7	13,8	0,0	0,8	8,7	7,5
28	766,6	756,8	5,7	15,3	10,6	15,8	5,5	12,8	0,0	3,8	6,5	10,0
29	768,2	745,9	5,5	11,0	12,0	12,8	4,5	8,5	0,0	33,3	6,8	9,5
30	768,2	756,1	7,2	11,7	13,1	14,2	6,1	9,5	0,0	3,2	6,0	5,8
1	768,1	762,0	7,4	15,7	13,2	17,5	6,1	12,9	0,0	5,7	8,2	6,5
2	767,7	768,3	8,8	13,0	13,6	15,3	8,7	12,0	0,0	2,3	6,0	7,7
3	765,5	770,9	9,8	13,4	15,4	16,0	8,7	11,8	0,0	0,0	8,0	4,8
4	765,0	770,9	9,3	9,7	14,9	14,0	8,2	8,6	0,0	0,0	5,8	4,3
5	766,8	765,6	7,2	7,8	14,2	13,3	6,0	7,5	0,0	0,0	7,2	0,0
6	768,3	761,1	10,0	9,2	12,3	13,9	8,2	8,3	0,0	0,0	9,8	1,0
7	771,5	755,6	8,3	13,8	12,8	15,0	6,3	13,4	0,0	0,0	5,2	5,7
8	773,1	749,6	8,6	13,4	14,4	14,1	7,5	12,4	0,0	5,2	5,5	7,7
9	773,8	749,8	10,3	14,0	14,4	15,7	7,5	10,2	0,0	3,6	7,5	3,0
10	771,8	753,0	12,4	8,2	16,1	11,7	10,2	7,3	0,0	8,3	8,8	6,0
11	768,0	757,6	12,3	11,2	14,9	12,9	9,5	9,3	0,0	0,3	8,3	6,0
12	762,6	763,8	8,8	12,3	10,6	13,4	8,8	10,4	0,0	1,0	10,0	4,0
13	760,2	771,4	9,9	11,7	12,1	14,0	7,9	9,7	3,4	5,5	8,2	7,8
14	759,9	774,9	9,1	8,3	11,6	12,8	6,7	7,2	4,5	0,0	8,3	4,7
15	760,4	776,7	2,6	11,4	9,5	14,6	1,9	10,9	0,4	0,0	8,5	2,5
16	757,5	776,5	5,7	12,4	9,5	14,5	4,6	10,0	—	0,2	6,5	6,5
17	743,3	777,4	5,6	5,5	8,5	11,9	5,0	5,5	10,2	0,4	9,7	4,5
18	747,6	778,1	5,7	9,0	8,0	14,0	4,9	7,3	7,8	0,0	10,0	7,5
19	745,4	775,7	8,0	9,8	10,1	15,4	4,9	7,5	5,4	0,0	10,0	8,8
20	754,6	773,6	6,0	10,5	9,0	15,2	5,1	8,7	5,6	0,0	10,0	6,7
21	759,1	772,1	7,5	9,9	13,5	15,1	6,6	9,2	1,3	0,0	9,5	5,5
22	748,7	768,1	11,1	9,2	12,2	13,9	8,5	8,0	27,0	0,0	10,0	4,5
23	764,8	771,2	10,0	7,6	12,6	12,1	7,8	6,8	2,8	0,0	9,3	0,0
24	766,6	774,2	11,7	7,9	14,7	12,2	9,9	7,7	9,4	0,0	10,0	8,0
25	760,5	775,4	11,0	7,4	11,8	11,4	8,3	6,3	12,5	0,0	8,8	8,3
26	763,8	776,4	10,0	7,3	12,3	12,7	7,7	6,7	5,1	0,0	10,0	6,7
27	765,2	774,6	10,6	7,1	13,4	11,6	8,0	5,7	0,4	0,0	9,5	4,0
28	764,3	760,7	13,7	6,0	14,6	11,2	12,5	4,7	34,9	0,0	10,0	4,5
29	768,3	765,2	13,1	11,3	15,4	14,0	11,7	9,6	5,1	0,2	8,2	8,7
30	770,0	759,2	9,7	8,3	12,3	11,1	8,7	7,4	0,2	7,9	6,3	9,0
31	768,8	762,1	9,4	10,2	12,8	12,0	8,6	10,4	0,0	6,5	5,5	6,7

# VARIEDADES

## MEMENTO ENCYCLOPEDICO

AGOSTO. — 29 *Hespanha* — Inauguram-se em Gijon as sessões do congresso operario com a assistencia de delegados de quasi todas as provincias. O chefe dos socialistas hespanhoes, Pablo Iglesias, pronuncia um discurso affirmando que o socialismo gosa de grande força. — *Italia* — Declaram-se em gréve os operarios metallurgistas, os typographos, os marceneiros e os operarios das fabricas de tabacos em Florença. — *Russia* — Celebra-se o casamento da grã-duqueza Helena Vladimir com o príncipe Nicolau da Grecia.

30 *Russia* — O almirantado approva a construcção de trinta torpedeiros, de typo novo, para a esquadra do Baltico. — *Hespanha* — Em consequencia de uma polemica jornalistica batem-se em duello ao sabre os directores dos jornaes, *Dia* de Madrid e *Noticias* de Barcelona, ficando o ultimo ferido n'um braço. — *Belgica* — Dá-se uma explosão na fabrica de polvora de Costeau, em Mons, causando estragos materiaes importantes. — *Brazil* — O Centro Commercial do Rio de Janeiro vota por unanimidade que sejam conferidos diplomas de socios correspondentes á Associação Commercial de Lisboa e á do Porto. — *America Central* — A republica de Nicaragua envia uma nota aos governadores da America Central, pedindo-lhes o seu apoio para o caso da Columbia lhe declarar guerra. — *Martinica* — Produzem-se tres novas erupções no Monte Pelado. Lorrain é invadido por uma tromba de agua quente, fazendo 200 victimas no Carbet e perecendo grande numero de pessoas na costa septentrional da ilha. Em Fort-de-France um violentissimo golpe de maré obriga os habitantes a fugir para o interior. As povoações do monte Rouge e da ponta Boniloso e seus arredores são destruidas, causando 1060 mortes e 1500 feridos.

31 *Hespanha* — O rei de Hespanha concede o Tosão d'Ouro ao schah da Persia. — *Asia-Menor* — A cidade de Afion Karaissar, centro commercial importante é quasi inteiramente destruida por um incendio, fazendo estragos

consideraveis. — *China* — E' promulgado um edito imperial regulamentando todas as repartições do *likiu* no imperio chinês. — *França* — A Junta federal dos mineiros do Loire, vota por unanimidade a gréve na região carbonifera do Loire para o dia 12 de setembro. — *Africa* — Desencadeia-se na costa do Cabo de Boa Esperança um medonho temporal naufragando 18 navios de vela, 4 rebocadores e 12 barcos de carga.

SETEMBRO. — 1 *Inglaterra* — Realisa-se em Londres no Hyde Park uma grandiosa manifestação operaria preparatoria do congresso das Trade Union, assistindo cerca de 90.000 manifestantes com 200 musicas e 500 bandeiras, inaugurando-se o congresso presidido pelo popular agitador Steadman que pronuncia um discurso de abertura em sentido radical, alludindo á instrucção e ás relações entre o capital e o trabalho. — *França* — Aparece em Paris o primeiro numero do novo jornal *Tribune Française* dirigido por Jules Guerin e declarando no seu programma que será permanente anti-judaico e nacionalista. — *Russia* — O governo prussiano convoca a comissão do cholera em Berlim. — *Hespanha* — O conselho de ministros accorda na reforma do conselho de estado, que actualmente põe difficuldades á acção governativa. — *Flandres Occidental* — Um cyclone devasta Cartemark, demolindo numerosos predios de casas e ferindo muita gente.

2 *Africa* — Sentem-se fortes tremores de terra em Argel. — *Hungria* — Os estudantes e operarios croatas de Agram manifestam-se violentamente contra a população servia, travando-se conflictos em que ficaram feridas varias pessoas.

3 *Virginia occidental* — Os grévistas incendiam uma grande mina de carvão, em resultado do que se trocaram bastantes tiros entre a força publica e os grévistas. — *Inglaterra* — O congresso operario decide condemnar os auctores da guerra sul-africana, e demonstrar as suas sympathias aos grévistas de Gibraltar.

Dá-se uma explosão de grisu na mina de carvão perto de Tadegar, Galles, morrendo 16 mineiros. — *Marrocos* — Quatro mil berberes atacam a cidade de Mequinez depois de roubar bastante gado. — *França* — Em consequencia da laicização do azylo de Concarneau o conselho municipal de Brest dá a sua demissão. — *Allemanha* — Esbarronda-se um grande reservatorio de agua no palacio de Schonefeld, em Leipzig, ficando 20 pessoas feridas e morrendo 7. — *Africa do Sul* — A camara legislativa colonial da cidade do Cabo approva em terceira leitura o *bill* de indemnidade.

4 *Inglaterra* — Rebenta uma violenta tempestade nas costas de Inglaterra, fazendo numerosas victimas e estragos consideraveis e inundando varios bairros de Belfast e Liverpool. — *Allemanha* — Produz-se uma explosão de grisu nas minas de Albert-Vesoog, ficando sepultados 150 mineiros dos quaes 12 morreram. — *Belgica* — Abertura do congresso esclavinistico em Namur com a assistencia de numerosos prelados. — *Martinica* — Produz-se nova explosão no Monte Pellado perecendo 2.000 pessoas. Muitos dos habitantes abandonaram a ilha.

5 *Inglaterra* — Produz-se uma grande explosão n'uma mina de carvão do paiz de Galles, ficando 13 mineiros mortos e muitos feridos. — *Republica Argentina* — O parlamento argentino rejeita o projecto de lei do divorcio por 50 votos contra 48. — *China* — E' distribuido em Cantão uma proclamação dos boxers, incitando o povo ao massacre dos europeus por causa das medidas tomadas para garantir o pagamento da indemnização ás potencias.

6 *Italia* — E' expulso de Roma o correspondente do *Berliner Tageblatt* em razão de artigos systematicamente hostis áquelle paiz. — *Hespanha* — O governo resolve não denunciar o tratado com Portugal e entrar em negociações parciaes com o governo portuguez afim de obter algumas vantagens para os generos hespanhoes.

7 *França* — A maioria dos mineiros de Saint-Etienne vota por grande maioria a rejeição da greve immediata. — Sente-se um violento tremor de terra em Pau que dura 6 segundos.

8 *Hespanha* — Sentem-se tremores de terra em varias provincias. — *França* — Os mineiros de Saint-Etienne decidem fixar por meio de *referendum* se a greve no departamento do Loire deve rebentar no dia 12 d'este mez ou depois do congresso de Coventry. — *Republica Argentina* — E' destruida por um cyclone Ciudad Bolivar ficando 14 pessoas mortas e 50 feridas. — *Italia* — Declaram-se em greve 40 camponezes de Candella provincia de Foggia, reclamando augmento de salario, intervindo outros camponezes e gendarmes do que resultou a morte de 5 camponezes e ferimentos em 10.

9 *Hespanha* — Declara-se a greve quasi geral em Barcelona. Os operarios reclamam dois reales de augmento na sua feria diaria. — *França* — Desaba um viaducto em construc-

ção sobre a via ferrea em Saint-Agreve (Ar-dèche), morrendo 9 pessoas.

10 *Australia* — Mr. Irvine, presidente do conselho de ministros pede a dissolução do parlamento em seguida ao cheque que o governo recebeu. — *Colombia* — Os insurrectos colombianos esmagam em Santa Maria as forças do governo as quaes bateram em retirada. — *Cuba* — A camara dos deputados approva o projecto de emprestimo de 35 milhões de dollars com modificações. — *Venezuela* — Dá-se uma grande batalha em Tinaquillo entre as tropas do governo e os insurrectos commandados pelos generaes Mendoza e Riera, ficando estes completamente derrotados e ficando assim assegurada a paz nacional. — *Inglaterra* — E' publicado o Livro Azul contendo as recentes conferencias dos generaes boers com o sr. Chamberlain.

11 *Portugal* — Começam as manobras militares do Outomno. — *Albania* — Os albanezes forçam o consul da Russia em Mitrovitza a abandonar a cidade. — *Estados Unidos* — O governo americano oppõe-se ás instruções do governo haitiano que mandaram fechar os portos em poder dos firministas, a menos que o governo haitiano não repilla os insurrectos ou mantenha o bloqueio. — *Austria* — Declaram-se em greve 700 trabalhadores do porto de Trieste.

12 *Brazil* — O deputado Fausto Cardozo, opposicionista extremo, apresenta na sessão da camara uma denuncia contra o presidente da republica que a mesa envia para dár parecer a uma commissão especial. — *Allemanha* — O chanceller Bulow concede á sociedade dos caminhos de ferro de Cameroum licença para construir um caminho de ferro de penetração n'aquella colonia até ao lago Tchad. — *Inglaterra* — Eduardo VII nomeia uma commissão especial para proceder a um inquerito ácerca dos preparativos da guerra do Transwaal e das operações da guerra até á occupação de Pretoria. A corporação de Dublin vota por 40 votos contra 6 um protesto contra a applicação da lei de coerção. — *Hespanha* — Algumas povoações que vivem da alta de cambios telegrapham ao ministro da fazenda, protestando contra o syndicato que se trata de formar para baixar os cambios, o qual os iria arruinar. — *Algeria* — Sente-se em Soukaras um forte tremor de terra. — *Nova Zelandia* — Sentem-se varios tremores de terra em Cheviote.

13 *Inglaterra* — O *trust* do Oceano, cuja sede é em Liverpool, decide diminuir o andamento dos paquetes rapidos, realizando assim uma economia de 10 por cento nas despesas actuaes. As linhas allemãs concordam com esta medida. — *Estados Unidos* — A convenção adopta resoluções tendentes a sustentar a candidatura de Roosevelt nas eleições presidenciaes de 1904. O almirante Dewey será candidato á vice-presidencia. — *India* — Por motivo das innundações na região de Madrasta, abate a ponte do caminho de ferro á passagem do comboio.

**14 França**—As camaras municipal e de commercio de Marselha redigem um relatório que será submettido á approvação do parlamento como base de um projecto de lei para o estabelecimento de um porto franco n'esta cidade. — *Republica Argentina* — O governo argentino assigna com as casas Schneider e Hersent o contrato das obras do porto do Rosario. — *Colombia* — O governo colombiano auctorisa os empregados do caminho de ferro e das companhias de navegação a fazer serviço militar e suprime os impostos sobre os navios estrangeiros com excepção dos direitos de tonellagem. — *Venezuela* — Os insurretos venezuelanos surprehendem Los Toques, matando 60 governamentaes. — Uma proclamação do governo concede amnistia aos insurretos que se renderem dentro do praso de 40 dias.

**15 Allemanha** — Abertura do 13.º congresso dos socialistas allemães em Munich. — *Italia* — O aeronauta Parti realisa uma ascensão em Verona no balão Stella polare, cahindo da barquinha, á descida, e morrendo esmigalhado.

**16 Hollanda** — A rainha Guilhermina abre os Estados Geraes e pronuncia o discurso da corôa que é consagrado unicamente aos negocios internos.

**17 Italia** — Os deputados francezes, no congresso de livre pensamento, em Genova, pedem a suppressão do juramento judiciario. — *China* — A China cede á Italia a colonia commercial da bahia Sammun. — *Africa do Sul* — A *Gazeta Official da Cidade do Cabo*, publica um decreto abolindo a lei marcial e pondo em vigor a lei chamada de garantia de paz.

**18 China** — A camara de commercio de Hong-Kong vota a resolução de estabelecer um serviço rapido de navegação no Atlantico. A companhia canadiana do Pacifico é encarregada d'este serviço. A viagem de Londres a Hong-Kong durará 26 dias. — *Baviera* — O congresso socialista de Munich approva as resoluções tendentes a desenvolver os seguros operarios para os casos de doença, falta de trabalho e desastres e a tomar parte no congresso internacional de 1903 em Amsterdam com o intuito de oppôr a união proletaria á alliança politica militarista. — *Estados Unidos* — E' decidida na conferencia de Oyster-bay que o presidente Roosevelt seguirá a politica de Mac-Kinley, modificando as pautas no systema de reciprocidade.

**19 Belgica** — Realisa-se em Ostende uma conferencia dos armadores que delibera formar um *trust* que mantenha na Europa o monopolio de transportes maritimos para a America do Sul. — *Italia* — Em seguida a uma discussão no congresso do livre pensamento em Genova, batem-se em duello á espada, Mr. Cornet, deputado radical socialista francez e um official italiano, ficando este gravemente ferido no lado direito. — *França* — Dá-se em Bordeus um choque entre o comboio expresso de Bayonna e o que vinha de Tarbes, ficando quinze passageiros feridos. — *Alabama* — Produz-se um panico na egreja de Bermingham mor-

rendo 80 pessoas, na maioria mulheres e ficando outras tantas feridas. — *Australia do Sul* — Sentem-se violentos abalos de terra.

**20 Inglaterra** — O imperador Menelik, da Abyssinia, é nomeado membro honorario da divisão militar de primeira classe ou divisão de cavalleiros da gran-cruz da Ordem do Banno. — *Portugal* — São victimas de uma queda de uma *charrete* proximo a Cascaes o conde de Sabugosa e sua filha Maria que morreu instantaneamente ficando o Conde muito contuso.

**21 Italia** — Declaram-se em greve 5:000 operarios tecelões de Monza.

**22 Hespanha** — Por indicação do ministro da guerra exoneram-se os governadores civis pertencentes aos corpos do exercito e da armada. — *Turquia* — O conselho de ministros decide acceitar na integra o projecto de unificação da divida. — *Equador* — Sente-se um violento tremor de terra em Guayaquil

**23 Hespanha** — Uma nota do governo hespanhol ao Vaticano acceita a nomeação de uma commissão mixta proposta pela Santa Sé, para examinar a questão da reducção dos vencimentos do clero. — *Bohemia* — Produz-se, nos arredores de Ceichenberg, uma explosão n'um balão, no momento em que lançava a ancora a terra, ficando trinta pessoas gravemente feridas. — *Jamaica* — Violentos furacões, nas regiões septentrionaes da ilha de Kingston, matam muitas pessoas e causam grandes estragos.

**24 França** — Declaram-se em grève 8000 mineiros de Commentry. — *Brazil* — A camara dos deputados regeita por grande maioria a denuncia do presidente Campos Salles, cujo parecer entrára em discussão.

**25 Hespanha** — Inaugura-se em Barcelona a exposição da arte antiga. Varios oradores pretendem ler discursos em catalão ao que o capitão general se oppõe, dando-se conflictos e resolvendo-se lêr os discursos em castelhano. — Em Antequera, reúnem-se varios operarios da fabrica de lãs e decidem pedir augmento de salarios, terminando em batalha campal entre todos e resultando ficar um morto e outro ferido. — *Italia* — Por ordem do Papa, o cardeal vigario dirige aos bispos da Italia uma circular annunciando que Leão XIII reprova absolutamente a exaltação dos jovens democratas christãos e não deseja que elles tomem parte nas eleições politicas. — Um incendio no Macevata-Macranise, na provincia de Caserta, destroe 20 casas, matando 6 pessoas e produzindo estragos no valor de 300.000 liras. — *Allemanha* — Realisa-se em Hamburgo a abertura do congresso maritimo internacional, discutindo-se o estabelecimento do projecto do codigo internacional relativo ao abalroamento de navios e salvamento de seguros.

**26 Italia** — O grão-mestre da maçonaria italiana convida todas as lojas a abrirem subscrições a favor dos boers. — Um terrivel cyclone provoca innundações em Catanea, fazendo importantes estragos em muitas casas e na linha do caminho de ferro, encontran-

do-se nos escombros 100 cadáveres. — *Austria* — O conde Paulo Ktemervie, mata em scena a tiros de revolver no theatro de Vianna, a prima dona russa Theadora Simonvas que lhe regeitava os galanteios. — *Hespanha* — O conselho de ministros determina que se reuna a junta das auctoridades de Barcelona para combinar se se deve levantar a suspensão das garantias. Na fabrica de estamparia Sanz amotinam-se 160 operarios, resultando varios ferimentos.

**27 França.** — O congresso mineiro de Comentry approva por 80 votos contra 18 o dia normal de 8 horas de trabalho, comprehendendo-se n'ellas a descida e a subida e o tempo necessario para as refeições. — Descarrila em Arleux um comboio de passageiros, matando 32 pessoas e ferindo muitas outras. — *Hespanha* — O governo resolve levantar o estado desitio a Badajoz.

**28 Hespanha** — A casa ingleza de Vickos concede ao estaleiro de Cadiz, o exclusivo da construção de submarinos da sua invenção. — *Austria* — O dr. Moser apresenta no congresso medico de Carlsbad uma memoria demonstrando ter descoberto o serum da escarlata.

**29 Allemanha** — O governo allemão envia uma nota ás potencias estrangeiras para se reunirem em Berlim afim de deliberarem sobre a telegraphia sem fios.

**30 China** — Os inglezes entregam aos chinezes os caminhos de ferro de Pekim e Chan-Hae-Kuane. — *Brazil* — Os revolucionarios do territorio do Acre proclamam a independencia d'este territorio e declaram guerra á Bolivia.

**OUTUBRO.** — **1 Hespanha** — Realiza-se com toda a solemnidade a reabertura das universidades hespanholas. — E' inaugurado o curso do instituto de S. Sebastian com a assistencia do rei Affonso XIII e de uma commissão de professores francezes de Bayona,

**3 Portugal** — Inauguração solemne do monumento a Affonso de Albuquerque, erigido na praça de D. Fernando em Belem assistindo ao acto Suas Magestades e todas as auctoridades civis e militares. — *França* — Uma reunião de 1000 mineiros na Casa do Povo em Lens vota a gréve immediata, reclamando augmento de salario. — *Estados-Unidos* — Dá-se uma explosão de grisú nas minas de carvão de Blank Diamant, ficando mortos 17 mineiros.

**4 Missouri** — Em Saint-Joseph desaba um estrada, caindo d'elle 1500 pessoas, 200 das quaes ficaram feridas e algumas mortalmente.

**5 Hespanha** — Os caixeiros de commercio recorrem a uma manifestação tumultuosa em varias ruas de Madrid pedindo o descanso dominical, resolvendo formar uma grande federação de toda a classe dos caixeiros.

**8 Suissa** — A grande maioria dos syndicatos operarios de Genebra decide a gréve geral se não forem concedidas aos grevistas dos «tramways» as reivindicações que elles reclamam, declarando-se em gréve 20.000 operarios. —

*França* — Dos 48.000 mineiros da região carbonifera do Pas-de-Calais, 36.000 suspendem o trabalho. O comité nacional de mineiros, em Paris, delibera fazer a gréve geral. — *China* — Em cumprimento do tratado sobre a Mandchuria é dada posse ás auctoridades chinezas da parte d'aquelle territorio situado ao sul do rio Liao. — *Africa do Sul* — Terminam os trabalhos da ligação da via ferrea ligando Bulwayo a Salisbury, pondo assim em communicação o caminho de ferro de Captown e Beira. E' publicada em Pretoria uma portaria modificando as pautas, provisoriamente, até á conclusão por união aduaneira. — *Brazil* — As tropas da Bolivia invadem o territorio brasileiro e atacam varias povoações.

**9 França** — Os mineiros de Firminy decidem começar a gréve, assim como 6.000 de Saint-Etienne. O congresso radical socialista reunido em Lyon vota que se dirijam felicitações ao governo. — *Corea* — O governo prende diversos missionarios inglezes, accusados de terem excitado a população contra o regimen vigente. — *Africa* — E' preso Cambuembra, famigerado capitão da Zambesia.

**10 Turquia** — A Sublime-Porta dirige ás potencias uma nota energica protestando contra o procedimento dos comités macedonicos. — *França* — O congresso radical-socialista de Lyon, delibera pedir ao governo que favoreça os accordos internacionaes susceptiveis para assegurar a conclusão dos trabalhos permanentes de arbitragem e convida-o a examinar o funcionamento do tribunal permanente de Haya.

**11 Suecia** — O ephoro das antiguidades Solirialis, no decurso das excavações de pesquisas feitas perto de Cephiso, em Checronea, descobre o sitio onde, segundo Plutharco, os macedonios sepultaram os seus mortos cahidos na celebre batalha, tendo-se encontrado ao lado de um delles, uma lança denominada «sarina». — *Africa do Sul* — O governo da colonia convida os estrangeiros prejudicados por causa da guerra a apresentar as suas reivindicaciones, sendo excluidos d'esta medida os que prestaram auxilio ao antigo regimen.

**12 Belgica** — Os mineiros de Charleroi decidem pedir augmento de salario de 20% afim de impedir o fornecimento do carvão belga á França. — *França* — E' collocada a primeira pedra da ponte sobre o Rhodano em Valence, pelo presidente da Republica.

**13 Suissa** — Todos os operarios em gréve, em Genebra, por accordo com os patrões, decidem recommençar o trabalho. — *França* — O aeronauta Bradsky e o engenheiro francez Morin são victimas da queda de um balão a 600 metros de altura por se ter desprendido a barquinha do envolucro, morrendo esmigalhados proximo a Saint-Denis. — Chegam a Paris os generaes boers que são aclamados pela multidão. — Os deputados nacionalistas, reúnem-se no palacio Bourbon, em Paris, sob a presidencia de Cavaignac, deliberando formar um grupo denominado «Republicano-Nacionalista.» — Os mineiros dos trez poços

do Grand-Hornu, Mons, declaram-se em greve reclamando augmento de salario.—*Estados-Unidos*—Declaram-se em greve 2 500 jornalistas de New-Yorck exigindo um ordenado minimo de 70 francos por semana.—*Austria*—O governo Austro Hungaro notifica ao governo Servio ser sua intenção não prolongar o tratado de commercio que expira em 1903.

**14** *Hespanha*—O conselho de ministros resolve reorganizar os serviços de marinha e propôr a renovação do tratado de propriedade litteraria entre a Hespanha e os Estados Unidos.—*França*—Os typographos de Saint-Etienne tornando-se solidarios com os mineiros, declaram-se em greve geral.—*Venezuela*—O governo venezuelano transfere a capital de Caracas para Los Teques.

**15** *Italia*—Os carmelitas descalços procedem á eleição do seu geral, escolhendo o reverendo Pio Mayer, allemão.—*Martinica*—Ouvem-se novas detonações e sentem-se abalos sismicos em Les Saintes e Marie Galante.

**16** *Portugal*—Parte para o estrangeiro Sua Magestade El-rei D. Carlos I.—*Turquia*—O conselho de ministros delibera pagar o saldo de nove milhões de francos das dividas do caes, pelas quaes o governo francez em tempo fez energicas reclamações ao governo turco.—*França*—Effectua-se em Toulouse a primeira sessão do congresso da paz.—O Banco de Paris et des Pays Bas toma a seu cargo o emprestimo de 25 milhões de francos ao Estado da Bahia.—Termina a greve dos operarios das minas de carvão do Grand-Hornu em Mons.—*Estados Unidos*—E' proclamada oficialmente a terminação da greve do carvão em New-York.—O sr. Root, secretario da guerra dá ordem para a redução do exercito ao minimo legal de 58.600 homens.—*Allemanha*—Chegam a Berlim os generaes boers.—*Hespanha*—O conselho de ministros fixa as forças permanentes do exercito para o anno proximo em cem mil homens.—*Austria*—Abertura solemne da camara dos deputados do estado austriaco, em Vienna.—*Inglaterra*—A camara dos communs recomeça as suas sessões.

**17** *Portugal*—Dá-se um choque entre dois comboios na estação do Cacem na linha de Cintra produzindo bastantes estragos materiaes, morrendo um conductor e ficando algumas pessoas feridas.—*Austria*—O ministerio nega licença aos religiosos da *Grande Chartreuse*, que haviam sahido de França por causa do decreto das congregações religiosas, para se estabelecerem em Vienna.—*Servia*—O rei Alexandre aceita definitivamente a demissão do gabinete presidido pelo dr. Vowitch.

**18** *França*—O congresso da paz em Toulouse encerra os seus trabalhos e emite o voto de que o governo, afim de evitar o conflicto de Marrocos, procure, com o concurso da Hespanha, uma solução pacifica e definitiva á questão marroquina.

**19** *Portugal*—São publicados no *Diario*

do *Governo* varios decretos sobre instrução publica.—*Hespanha*—Declaram-se em greve 3.000 operarios das fabricas de tecidos de seda em Valencia.—*Servia*—Fica constituido o novo gabinete, sendo presidente do conselho de ministros o ministro das obras publicas sr. Velimirovitch e ministro dos negocios estrangeiros o tenente-coronel Antonich. O gabinete comprehende 4 radicaes, 2 progressistas e 2 neutros.

**21** *Brazil*—Vinte e quatro fabricas de assucar da cidade de Campos e uma de S. João d'El Rei suspendem a laboração por causa da baixa do preço do assucar no mercado do Rio de Janeiro.—*Allemanha*—O *Reichstag* adopta a pauta aduaneira proposta pela commissão, fixando a pauta minima em 5 marcos e meio.—*Belgica*—A junta nacional da federação dos mineiros belgas de Charleroi decide manter o pedido de augmento de 15 por cento nos salarios e promover uma reunião de representantes dos mineiros estrangeiros, com o intuito de crear um movimento geral internacional de mineiros.—*França*—Os delegados da Federação geral dos trabalhadores reunidos na Bolsa do Trabalho, em Paris, approvam uma moção dizendo que a Junta Federal está prompta a acceitar um accordo para a lucta geral baseada nas reivindicações communs a todo o proletariado.—O syndicato dos trabalhadores do porto de Dunquerque decide a greve geral. A Junta dos negociantes vota o «lock-out».—Os «dockers» de Calais adherindo aos de Dunquerque suspendem o trabalho.—*Italia*—A Italia dirige um «ultimatum» á Turquia por causa dos piratas do mar Vermelho.

**22** *Inglaterra*—Chegam a Londres os generaes boers.—*Dinamarca*—O parlamento regeita por 32 votos contra 22 o projecto do governo tendente á venda das Antilhas dinamarquezas.—*França*—A União das Camaras e dos Syndicatos operarios de Marselha decide solidarisar-se com os mineiros e preparar a greve geral de todas as corporações.—*Samoa*—O rei Oscar da Suecia, arbitro do conflicto relativo a Samoa, profere a sentença a favor da Allemanha, tornando a Inglaterra e os Estados-Unidos responsaveis pelos prejuizos que os estrangeiros soffreram.—*Africa*—O comité especial de Katanga, em Bruxelas encarrega o capitão Jacques de estudar o traçado de um novo caminho de ferro que partirá do lago Kisale dirigindo-se ao sul da fronteira ingleza. O caminho de ferro deverá mais tarde ligar-se ao caminho de ferro do Cabo da Boa-Esperança.

**23** *França*—Os carvoeiros encarregados da descarga dos navios de carvão declaram-se em greve.—*Hespanha*—Dá-se uma explosão na fabrica de polvora, propriedade do estado, em Lanora, explodindo 60 kilos e ficando gravemente feridos seis operarios.—*Bolivia*—A Bolivia publica uma declaração official dizendo que nunca teve intenção de ceder ás pretensões brazileiras tendentes á annullação das concessões dadas ao syndicato americano no

territorio do Acre. — *Turquia* — A Porta Otomana notifica ao governo italiano que aceita as reclamações do ultimatum punindo os piratas, destruindo as embarcações e pagando a indemnisação de 1.500.000 liras. — *Allemanha* — Reunem-se em Berlim os membros da comissão internacional das providencias contra a tuberculose. — *Africa* — O governador de Moçambique manda prender o sr. Grove, chefe da expedição da companhia de exploração e tracção africana por este ter criticado a administração portugueza.

24 *França* — Os operarios syndicados do porto de Dunkerque, decidem findar a greve e recommear o trabalho. — *Estados-Unidos* — E' publicada a ordem que reduz o effectivo do exercito regular.

25 *Republica Argentina* — Um terrivel furacão destroe cem casas no porto Diamante, na provincia de Entre-rios, fazendo quinze mortes e numerosos feridos e sossobrando diversas embarcações. O furacão causou estragos tambem em Vogoya, Galvez e outras localidades. — *Hespanha* — Dá-se uma explosão nas minas de Jaen perecendo tres operarios e ficando feridos cinco. — E' enviada aos funcionarios de justiça uma circular contra o duello. — *Inglaterra* — Realiza-se em Guild-Hall a procissão regia. — *Estados-Unidos* — O comboio expresso *Northern-Pacific* é atacado na região deserta de Montana por uns bandidos que fuzilam o machinista e roubam as malas da correspondencia postal registada, não atacando os passageiros.

26 *Suissa* — Realizam-se em toda a Suissa as eleições para o conselho nacional, conservando os radicaes grande maioria. — *França* —

E' inaugurada em Nantes a estatua do coronel Viellebois-Mareuil. — *Hespanha* — Os delegados dos syndicatos operarios de Valencia deliberam declarar a greve geral se os patrões não accederem as pretensões dos grévistas tecelões. — *Republica Argentina* — O presidente Julio Roca inaugura as obras do porto do Rosario.

27 *Hespanha* — Realisa-se em Bilbao a inauguração do congresso internacional de seguros sociaes. — *Inglaterra* — A camara dos commons rejeita por 215 votos contra 121 uma proposta do deputado nacionalista O' Brien para que se discuta desde já a situação da Irlanda. — *Cidade do Cabo* — Em consequencia da redução de salarios estão em greve 1.100 «dockers» do porto de Table-bay. — *Portugal* — Realisa-se a primeira corrida de automoveis entre a Figueira da Foz e Lisboa, ganhando o premio o *Fiat* de Sua Alteza o Infante D. Affonso.

28 *Dahomey* — O ex-rei Behanzin dirige uma carta ao deputado por Guadalupe, pedindo a repatriação. — *Portugal* — Produz-se um violento incendio a bordo do vapor italiano *Primavera* proximo das Berlengas, que por fim se submergio, sendo salva a tripulação.

29 *Cidade do Cabo* — Termina a greve dos «dockers» do porto de Table-bay, visto os patrões resolverem manter os antigos salarios.

31 *Inglaterra* — A camara dos commons approva por 165 votos contra 69 a clausula do *bill* do ensino concernente á instrucção primaria. — *França* — A comissão do orçamento elege seu presidente o sr. Dounoer, e relator geral o sr. Berteaux radical socialista.



## NECROLOGIA

SETEMBRO 4 — CONSELHEIRO FERREIRA D'ALMEIDA, 54 annos, em Livorno, ministro honorario da pasta da marinha e capitão de mar e guerra, etc.

5 — Dr. VIRCHOW, em Berlim, eminente physiologista allemão e notavel homem de sciencia, ultimo adversario da doutrina evolucionista.

9 — VAN ASCH VAN WYCK, em Haya, ministro das colonias do gabinete hollandez.

11 — THOMÁS BISYAN LIVERMOVRE, em Albacete, bispo de Murcia.

19 — MARIA HENRIQUETA, Rainha da Belgica, 56 annos, em Spa, victima d'uma doença do coração.

25 — Dr. SILVIANO BRANDÃO, no Rio de Janeiro, vice-presidente eleito da republica do Brazil.

OUTUBRO 4 — Almirante WANDENKOLK no Rio de Janeiro.

7 — LIU-KUN-YI, vice-rei de Nan-King, em Shanghae.

10 — YO-TAO-MON, vice-rei das provincias de Kuangs, em Hong-Kong.

## THEATROS

*Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de setembro e outubro*

SETEMBRO 5 — O CÃO DO INGLEZ (SHAKESPEARE), peça em 3 actos (Theatro da Rua dos Condes).

OUTUBRO 12 — O GALLO D'OURO, (*Le Serment d'amour*) peça de Maurice Ordonneau, traduzida pelos srs. Sousa Bastos e Libanio

da Silva, musica de Audran (Theatro da Avenida).

18 — OS HERDEIROS DE RABOURDIN, comedia em tres actos de Emilo Zola (Theatro do Gymnasio).

22 — O POETA BOCAGE, operetta em 3 actos,

original do sr. Eduardo Fernandes, com musica do sr. Filippe Duarte (Theatro da Rua dos Condes).

29 — A REVOLUCIONARIA, peça de George Feydeau, traduzida pelos srs. Xavier Marques

e Fernando Mendes (Theatro do Principe Real).

27 — NELLY ROSIER, peça em tres actos de Hannequin e Billaud, traducção do sr Eduardo Garrido (Theatro de D. Amelia).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

**Positivos azues sobre marfim**

Preparem se as duas soluções seguintes :

A - Oxalato de ferro.....	30 gr.
Agua.....	50 cc.
B—Amoniaco.....	25 »
Agua.....	50 »

Reunam-se estas soluções e mergulhe-se n'ellas a folha de marfim bem limpa deixando-a por espaço de 50 a 70 horas ao abrigo da claridade, findo o qual se retira e secca-se n'um logar escuro.

A impressão é feita com o negativo durante 40 a 50 minutos ao sol, revelando-se em seguida n'uma solução de :

Agua distillada.....	150 cc.
Prussiato vermelho de potassa.....	5 gr.
Solução saturada do acido oxalico.....	20 cc.

Logo que a imagem tiver attingido a intensidade desejada, retira se do banho e lava-se em abundante agua. Depois de secca, faz-se desaparecer com uma trincha todo o excesso de oxalato de ferro e amoniaco que estiver á superficie.

Se a imagem se apresentar muito intensa, dever-se-ha mergulhal-a n'uma solução de cyaneto de potassa a 2 % lavando-a e secando-a depois.

**Maneira de sensibilizar o papel de cartas**

Para sensibilizar o papel de cartas o meio mais simples é o seguinte : mergulhe-se em primeiro logar o papel n'uma solução de chloreto de soda (sal de cosinha) a 1 %, passando-se em seguida, depois de secco, e sómente

no sitio que se deseje sensibilizar, um pincel imbebido n'uma solução de prata a 10 %.

Juntando ao sal a 1 % uma quantidade igual de phosphato de soda os resultados são ainda mais satisfatorios.

A solução compõe-se de :

Agua.....	100 cc.
Chloreto de soda.....	1 gr.
Phosphato de soda.....	1 »

Afim de evitar o ter de mergulhar o papel na solução, passa-se esta com um pincel e deixa-se seccar, e sensibilisa-se tambem da mesma fórma com o azotato de prata, mas em sitio onde haja pouca luz e fazendo seccar rapidamente.

A impressão é feita na prensa, finda a qual se deve lavar o papel mas unicamente na parte impressa, dando se-lhe em seguida o banho de viragem e por fim o fixador, podendo o ar oniacio substituir o hyposulfito.

**Positivos sobre vidro opalino**

Logo que o negativo esteja bem fixado e lavado, mergulha-se n'uma solução de :

Agua.....	300 cc.
Chloreto de mercurio.....	10 gr.
Acido chlorhydrico.....	15 »
Chloreto de soda (sal de cosinha).....	5 »
Sulphato de ferro.....	5 »

onde se tornará branco. Lava-se em seguida cuidadosamente e deixa-se seccar.

Logo que esteja completamente secco, passa-se sobre a gelatina uma camada de verniz escuro.

Estes positivos apresentam um bonito aspecto.

PACIENCIAS

**Os onze**

(1 baralho de 52 cartas)

Fazem-se 3 linhas de 4 cartas cada uma tiradas do baralho, formando um total de 12 cartas. O resto do baralho conserva-se na mão com os desenhos voltados para baixo.

A' proporção que se vão tirando as cartas

para as dispôr nas linhas, e só emquanto se procede á disposição, vê-se se sahe alguma figura, se sahir, não se colloca na linha, mas passa-se para a parte debaixo do baralho, isto é, collocam-se apenas nas linhas as cartas desde az até dez.

Logo que as linhas estejam dispostas, ver se a somma de duas cartas perfaz os pontos,

isto é, dez e az fazem 11, sete e quatro 11, seis e cinco 11, nove e dois 11, etc. (o az vale sempre 1 ponto) e sobre duas cartas que perfazem 11 pontos colloquem se outras duas uma sobre cada uma d'ellas, e verifique-se se estas entre si ou com qualquer das outras já collocadas perfazem os 11 pontos, tornando a

collocar outras duas cartas e assim successivamente.

A paciencia considera-se terminada quando não restar carta alguma na mão, isto é, se até ao esgotamento do baralho houver sempre collocação para perfazer 11 pontos e acabando todas as linhas por figuras.

## CONHECIMENTOS UTEIS

**Solidos invisíveis.**—Ha alguns annos, o celebre romancista inglez Wells concebeu a idéa de um homem invisivel; e sobre esta elaborou uma das suas mais phantasticas narrativas: similhante a outras obras do mesmo auctor, esta fundou-se sobre um excellente principio scientifico, de sorte que nenhuma objecção plausivel se podia fazer á base d'ella. Os objectos são distinguiveis, uns dos outros, porque os raios da luz incidem sobre elles differentemente. Póde vêr-se por exemplo, um pedaço de vidro dentro da agua, mas se os raios de luz que n'elle incidem, se despersarem precisamente na mesma extensão de agua, tornar-se-ha invisivel.

De facto, um objecto transparente, qualquer que seja a sua fórma, desaparece quando submergido n'um meio tendo o mesmo poder refringente e dispersivo da luz. Se se podesse encontrar um solido transparente n'estas condições de luz, produzindo o mesmo effeito mergulhado no ar, havia de ser absolutamente invisivel.

Este foi o facto scientifico sobre o qual Wells deixou divagar a sua imaginação, e

que recentemente prendeu a attenção do professor Wood, o qual se tem dedicado ao problema de tornar objectos invisíveis. Assim usou d'uma solução de hydrato de chloral em glicerina e obteve um liquido que tem todas as propriedades do vidro de fórma que uma varinha de vidro desaparece inteiramente n'elle. O professor Wood mettu tambem um pequeno cylindro de vidro dentro d'um globo, pintado por fóra com uma tinta luminosa. Olhando através d'um pequeno orificio o cylindro ou rolha de vidro estava completamente invisivel, apesar do globo todo estar illuminado de uma luz azul.

N'este caso a invisibilidade resultava do facto do objecto ser transparente e illuminado igualmente de todos os lados. Seria, portanto, possivel construir um quarto, pelo mesmo plano, no qual todos os objectos transparentes desapareceriam inteiramente da vista. São estes os trabalhos de nova prestidigitação que occupam a attenção d'este professor, querendo justificar pela experiencia scientifica a imaginosa criação do romancista.

## PROBLEMAS

### Resoluções do numero anterior

N.º 40 — 2 h. 27' 41", 1276.

N.º 41 — 17; 9.

### Num. 43.

Achar um numero cujo quarto e septimo multiplicados um pelo outro dêem um producto igual a 112.

### Num. 44.

Achar tres numeros taes que escriptos cada um adiante do outro, cada um d'elles exceda o precedente de 5 e cujo producto seja igual a 8 vezes a somma dos tres numeros.

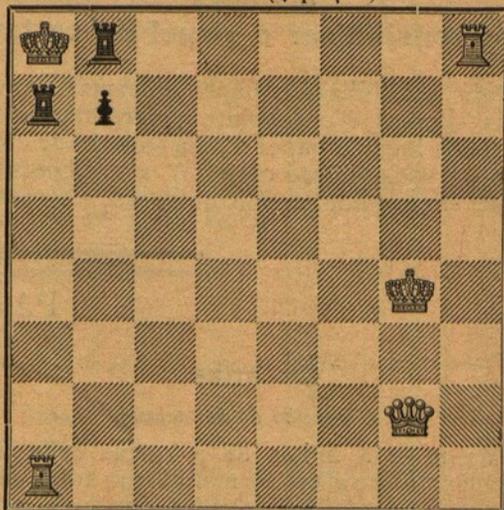
### Num. 45.

A população de uma cidade elevou-se em 24 annos de 32.500 habitantes a 66.066. Quantos por cento augmentou cada anno?

### Num. 46.

### XADREZ

PRETOS (4 peças)



BRANCOS (4 peças)

Os brancos jogam e dão mate em dois lances

